

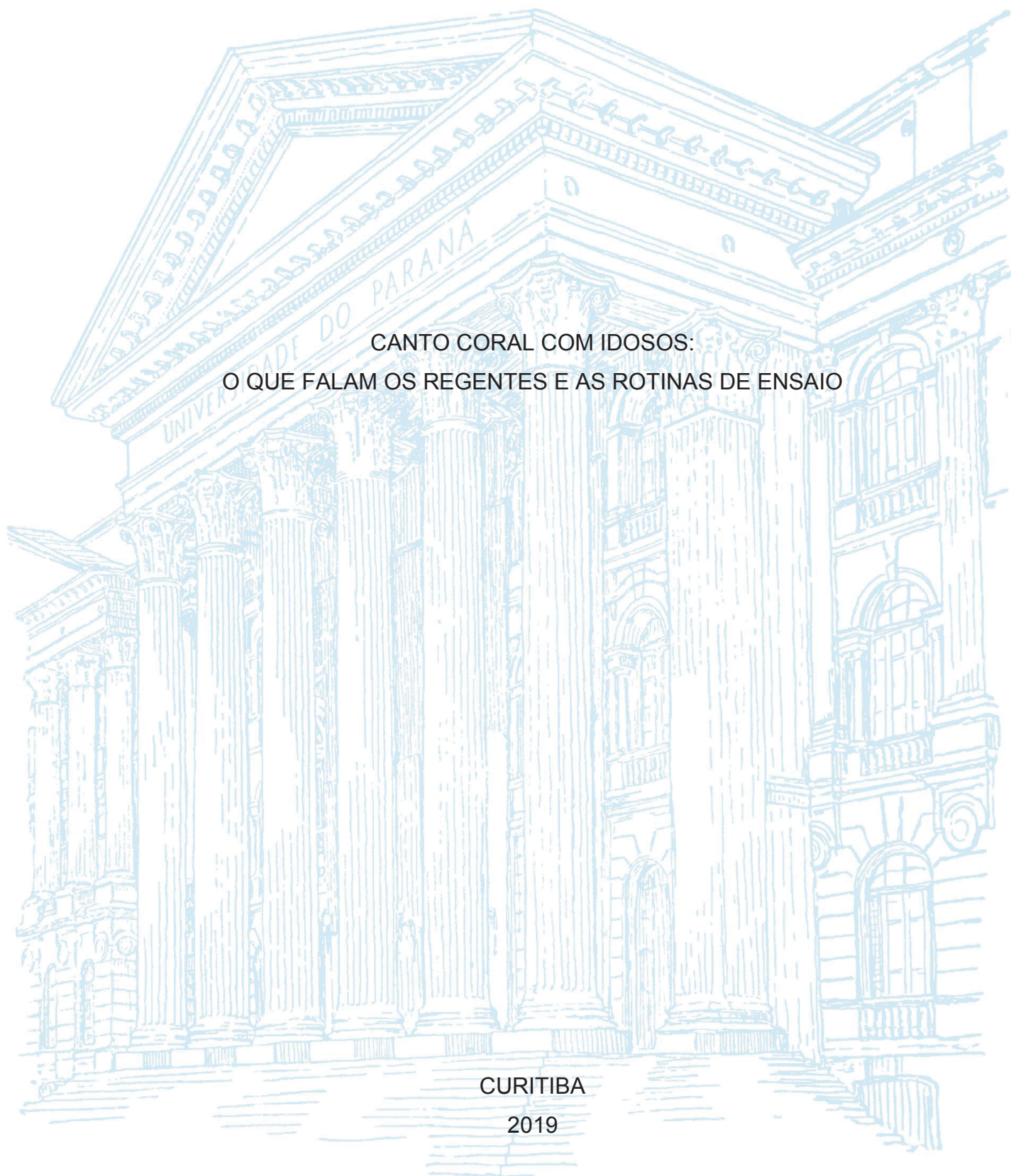
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JEIMELY HEEP BORNHOLDT

CANTO CORAL COM IDOSOS:  
O QUE FALAM OS REGENTES E AS ROTINAS DE ENSAIO

CURITIBA

2019



JEIMELY HEEP BORNHOLDT

CANTO CORAL COM IDOSOS:  
O QUE FALAM OS REGENTES E AS ROTINAS DE ENSAIO

Dissertação apresentada como requisito Parcial à obtenção do grau de Mestre em Música ao Programa de Pós-Graduação em Música, Linha de Educação Musical e Cognição Setor de Artes, Comunicação e Design, Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Prof. Dr. Guilherme Gabriel Ballande Romanelli.

CURITIBA

2019

Catálogo na publicação  
Sistema de Bibliotecas UFPR  
Biblioteca de Artes, Comunicação e Design/Batel  
(Elaborado por: Karolayne Costa Rodrigues de Lima CRB 9-1638)

Bornholdt, Jeimely Heep

Canto coral com idosos: o que falam os regentes e as rotinas de ensaio /  
Jeimely Heep Bornholdt. – Curitiba, 2019.  
149 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gabriel Ballande Romanelli.  
Dissertação (Mestrado em Música) – Setor de Artes, Comunicação e  
Design, Universidade Federal do Paraná.

1. Canto coral - Idosos 2. Coral - Ensaios. 3. Regência de coros I.Título.

CDD 781.365

**TERMO DE APROVAÇÃO**

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em MÚSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JEIMELY HEEP BORNHOLDT**, intitulada: **CANTO CORAL COM IDOSOS: O QUE FALAM OS REGENTES E AS ROTINAS DE ENSAIO.**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 13 de Maio de 2019.

  
GUILHERME GABRIEL BALLANDE ROMANELLI  
Presidente da Banca Examinadora

p/   
CLÁUDIA RIBEIRO BELLOCHIO  
Avaliador Externo (UFSC)

  
ROSANE CARDOSO DE ARAÚJO  
Avaliador Interno (UFPR)

JEIMELY HEEP BORNHOLDT

CANTO CORAL COM IDOSOS:  
O QUE FALAM OS REGENTES E AS ROTINAS DE ENSAIO

Dissertação apresentada como requisito parcial à para obtenção do grau de Mestrado em Música, Setor de ciência Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gabriel Ballande Romanelli  
Departamento Teoria e Prática de Ensino,  
Universidade Federal do Paraná

Profª Dra. Cláudia Ribeiro Bellochio  
Departamento Metodologia do Ensino,  
Universidade Federal de Santa Maria

Profª Dra. Rosane Cardoso de Araújo  
Departamento de Artes, Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 13 de maio de 2019.

Ao Leonardo, meu amado esposo  
Ao meu filho amado Mathias  
Aos idosos que conheci durante a  
minha caminhada, vida longa e **musical** a  
todos!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

Ao meu amado esposo **Leonardo**, que tanto me apoiou nesse processo da dissertação. Obrigada pela paciência e amor demonstrados a cada dia. Essa conquista é nossa!

Ao meu filho **Mathias**, que mesmo pequeno sempre incentivou a mamãe em cada beijo e abraço, renovando as forças durante essa etapa de minha vida.

Ao meu orientador, professor Dr. **Guilherme Gabriel Ballande Romanelli**, pelo tempo dedicado à conversas e troca de ideias, pelos ensinamentos, e pelo exemplo de plena dedicação ao trabalho. Obrigada!

À minha Banca Examinadora, à professora Dra. **Cláudia Ribeiro Bellochio**, que me acompanhou durante os anos da graduação e a qual tenho o privilégio de ter em minha banca. À professora Dra. **Rosane Cardoso de Araújo**, por ter aceitado participar da banca e ter engradecido ainda mais essa pesquisa. Obrigada às duas por todas as contribuições, reflexões e ensinamentos.

Aos **regentes** que, dedicando seu tempo, participaram dessa pesquisa. Sem vocês não seria possível, muito obrigada.

Aos **idosos** que me motivaram e motivam a cada dia. Ao meu avô (*in memoriam*), que foi o primeiro idoso ao qual dispensei dedicação.

Aos meus pais Marilei e Lutério pelo apoio sempre. Também à minha sogra Edite pelo auxílio logístico.

À CAPES pelo apoio financeiro.

O cabelo grisalho é uma coroa de  
esplendor, e obtém-se mediante uma vida  
justa.

Provérbios 16:31



## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo compreender quais processos de organização coral para idosos são selecionados pelo regente, tendo por objeto de estudo três regentes que trabalham com idosos. Dentre os objetivos específicos, busca-se identificar a formação musical do regente e compreender a formação pedagógico musical; identificar as mudanças de relação que o idoso estabelece com a música a partir de experiências de canto coral; conhecer as rotinas de ensaio e possibilidades metodológicas para o trabalho com idosos. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, e consiste em um estudo multicaso realizado através de entrevistas semiestruturadas com os regentes e observações dos ensaios e apresentações. Os resultados apontaram que o conhecimento sobre a fisiologia vocal do idoso e o conhecimento das capacidades desse idoso irá influenciar diretamente no trabalho executado enquanto regente e educador musical. A principal contribuição dessa pesquisa é fazer com que regentes e educadores musicais percebam que existe uma crescente demanda do público idoso, e que para atendê-lo, faz-se necessária a busca de novos conhecimentos para tratar as particularidades da idade com qualidade e, assim, atingir os objetivos da educação musical e canto coral na terceira idade.

**Palavras-chaves:** Canto coral. Idosos. Regente.

## **ABSTRACT**

The objective of this research consists in understand witch processes of the elderly choral organization are elected by the choir conductor, where the study object involves three choir conductors who actually work with elders. Specifically, it was aimed to identify the musical training of the choir conductor, and his pedagogical knowledge; identify the changes that elder people could have in their connexion with music, from choral singing experiences; to know the practice routines and the methodological possibilities to have a satisfactory work with an elderly choir. The methodology used in this research is qualitative, consists of a multi-case studyconduct through semi-structured interviews with the choir conductors and observations at the practices and performances. The most important contribution of this research, is to let the choir conductors and musical educators know the growing demand of the elderly public and, let them realize how important is to keep searching for new knowledges, becoming capable to deal with the particularities of the age successfully, and reach the musical education and choral singing demands for elders.

**Key-words:** Choir singing. Elderly. Elder. Aged People. Choir Conductor.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PIRÂMIDE POPULACIONAL DO BRASIL 1990.....	39
FIGURA 2 – PIRÂMIDE POPULACIONAL DO BRASIL 2018.....	40
FIGURA 3 – PIRÂMIDE POPULACIONAL DO BRASIL 2050.....	41
FIGURA 4 – LINHA DO TEMPO DO IDOSO NOS ASPECTOS LEGAIS .....	46
FIGURA 5 – POSIÇÃO DOS ENSAIOS DO CORO A .....	72
FIGURA 6 – VOCALISE 1 .....	72
FIGURA 7 - VOCALISE 2: Consoante bilabiais /BR/.....	73
FIGURA 8 – POSIÇÃO DOS ENSAIOS DO CORO B .....	75
FIGURA 9 – VOCALISE 3 .....	78
FIGURA 10 – VOCALISE 4: Escala maior com apoio.....	78
FIGURA 11 - ORGANOGRAMA: FORMAÇÃO MUSICAL REGENTE A.....	82
FIGURA 12 – ORGANOGRAMA: FORMAÇÃO MUSICAL REGENTE B.....	84
FIGURA 13 – ORGANOGRAMA: FORMAÇÃO MUSICAL REGENTE C .....	86
FIGURA 14 – VOCALISE 5: ressonância.....	105
FIGURA 15 – VOCALISE 6: ressonância vogal /A/ e consoante /M/ .....	105
FIGURA 16 - VOCALISE 7: exercício para extensão.....	106

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – PRODUÇÕES DE TESES E DISSERTAÇÕES POR REGIÃO BRASILEIRA.....	25
GRÁFICO 2 - PORCENTAGEM DE TESES E DISSERTAÇÕES EM RELAÇÃO A CANTO CORAL E IDOSO.....	25
GRÁFICO 3 – TRABALHOS SOBRE CANTO CORAL NOS ANAIS DA ABEM (2003 – 2017) .....	30

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – ANAIS DA ABEM 2013 - 2017 .....	29
QUADRO 2 –TRABALHOS DE CANTO CORAL E IDOSOS - 2003 A 2017 .....	31
QUADRO 3 – ESTRUTURA DOS COROS .....	62
QUADRO 4 – OBSERVAÇÃO DOS ENSAIOS E APRESENTAÇÕES .....	69
QUADRO 5 – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO .....	69
QUADRO 6 – REPERTÓRIO DO CORO B.....	77

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABEM	- Associação Brasileira de Educação Musical
ANPOM	- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE	- Caderno de Entrevista
EMBAP	- Escola de Música Belas artes do Paraná
ESE	- Entrevista semiestruturada
FAP	- Faculdade de Artes do Paraná
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISME	- International Society for Music Education
ONU	- Organização Nacional Unidas
SIBI	- Sistema Integrado de Bibliotecas
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UFSM	- Universidade Federal de Santa Maria
UNESPAR	- Universidade Estadual do Paraná
trad.	- Tradutor

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1     INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2     O CANTO CORAL .....</b>	<b>20</b>
2.1   O CANTO CORAL DO IDOSO .....	25
2.2   O CANTO CORAL DO IDOSO EM REVISTAS E ANAIS .....	29
2.3   AS RELAÇÕES ENTRE A PRÁTICA CORAL E A EDUCAÇÃO MUSICAL .....	34
<b>3     IDOSO - APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS .....</b>	<b>38</b>
3.1   O IDOSO E QUESTÕES LEGAIS .....	44
3.2   O IDOSO E SUAS RELAÇÕES COM A MÚSICA .....	47
3.2.1   A educação musical do idoso .....	48
3.3   O IDOSO E O CANTO .....	52
3.3.1   Aspectos fisiológicos .....	52
<b>4     O REGENTE .....</b>	<b>55</b>
<b>5     ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>59</b>
5.1   O ESTUDO MULTICASO .....	59
5.2   SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES E CONTATOS INICIAIS .....	60
5.3   TÉCNICA DE PESQUISA E A COLETA DE DADOS .....	62
5.3.1   As entrevistas .....	62
5.3.2   Observações dos ensaios .....	67
<b>6     OBSERVAÇÃO .....</b>	<b>71</b>
6.1   OBSERVAÇÃO DO CORO A .....	71
6.2   OBSERVAÇÃO DO CORO B .....	75
<b>7     COM A VOZ DAS VOZES .....</b>	<b>81</b>
7.1   FORMAÇÃO MUSICAL .....	81
7.2   ATUAÇÃO PROFISSIONAL FRENTE AO CORO .....	87
7.3   QUESTÕES SOBRE COMPETÊNCIA E HABILIDADES .....	98
7.4   CORO E CONDUÇÃO DO TRABALHO CORAL .....	104
<b>8     CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA .....</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO PILOTO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....</b>	<b>129</b>

<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE D – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO .....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE E – TESES E DISSERTAÇÕES DE CANTO CORAL.....</b>	<b>136</b>



## APRESENTAÇÃO

Tive o privilégio de ter o primeiro contato formal com a música durante a infância, através do piano e da participação em um coro infantil da Igreja. Com o passar dos anos, minha relação de amor (e às vezes ódio) com a música foi crescendo. Durante esse processo, na minha adolescência, ministrei aulas de piano e fui regente de dois coros, sendo um infantil e o outro infanto-juvenil.

Ao ingressar, em 2008, no curso de Música da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, me inseri no Grupo Vocal CE<sup>1</sup>- Canta, o qual era composto por alunos e professores de diversos cursos da Universidade. Como aluna bolsista, fui convidada a reger o mesmo sob a supervisão de minha orientadora, sendo essa, minha primeira experiência com coralistas adultos. Além disso, foi essa a vivência que me permitiu construir e reconstruir a relevância como regente, pois naquele espaço eu podia trocar experiências com colegas da disciplina de regência, conversar com a coordenadora que era musicista com o intuito de preparar repertório adequado para os adultos e ter um auxílio nos momentos de dificuldade. Isso me motivou a deixar de lado a mera imitação de meus antigos regentes, trazendo-me à reflexão sobre minha própria regência.

Após a conclusão da graduação, mudei-me para Curitiba, cidade na qual regi vários grupos vocais infantis de uma escola particular. Com uma nova perspectiva, procurei desenvolver os conhecimentos musicais e pedagógicos-musicais que adquiri na graduação ante as experiências que tive, pude refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem em Música, e minha preparação no papel de regente e educadora musical.

Enquanto desenvolvia as atividades com os grupos vocais infantis, fui desafiada a reger um coro de idosos, que foi a minha primeira experiência profissional com pessoas da terceira idade. Embora eu já tivesse conhecimento como educadora musical e regente, percebia que essa faixa etária tinha suas particularidades, dentre as quais, destaco a necessidade de partituras adaptadas com letras grandes, ou até mesmo uma folha à parte somente com a letra da música para auxiliar. O andamento parecia que “escorria” por minhas mãos; os

---

<sup>1</sup> CE – Centro de Educação lócus dos cursos de Educação na UFSM.

ritmos às vezes não eram executados com êxito e as entradas, em muitos momentos, não eram precisas; havia mulheres cantando no naipe dos homens, situação essa que me incomodava e me fez perceber no decorrer das aulas a mudança de registro<sup>2</sup> (do agudo para o grave); dificuldade respiratória e flacidez nos músculos da boca. Tais peculiaridades, não havia encontrado nos outros contextos.

Entendi que muitos idosos tinham dificuldades em memorizar e executar algumas músicas. Não poderia trabalhar com esse grupo da mesma forma que trabalharia com um grupo de outra faixa etária. Quando utilizado um repertório dos anos 50, 60 ou 70, tais como: “As Mocinhas da Cidade” (1959) e “Meu Carro é Vermelho” (1967), os coralistas acompanhavam melhor, executavam com êxito e empolgação as entradas e normalmente já sabiam as letras. Percebi que possibilidades de um bom trabalho também existiam e com um encaminhamento adequado poderiam ser desenvolvidas. Contudo, ainda precisaria compreender o envelhecimento humano.

Em julho de 2016, meu grupo de idosos participou do Festival de Música em uma noite muito fria. Apesar das adversidades climáticas e até mesmo de locomoção, todos os coralistas estavam presentes. Na hora da apresentação, as luzes da plateia foram desligadas e os canhões de luzes ficaram posicionados na frente do grupo. Nesse cenário, eles não conseguiam ler as partituras e tinham dificuldade em manter contato visual comigo enquanto regia. Porém o engajamento era tanto, que mais uma vez essas adversidades não foram suficientes para abalar o grupo. Fomos premiados pelo festival com medalha de ouro, o que motivou ainda mais os idosos. No entanto, a avaliação dos pareceristas não foi positiva. Dentre as justificativas, citaram que os coralistas não olhavam para o regente e tinham dificuldade em manter o ritmo. Com base nessa avaliação, procurei conversar com outros regentes de idosos, para compreender a forma que trabalhavam. Paralelamente, busquei atividades da pedagogia musical ativa e lúdicas para superar tais problemas o que me inspirou a refletir e pesquisar mais sobre o

---

<sup>2</sup> Presbifonia é a “consequência do envelhecimento natural da voz, chamado de presbifonia. Ocorrem, por exemplo, dentre outras mudanças, as variações de frequência das vozes, na qual as mulheres apresentam tendência para uma voz mais grave e os homens para mais aguda, pois a espessura de toda mucosa vocal tende a aumentar após os 70 anos, nas mulheres e diminuir, nos homens.” (SOARES et al., 2007, p. 221).

envelhecimento e suas características, sobretudo com relação aos idosos que participam do coro e seus respectivos regentes.

A partir das premissas apresentadas, desenvolvi uma rotina de ensaio com meus idosos, a qual continha atividades de educação musical, exercícios de técnica vocal, relaxamento, além de repertório composto por músicas sugeridas por eles. Conhecer as rotinas de ensaios de outros coros e as características da velhice em relação ao ensino e aprendizagem, tornaram-se um dos meus principais objetivos enquanto regente para o desenvolvimento de uma prática educativa, consciente e eficiente. Assim, vários questionamentos me ocorriam, tais como: Como os outros regentes trabalham com grupos de idosos? Quais as técnicas que os mesmos utilizam? Quais as rotinas de ensaios para coro de idosos? Quais informações e conhecimentos são necessários para trabalhar com essa faixa etária? Quais são as técnicas de ensaio que são utilizadas com esses coralistas? Qual metodologia seria apropriada? Existe essa metodologia? São utilizadas partituras para esses coralistas? Quais adaptações são realizadas nelas? Qual é a tessitura adequada para essa faixa etária? O que os regentes pensam sobre esses grupos? O que esses idosos buscam no canto coral? O que eles consideram um bom grupo? Por que cantam? A cada dia que passava os questionamentos aumentavam.

Motivada por minha experiência, e à luz dos resultados obtidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) que mostram o inegável envelhecimento da população mundial (tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento), justifico a relevância do tema da dissertação em questão, a considerar o aumento na procura por atividades culturais e desportivas que deve ocorrer nos próximos anos, para essa faixa etária (FIGUERÊDO 2009, 2014). A atual preocupação com a longevidade do ser humano, meu envolvimento com os idosos e a regência em si, levaram-me à escolha do tema.

## 1 INTRODUÇÃO

O “cantar em grupo” é uma prática músico-vocal presente em diversos contextos, e pode ser uma atividade de ensino e aprendizagem repleta de significados, segundo Teixeira (2008). Exercido por indivíduos de todas as idades, o canto é executado pelo “instrumento musical” de cada um: a voz. Coletivamente, o canto “propicia ao indivíduo uma experiência de trabalho em grupo, de companheirismo, de aceitação e de igualdade” (FRANCHINI, 2014, p. 11)

Martinez (2000) subdivide os tipos de coral em quatro: (1) Madrigal<sup>3</sup>, (2) Coro de Câmara<sup>4</sup>; (4) Coro Sinfônico<sup>5</sup>; (5) Coro Lírico<sup>6</sup>. Enquanto Prueter (2010) subdivide em duas classificações, sendo a primeira os amadores (os que não são remunerados) e a segunda os profissionais (remunerados pelos ensaios e apresentações). Destaca Gois (2015) que “a grande maioria de corais é composta por coralistas amadores, cuja a qualidade técnica, em alguns casos, pode ser igual ou superior às dos corais profissionais.” (2015, p. 16). Além das formas de classificação de Martinez (2010) e Prueter (2010), há coros divididos por faixa etária: infantil, infanto-juvenil, de adultos e de idosos. Mas afinal, o que é um coro?

Segundo Ramos (2003) é:

Poder-se-ia dizer que um coro é: um agrupamento de pessoas com a finalidade de cantar juntas uma mesma música sob a direção de um regente para “levar o nome” de uma determinada empresa, instituição, escola, etc; um agrupamento de pessoas com a finalidade de cantar juntas uma mesma música sob a direção de um regente para “levar a palavra” de alguma igreja; um agrupamento de pessoas com a finalidade de cantar juntas uma mesma música sob direção de um regente com a intenção de musicalizar adultos, e crianças, levando em conta seus potenciais criativos, emocionais, etc... (RAMOS, 2003, p. 5).

---

<sup>3</sup> Basicamente são os grupos que se apresentam *a cappella*, ou seja, sem instrumental. (MARTINEZ, 2010, p. 35).

<sup>4</sup> Pequeno conjunto vocal, teve seu apogeu no final do século XVII e no século XVIII, já com acompanhamento instrumental. (MARTINEZ, 2010, p. 36).

<sup>5</sup> Coro acompanhado e com muitos cantores, foi marcado por grandes obras de Beethoven (1770-1827) e Mahler (1860-1911). (MARTINEZ, 2010, p. 37).

<sup>6</sup> Coro Lírico exige “necessidade de grande porte vocal e que seus integrantes possuam expressão corporal” (MARTINEZ, 2010, p. 37).

Apesar de distintas entre si, há diversas formações de grupo de acordo com variados critérios, além de diferentes estruturas de ensaio. Normalmente, têm em comum a presença do regente, cujo papel tem sido objeto de estudo em vários trabalhos na área de educação musical (FIGUEIREDO, 1990; TEIXEIRA, 2005; GOIS, 2015; GABORIM-MOREIRA, 2015), e sendo apontado como uma vertente fundamental para o adequado desenvolvimento de grupos corais. Segundo Figueiredo (1990):

É fundamental que se reflita sobre a atividade coral. Os regentes devem se lembrar de sua função educacional. Através dessa reflexão haverá maiores possibilidades de desenvolvimento consistente do conhecimento musical, que conduzirá, seguramente, ao aprimoramento da prática coral (FIGUEIREDO, 1990, p. 90).

Percebe-se a basal importância do regente, a qual vai além da simples condução de um grupo coral. É necessário enxergá-lo como educador musical, cuja formação teórico-prática quanto ao uso da voz, técnica de regência e planejamento, pode ser fundamental para a educação musical do seu grupo.

Dentro e fora do âmbito do sistema educacional brasileiro, segundo Martinez (2000), tal profissional pode trabalhar com diversas formações de corais com características distintas, como variações de número de integrantes, gênero e até mesmo a idade. Dentro dessa análise, o trabalho da autora desta dissertação com coro de idosos, como professora regente e pianista, proporcionou experiências que levaram a uma reflexão sobre as práticas dos regentes e saberes que esses possuem para ministrar aulas, demonstrando consideração com a educação musical direcionada aos idosos. Essa preocupação instigou a busca por informações no que diz respeito à formação dos regentes de coros de idosos.

Tendo como centralidade de pesquisa o coro e regente, o estudo tem como objetivo geral: compreender quais processos de organização coral para idosos são selecionados pelo regente. Especificamente objetiva-se: (a) identificar a formação musical do Regente (afinidade) e compreender a formação pedagógico musical, (b) identificar as mudanças de relação que o idoso estabelece com a música a partir de experiências de canto coral, (c) conhecer as rotinas de ensaio e possibilidades metodológicas para o trabalho com idosos. A pressuposição que direciona a investigação, traz a reflexão que além da regência, o regente de idoso precisa compreender aspectos do envelhecimento, conhecer aspectos psicológicos do

envelhecimento, perceber as condições fisiológicas e emocionais do seu grupo e estabelecer rotinas de ensaios com atividades de educação musical e canto coral. Assim, as oportunidades de desenvolver um trabalho com qualidade serão maiores.

Para atender os objetivos propostos, a metodologia é de cunho qualitativa, segundo Bogdan; Biklen, (1994); Spink, (2000); Yin, (2011). Os autores (BOGDAN; BIKLEN, 1994) destacam algumas características principais da abordagem qualitativa: descreve um acontecimento, os investigadores buscam analisar os dados em toda sua amplitude, respeitando a forma que foi registrado ou transcrito; busca abranger o processo de como entrevistados chegam ao produto; procura-se compreender a “dinâmica interna das situações, dinâmica frequentemente invisível ao observador externo” (ibid, 1994, p. 50).

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: apresentação e introdução do trabalho. O primeiro capítulo da dissertação, é apresentado o estado da arte sobre o canto coral. Em seguida, são trazidas as relações entre a prática coral e suas especificações quanto aos participantes da pesquisa no caso canto coral com idosos, além das relações entre a prática do canto coral com a educação musical. Os autores apresentados foram: Figuêredo (2009); Reis e Oliveira (2004); Marques (2011); Prior e Berg (2017). Cujos dados apresentados foram balizados com os saberes e as práticas educativas de Charlot (2000, 2013).

O idoso é o tema do capítulo 2, no qual é apresentado o conceito de idoso, suas variações etimológicas e sua relação com a música, também perpassando a legislação brasileira voltada às pessoas dessa faixa etária. As especificidades dos participantes sobre os aspectos fisiológicos e de percepção do idoso também são apresentados neste capítulo. Os autores pesquisados são: Aquino (2013); Casol (2004), Figuêredo (2009, 2014) Hernandez (2002); Moraes (2015); Santos Junior (2009); Prazeres (2010).

Os encaminhamentos metodológicos são apresentados no capítulo 3. O método elegido foi o estudo de multicaso não comparativo de abordagem qualitativa. O mesmo foi realizado em duas unidades, sendo elas dois coros e seus respectivos regentes em Curitiba – Paraná, de um universo de três coros pesquisados. Os dados foram produzidos baseados no campo empírico, compreendendo as observações dos ensaios que geraram um diário de campo,

entrevistas semiestruturadas realizadas com os regentes, além de partituras disponibilizadas para a pesquisadora.

O capítulo 4 se intitula 'Observações das rotinas', onde é explicitada a condução do trabalho coral dos regentes tanto nos ensaios quanto nas apresentações, visando compreender os processos de organização coral com idosos, articulando os dados com a literatura.

'Com a voz das vozes' é o capítulo 5, o qual apresenta os resultados das três entrevistas, bem como a análise dos dados. O foco foi a formação, atuação e os saberes dos regentes, as atividades desenvolvidas frente ao coro, tecendo relações com os aportes teóricos apresentados anteriormente, para compreender os resultados obtidos.

Nas considerações finais são apresentadas contribuições da pesquisa para a área de Educação Musical e Regência Coral, além de projeções para futuros trabalhos e pesquisas que relacionem o estudo da Música com o envelhecimento humano.

## 2 O CANTO CORAL

O canto coral é uma prática musical observada em diversas épocas e exercida em diferentes contextos culturais. Dias (2011) entende o coro por um agrupamento de pessoas com um objetivo principal: a execução musical vocal. Logo, Franchini (2014) salienta que “esse grupo de pessoas que integram o coro se reúne com diversos outros objetivos, individuais ou coletivos, não necessariamente músico-vocais” (ibid. 2014, p. 16) corroborando com os estudos de Fucci-Amato e Amato Neto (2007), que trazem que o coro se configura em uma importante ferramenta para estabelecer rede de configurações socioculturais, valorizar o indivíduo no processo de construção de ideias e objetivos comuns. Tal ideia também é afirmada por Bornholdt e Egg (2016) que mostram que o cantar pode exercer várias funções: festiva, religiosa, cultural, literária, dentre outras. Além da aprendizagem musical e do desenvolvimento vocal poderem ampliar as relações interpessoais.

Com base no levantamento bibliográfico, nos programas de pós-graduação stricto sensu, no Banco de dados da CAPES (<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>), entre 1987<sup>7</sup> e 2017<sup>8</sup> nas áreas de música, educação, fonoaudiologia, gerontologia, psicologia, artes, história, teologia, distúrbio da comunicação humana e medicina e ciências da saúde, ciência da computação, cultura contemporânea, foram encontrados 143 trabalhos entre Teses e Dissertações em Canto Coral. Para complementar a seleção, foram pesquisadas palavras chave, tais como “grupo vocal”, “coro”, “canto coral”, “regência coral” e “ensaio coral”.

---

<sup>7</sup> Clemente (2014) fez um levantamento sobre Canto Coral de 1987 – 2011. E a pesquisadora dessa dissertação ampliou o levantamento.

<sup>8</sup> Pesquisa realizada no primeiro semestre de 2017.



TABELA 2 – Distribuição de Dissertações e Teses sobre canto coral nos programas de Pós-graduação.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO		INSTITUIÇÃO	TRABALHOS
Mestrado Música	em	UFPR – Universidade Federal do Paraná	5
		UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro	8
		UFBA – Universidade Federal da Bahia	6
		UFG – Universidade Federal de Goiás	5
		UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	3
		UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3
		UFPB - Universidade Federal da Paraíba	1
		UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	6
		UNB - Universidade de Brasília	1
		UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	6
		CBM – Conservatório Brasileiro de Música	3
		USP – Universidade de São Paulo	8
		UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas	6
		UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina	5
			66
Doutorado Música	em	UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro	1
		UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	1
		UFBA – Universidade Federal da Bahia	2
		UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2
		UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	1
		USP – Universidade de São Paulo	4
		UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	2
		UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas	4
			17
Mestrado Educação	em	UFPR – Universidade Federal do Paraná	2
		UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina	3
		UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1
		UFC – Universidade Federal do Ceará	3
		UFG – Universidade Federal de Goiás	1
		UFPE – Universidade Federal de Pernambuco	1
		UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1
		FURB - Universidade Regional de Blumenau	1
		USP – Universidade de São Paulo	1
		PUC/Campinas – Pontifícia Universidade Católica de Campinas	1
		UFSCar – Universidade Federal de São Carlos	1
		UNIT – Universidade Tiradentes	1
		ULBRA – Universidade Luterana do Brasil	1
		UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba	2
		UTP – Universidade Tuiuti do Paraná	1
		UPF – Universidade de Passo Fundo	1
		UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie	1
			22

TABELA 2: Distribuição de Dissertações e Teses sobre canto coral nos programas de Pós-graduação. (continuação).

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO		INSTITUIÇÃO	TRABALHOS	
Doutorado em Educação		UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	1	1
Mestrado em Artes		UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas	3	9
		USP – Universidade de São Paulo	3	
		UFPA - Universidade Federal do Pará	1	
		UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	1	
		UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo	1	
Doutorado em Artes		UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	1	1
Mestrado profissional em PROFARTES		UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina	1	2
		UFC - Universidade Federal do Ceará	1	
Mestrado em Fonoaudiologia		PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	3	3
Mestrado de da Distúrbio Comunicação Humana		UTP – Universidade Tuiuti do Paraná	1	2
		UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo	1	
Doutorado de da Distúrbio Comunicação Humana		UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo	2	2
Doutorado em da Ciências Comunicação		USP – Universidade de São Paulo	1	1
Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem		PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1	1
Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social		UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	1
Mestrado em Estudo linguísticos		UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	1	1
Mestrado em Estudo da Cultura Contemporânea		UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso	1	1
Mestrado em Psicologia		UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	1	2
		PUC/RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1	
Mestrado em Medicina e ciência da saúde		PUC/RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1	1
Mestrado em Gerontologia		UCB – Universidade Católica de Brasília	1	1
Doutorado em Estudos Literários		USP - Universidade de São Paulo	2	2
Mestrado Ciência da Computação		UFPE - Universidade Federal de Pernambuco	1	1

TABELA 2: Distribuição de Dissertações e Teses sobre canto coral nos programas de Pós-graduação. (continuação).

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	INSTITUIÇÃO	TRABALHOS	
Mestrado em Ciências da Religião	UMESP - Universidade Metodista de São Paulo	2	2
Mestrado Teologia	EST – Escola Superior de Teologia	1	2
	UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora	1	
Doutorado em História Social	UFRJ - Universidade Federal do Rio De Janeiro	1	1

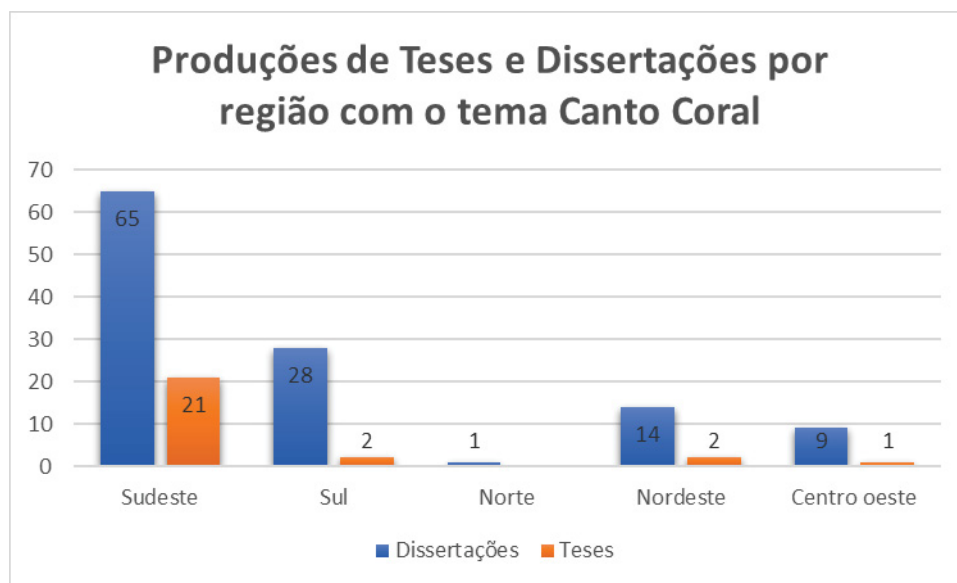
FONTE: a autora 2017.

Os dados compreendidos na tabela acima elucidam alguns aspectos importantes relacionados à pesquisa de canto coral. A área de Educação, por exemplo, tem pesquisado esse tema com o expressivo número de 23 dissertações publicadas. Além disso, entre dissertações e teses, aproximadamente 40% foram pesquisadas por áreas distintas da Música, comprovando que a “variedade de cursos de onde provêm as pesquisas sobre canto coral demonstra a sua característica multidisciplinar, visto que há interesse pelo assunto por diversas áreas de conhecimento.” (CLEMENTE, 2014 p. 20).

Todas as dissertações e teses estão listadas e devidamente discriminadas<sup>9</sup> no Apêndice E, no qual pode-se perceber um aumento nas produções sobre o tema a partir dos anos 2000.

<sup>9</sup> Contendo o título das dissertações e teses, autor, data e instituição.

GRÁFICO 1 – PRODUÇÕES DE TESES E DISSERTAÇÕES POR REGIÕES BRASILEIRAS



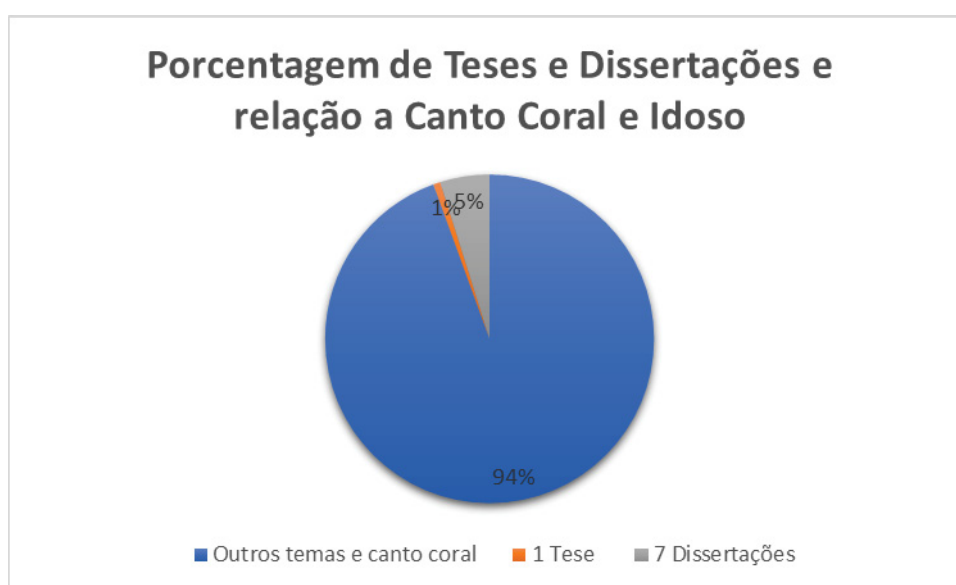
FONTE: a autora (2018).

O gráfico 1 mostra as produções sobre o tema por regiões brasileiras. Constata-se que a região sudeste foi a que mais desenvolveu trabalhos neste assunto, sendo sessenta e cinco dissertações e vinte e uma teses. Contexto esse possivelmente favorecido pelo considerável número de Universidades nos estados pertencentes a esta região, segundo dados do MEC. Na mesma via, segue a região sul com vinte e oito dissertações sobre o assunto, ao passo que a região norte teve apenas uma dissertação. Outro fator que influencia a demanda das pesquisas sobre esse assunto é a herança trazida da colonização europeia, que em sua vertente tinha os trovadores e canto nas igrejas. Além da grande bagagem cultural vinda com a imigração do continente africano, cuja música é parte essencial do cotidiano, do trabalho, dos rituais e afins. Charlot (2013) afirma que “Cada um de nós tem uma história que é, ao mesmo tempo, uma história social e uma história singular. Para entender o que está acontecendo em uma sala de aula ou o que está acontecendo com um aluno, não podemos negligenciar essa história.” (CHARLOT, 2013, p. 165).

## 2.1 O CANTO CORAL DO IDOSO

Este subcapítulo tem por propósito mostrar o que já foi pesquisado e discutido sobre canto coral e suas relações com idosos. Dos 143 trabalhos identificados, sete dissertações e uma tese referem-se a canto coral com idosos.

GRÁFICO 2 – PORCENTAGEM DE TESES E DISSERTAÇÕES EM RELAÇÃO A CANTO CORAL E IDOSO



FONTE: a autora (2018).

O gráfico 2 revela que a grande maioria das pesquisas são dissertações sobre o tema de canto coral e outros assuntos, tais como: coro infantil, infanto-juvenil, coro em ONGs, empresa, coro profissional, amador; além de outras áreas que buscam compreender a interação que acontece no coro como em estudos da psicologia, estudos dirigidos ao ensino e aprendizagem, estudos baseados em teorias da educação, além de outras áreas como se identifica na Tabela 2. Fica evidente que ainda há muito a se explorar no que diz respeito à intersecção entre canto coral e idosos. Seguem em ordem cronológica as pesquisas que compõem esse percentual: Hernandez (2002), Cassol (2004), Figuerêdo (2009), Santos Junior (2009), Prazeres (2010), Aquino (2013), Conceição (2013), Moraes (2015).

Hernandes (2002) traz em sua dissertação um estudo sobre o desenvolvimento emocional que o canto coral de idosos pode proporcionar aos

integrantes. Percebeu-se em sua pesquisa que os idosos participantes das atividades apresentaram diminuição de instabilidades emocionais na terceira idade.

Em sua tese, Casol (2004) desenvolveu um estudo longitudinal durante dois anos com quarenta e quatro coralistas (acima de 60 anos) que realizavam a prática do canto coral. O objetivo da pesquisa foi “avaliar as modificações nas funções fonatória e respiratória em indivíduos idosos, no período de dois anos de prática do canto coral” (ibid, 2004, p. 67) e pôde-se observar depois de avaliações fonoaudiológicas que os “idosos que participam do canto coral melhoraram a capacidade vital e a performance vocal, verificado através dos resultados das avaliações perceptivo-auditiva e acústica da voz” (CASOL, 2004, p. 132).

O coral “Canto que Encanta”, localizado no estado baiano, foi objeto de pesquisa de Figuerêdo (2009). Teve por objetivo estudar o processo de educação musical e envelhecimento. O coro era constituído por 25 cantoras e a metodologia utilizada foi um estudo de caso explanatório. A pesquisa contou com o auxílio de uma fonoaudióloga para verificar aspectos do envelhecimento e como esses interferem na educação musical das coralistas. Constatou-se que vários aspectos fisiológicos como presbiacusia<sup>10</sup> e a presbifonia, além dos psicossociais, estão ligados diretamente com a aprendizagem das idosas.

No Paraná, Santos Júnior (2009) desenvolveu um estudo com 65 coralistas com a faixa etária de 50<sup>11</sup> - 90 anos. Buscou “analisar a intervenção fonoaudiológica por meio de grupo de vivência de voz junto a corais da terceira idade. (Ibid, 2009, p. 8). A metodologia utilizada foi um estudo prospectivo de 20 encontros com a duração de 30 minutos. Percebeu-se que o trabalho realizado junto ao coro contribuiu para aprimoramento da autopercepção, promoção e manutenção da saúde vocal, mesmo com as limitações vocais inerentes à idade.

Prazeres (2010), analisou se a atividade musical canto coral influencia a vida dos idosos. A pesquisa na área de gerontologia foi de caráter exploratório. Destacou-se que o canto coral proporciona efeitos positivos na qualidade de vida dos idosos, por meio de aspectos da saúde física e mental, por conseguinte na liberação de sentimentos e emoções, na manutenção da memória, no convívio social e na autoestima dos idosos.

---

<sup>10</sup> Prebiacusia, é a perda auditiva causada pelo envelhecimento natural do ser humano.

<sup>11</sup> No grupo em qual pesquisou, haviam duas pessoas com menos de 60 anos.

A voz falada e cantata de um grupo de idosas foi pesquisada na dissertação de Aquino (2013). Seu objetivo foi analisar as características da voz falada de mulheres idosas com prática de canto coral, contrastando com outras sem essa prática. Participaram da pesquisa 75 idosas entre 63 a 82 anos, sendo que 50 delas eram participantes de corais de idosos e 25 não estavam envolvidas com o uso da voz cantata em grupo formal. Foi aplicado um questionário e gravada a voz falada dos dois grupos. As considerações foram que as características de idosas coristas, quando comparadas àquelas que não realizam o canto, apresentam uma melhora no trato vocal, com menor rugosidade e tensão. Observou-se também que as participantes de atividade musical consomem água com mais regularidade e detêm cuidados com a voz.

Conceição (2013) desenvolveu sua pesquisa em três oficinas com idosos. Dentre elas, uma era de coro e se intitulava “O canto coral na terceira idade”, do SESC Consolação. O objetivo foi “observar e descrever como se desenvolveram os ensinamentos e as práticas docentes empregadas nas oficinas observadas” (ibid, 2013, p.13) além de “verificar as relações que se estabeleceram no contexto ensino/aprendizagem musical para idosos.” (Ibid, 2013, p. 13). Em sua pesquisa mostra que a oficina usava atividades lúdicas por meio de

[...] jogos sonoros com palavras, jogos imaginativos e metáforas com objetos relacionados cotidianamente aos participantes, além de recursos criativos e projetivos por meio de gestos e coreografias, sons e movimentos. Esses procedimentos agradavam os idosos. (CONCEIÇÃO, 2013, p. 71-72).

A autora (2013, p. 72) afirma que essas propostas lúdicas auxiliam e estimulam o equilíbrio nos ensaios, incitam a memória dos idosos e mostram melhora da coordenação motora. Tais dinâmicas geravam afetividade, socialização, consciência individual e grupal.

“Canto Coral de Aposentados” foi a nomenclatura que Moraes (2015) utilizou, o que traz à dedução de que os integrantes, pelo menos em sua maioria, eram idosos. O interesse na formação humana, além do processo de preparação vocal e musical, foi abordado naquela pesquisa, a qual teve por objeto de estudo o Coral ADUFC – Associação Docentes da Universidade Federal do Ceará, salientando que a performance do coro vai além da parte musical, ou seja,

contempla também a interação de valores humanos e que esta acontece paralelamente com a formação musical. O autor declara que o

[...] processo de educação musical desenvolvido dentro do Coral da ADUFC não seria eficaz sem a dedicação prestada às questões humanas, pois as boas relações entre os integrantes do grupo, assim como a satisfação pessoal e grupal, a autoestima e a motivação dos cantores são fatores fundamentais para a manutenção do interesse em se manter dentro do coro. (MORAES, 2015, 127).

Dentre as dissertações e tese apresentadas, os dados observados podem ser sintetizados em (a) aspectos psíquicos, como estabilidade emocional (HERNANDES, 2002), saúde mental (PRAZERES, 2010), memória (CONCEIÇÃO, 2013); (b) aspectos físicos como melhora respiratória (CASSOL, 2004), melhora no trato vocal e presbifonia (AQUINO, 2013; SANTOS JUNIOR, 2009; FIGUERÊDO, 2009; CASOL, 2004), melhora na coordenação motora e equilíbrio (CONCEIÇÃO, 2013); (c) aspectos sociais, como sensação de pertencimento, interação, afetividade são aspectos que ressalvam em (HERNANDES, 2002; FIGUÊREDO, 2009; PRAZERES, 2010; CONCEIÇÃO, 2013; MORAES, 2015).

Os autores dão ênfase aos benefícios do canto coral, contudo, existe uma lacuna no que tange a respeito de tessitura adequada para o idoso, quais seriam as tonalidades apropriadas, como seria a adequação numa partitura, qual metodologia ou rotina seria mais produtiva para a faixa etária.



## 2.2 O CANTO CORAL DO IDOSO EM REVISTAS E ANAIS

Nos Congressos Nacionais da ABEM 2003 – 2017 foram levantados 143 artigos falando sobre o canto coral. Esses artigos foram publicados nos ANAIS, mapeados, a fim de identificar as produções na área de coral neste tipo de publicação acadêmica.

QUADRO 1 – ANAIS DA ABEM 2013 - 2017

Ano	Total de trabalhos dos anais	Trabalhos sobre Canto Coral
2003	122	7
2004	156	10
2005	181	7
2006	120	5
2007	222	11
2008	179	8
2009	207	18
2010	260	19
2011 <sup>12</sup>	268	15
2013	244	15
2015	276	19
2017	177	9
<b>Total:</b>	2412	143

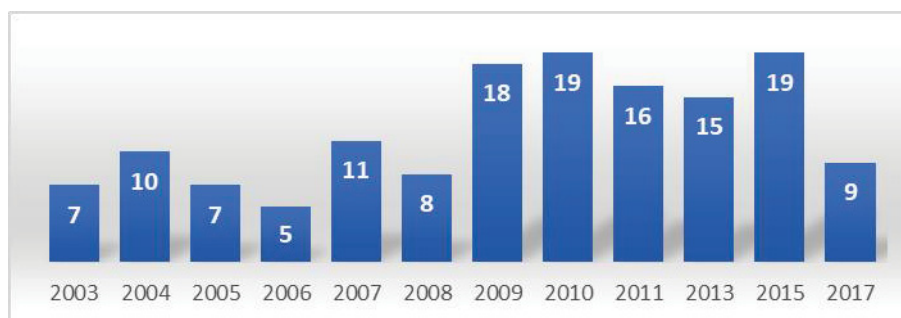
FONTE: a autora (2017).

Nos anais dos doze Congressos Nacionais da ABEM, percebe-se que o tema Canto Coral tem aumentado suas produções por meio de pesquisas e relatos de experiências na área.

---

<sup>12</sup> A partir de 2011 os congressos vêm sendo bianuais.

GRÁFICO 3 – TRABALHOS SOBRE CANTO CORAL NOS ANAIS DA ABEM (2003 – 2017)



FONTE: a autora, (2018).

Em 2017, houve um arrefecimento nas produções da ABEM, caracterizado tanto pela redução nas publicações ao total quanto às de assunto relacionado a canto coral, fenômeno esse que pode ter por explicação a dificuldade logística de deslocamento de congressistas, especialmente da região sul e sudeste, uma vez que o evento foi realizado em Manaus.

Os trabalhos listados nesta categoria trazem considerações sobre a educação musical com idosos, sendo que todos os artigos discutem a relação da prática coral com a qualidade de vida dos idosos, além de questões relacionadas à saúde, autoestima e a inclusão dos mesmos na comunidade em geral. Está também implícito nesta prática o próprio desenvolvimento musical.

Nas revistas da ABEM, 1992 a 2017, foram encontrados somente dois artigos relacionados a idosos. Destes, um era Rodrigues (2013), que investigou “os saberes que norteiam a formação e a atuação de professores de música que atendem alunos idosos.” (Ibid. 2013, p. 105) Na sua pesquisa utilizou a metodologia de *survey* de pequeno porte com 38 professores de Brasília. Em seu artigo Almeida (2013) traz “possibilidades pedagógicas de afinação vocal e ritmo em uma atividade de canto coral com cantores da terceira idade.” (Ibid. 2013, p. 119). A pesquisa de campo foi realizada com um coro da terceira idade e verificou-se “um grande avanço técnico vocal e perceptivo nos coralistas” (Ibid. 2013, p. 119).

A busca foi ampliada para publicações na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – ANPOOM e na *International Society for Music Education* – ISME. Assim, foi realizada uma busca pelas seguintes palavras

chaves: idoso(s), idosa(s), canto coral, coro, terceira idade, melhor idade. A busca foi realizada no período compreendido entre 2003 e 2017. Foram encontrados cinco artigos na ANPOOM e um na ISME.

Abaixo, segue quadro com todos os artigos encontrados sobre canto coral e idoso nos ANAIS e Revistas, em ordem cronológica:

QUADRO 2 – TRABALHOS DE CANTO CORAL E IDOSOS - 2003 A 2017

	<b>Autores</b>	<b>Título do Trabalho</b>	<b>Ano</b>	<b>Origem</b>
1	REIS, Ângela C. C. dos; OLIVEIRA, Viviane S.	Canto coral na terceira idade: um caminho para a inclusão social	2004	ABEM
2	RODRIGUES, Eunice D; da R.; PEDERIVA, Patrícia L. M.	Canto coral na terceira idade: suas práticas, motivações e perspectivas	2006	ABEM
3	SANTOS JUNIOR, Adélcio C. da	Projeto "Cantando a melhor idade"	2007	ABEM e ISME
4	FIGUERÊDO, Michal S.	Experiências de gestão de grupo num coral de idosos	2008	ABEM
5	FIGUERÊDO, Michal S.	Fronteiras na Educação Musical com Idosos: um estudo de caso com características multidisciplinares	2008	ANPPOM
6	MARQUES, Jaqueline S	Relações com o cantor e com o "Coral do AFRID" estabelecidas por nove participantes: um estudo.	2009	ABEM
7	FIGUERÊDO, Michal S.	Coral canto que encanta: um estudo do processo de educação musical com idoso sem Madre de Deus, região metropolitana de Salvador, Bahia.	2010a	ANPPOM
8	FIGUERÊDO, Michal S.	Educação musical com idosos: concepções e práticas de regentes no canto-coral	2010b	ABEM
9	AMATO, Daniel C.; MENDES, Adriana.	O perfil do idoso participante do coral da terceira idade.	2013	ANPPOM
10	SANTOS, Hamilton de O.	Canto Coral e Terceira Idade: um relato de experiência	2013	ABEM
11	HAUCK-SILVA, Caiti; IGAYARA-SPUZA, Susana Cecilia; RAMOS, Marco Antonio da Sila.	Referenciais teóricos para a preparação vocal em coros de terceira idade e relato de experiência de articulação entre prática e teoria	2016	ANPPOM
12	PRIOR, Bruna; BERG, Silva Maria Pires Cabrera	Música na terceira idade feminina: o impacto do canto coral na saúde e nos aspectos psicossociais do envelhecimento	2017	ANPPOM

FONTE: a autora (2017).

Em seu relato de experiência, Reis e Oliveira (2004), no que concerne aos corais “Vitória Régia” e “Canto e Vida”, relatam que buscam “identificar as necessidades biopsicossociais da pessoa idosa a fim de promover a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida através da prática musical” (REIS; OLIVEIRA. p.

121). Defendem a inclusão social por meio do canto coral e a melhora da qualidade de vida por meio da prática musical nesta faixa etária.

Rodrigues e Pederiva (2006) tiveram por objetivo “averiguar a prática do Canto Coral e seus reflexos sobre a vida dos idosos, considerando as dimensões musicais, físicas, emocionais e sociais.” (Ibid, p. 230) em um coral de idosos em Brasília. O *lócus* de sua pesquisa foi o SESC, os quais perceberam que a prática coral transpassa a simples performance musical. Por intermédio de entrevistas com os idosos, descobriram que tal prática promove também a autoestima e autonomia dos indivíduos.

Relata Santos Junior (2007) que, em sua prática de canto coral, contempla atividades de educação musical e busca respeitar e abarcar as músicas e o conhecimento prévio dos idosos. A motivação e envolvimento do grupo são citados pelo autor.

Na Bahia, Figuerêdo (2008a, 2008b, 2010a, 2010b) traz um recorte de sua pesquisa sobre aprendizagem musical e aspectos biopsicossociais de um coral de idosos (2008a). Em outro trabalho, traz relato de sua experiência no que diz respeito à gestão e à regência do coral de idosos. Defende (2008b) que com cantores da terceira idade são necessárias habilidades extramusicais para um bom andamento dos ensaios, principalmente aspectos de liderança. Também salienta que o maestro é um regente-educador. Sua pesquisa de mestrado foi defendida em 2009. Em (2010a), Figuerêdo descreve de forma resumida seu estudo trazendo os dados de sua pesquisa e da parceria realizada com a área de fonoaudiologia, afim de mostrar os benefícios do canto coral para a voz.

Figuerêdo (2010b) apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com regentes que participaram de um encontro de corais de idosos. A metodologia utilizada foi questionários e observação das apresentações. Esta pesquisa buscou identificar as concepções desses regentes-educadores nas apresentações.

Marques (2009) teve por objetivo “entender as relações que as participantes estabelecem com o cantar e com o “Coral do AFRID<sup>13</sup>”. Sua pesquisa envolveu nove idosas integrantes do referido coral, cuja metodologia utilizada foi de entrevistas como instrumento de coleta de dados. Os resultados apontam que o

---

<sup>13</sup> AFRID – Atividades Físicas e Recreativas para Idosos.

coral agrega "possibilidade de socialização em um círculo de amizades, além de realização de sonhos antigos" (MARQUES, 2009, p. 1104), e de enfatizar que os valores de interação e satisfação pessoal ultrapassam as questões musicais.

Narram Amato e Mendes (2013) em sua pesquisa realizada com o “Coral Meninos e Meninas Cantores da 3ª Idade” de Campinas-SP, que no ano de dois mil e treze completavam dezessete anos de atividades ininterruptas. O objetivo do artigo foi “atualizar o perfil dos integrantes do grupo e investigar se o trabalho realizado estava adequado aos propósitos de desenvolvimento musical, físico e de integração psicossocial dos cantores.” (Ibid, 2013, p.2). Dos 30 coralistas, 21 participaram dos questionários. A melhoria de qualidade de vida do idoso e a integração social são evidenciadas com destaque pelos participantes nos questionários além da aprendizagem musical em si. Destacam ser importante que os regentes:

[...] tenham a preocupação de delinear um perfil de seus integrantes para traçar as melhores estratégias para atingir os objetivos adequados ao grupo. Este perfil pode influenciar na escolha do repertório, no local de apresentações e na imagem que se pode criar deste grupo. (Amato; Mendes, 2013, p. 8).

O projeto realizado pela Associação Cristã de Moços de Sorocaba – SP foi o tema de Santos (2013), em seu relato de experiência. O objetivo “[...] é promover a educação musical a um público formado por homens e mulheres da terceira idade por meio da expressão vocal.” (Ibid, 2013, p. 603). O relato reflete a necessidade de um repertório adequado para idosos e aquecimentos apropriados para a idade.

Silva; Igayara-Souza e Ramos (2016) trazem um relato de experiência do “Coral da Terceira Idade da USP”, com o objetivo de “discutir referenciais teóricos para a preparação vocal em coros de terceira idade” (ibid, 2016, p.1), baseado em suas práticas. Os coros, em sua maioria, recebem novos integrantes a cada semestre, o que os deixa em constante transformação. Nas observações, pôde-se apontar que “uma boa postura e a respiração adequada foi imprescindível” (Silva; Igayara-Souza; Ramos, 2016, p. 7), questão essa que foi confirmada na literatura. Com aprofundamento técnico, “foi possível notar sensíveis melhoras na afinação e

no controle do fraseado” (Ibid, 2016 p. 7). Apontam ainda que há necessidade de formação específica nesta área.

O Impacto do canto coral na saúde e nos aspectos psicossociais do envelhecimento foi o que Prior e Berg (2017) abordaram. Defendem que a prática coral na terceira idade é de suma importância “ao proporcionar a inserção do idoso no meio social, promovendo melhor qualidade de vida e bem-estar a níveis físicos e psicológicos.” (Ibid, 2007, p. 5-6).

Os artigos explorados trazem aspectos relevantes que influenciam a dinâmica de ensaios e promovem melhorias no resultado do trabalho de coro com a terceira idade, como a utilização de repertório sugerido pelos integrantes, por exemplo. Questões de cunho social são abordadas em várias delas, evidenciando a relevância desses projetos no bem-estar de indivíduos dessa idade (REIS; OLIVEIRA. 2004; RODRIGUES; PEDERIVA. 2006)

Alguns artigos ainda trazem a articulação entre a educação musical e o canto coral, os quais mostram o quanto a musicalização aprimora as aulas de canto coral (FIGUÊREDO 2008, 2010a, 2010b; SANTOS JÚNIOR, 2007) e beneficia a voz dos idosos e de sua saúde vocal (HAUCK-SILVA; IGAYARA-SPUZA. 2016. PRIOR; BERG; 2017).

### 2.3 AS RELAÇÕES ENTRE A PRÁTICA CORAL E A EDUCAÇÃO MUSICAL

A “educação musical, portanto, tem sido apontada como um meio para a qualidade do envelhecimento na terceira idade” (RODRIGUES, 2009, p. 41). Na literatura encontramos pesquisas com o foco no ensino e aprendizagem musical com idosos. Esses estudos examinaram diferentes situações de ensino e aprendizagem tais como canto coral (FIGUÊREDO, 2009; CONCEINÇÃO, 2013); aulas de flauta doce no processo de musicalização de idosos (BUENO, 2008); aulas de piano (BUGOS, 2004); com os professores que atuam com o público idoso em diversas áreas da música (RODRIGUES, 2009); aulas de musicalização (LUZ, 2006, 2007, 2008); processos de composição musical (FUGIMOTO, 2015); enquanto BERGAMANN (2012) buscou compreender o processo de musicalização em idosos

A pesquisa que Rodrigues (2009) desenvolveu, dispõe de um estudo com 38 professores de música com foco no ensino para idosos. Na ocasião, ela declara que os professores têm “opiniões contraditórias”. Enquanto um grupo relaciona a “música à qualidade de vida do idoso”, outros pontuam o “progresso no domínio de competências musicais por parte desse público de alunos.” (RODRIGUES, 2009, p 176).

A investigação de Bugos (2004) relata o ensino individual do piano e traz a importância dessa prática para preservação das funções executivas, tais como: manutenção da memória, processos de organização e conservação da atenção. A pesquisa foi realizada com idosos entre 60 – 85 anos com 39 sujeitos, e se deu em dois grupos experimentais. O primeiro deles desenvolveu aulas de piano individuais no período de seis meses, enquanto o segundo não. Os resultados do primeiro grupo em relação ao segundo foram: melhora da capacidade cognitiva em relação à perda de memória, aumento da atenção e concentração, favorecimento da preservação cognitiva, evitando possíveis perdas decorrentes da idade.

No mesmo ano da pesquisa de Bugos no Brasil, a pesquisa de Bozzetto (2004) foi sobre treze professoras de piano com idades entre 62 - 79 anos. Através de narrativas, a pesquisadora relata como são as rotinas de pessoas idosas que conviveram com a música durante toda sua vida, além de enfatizar que, mesmo na terceira idade, continuam a exercer a docência da música, englobando o planejamento e organização da agenda de aulas com facilidade.

Luz (2006, 2007, 2008) destacou a contribuição das atividades de educação musical para o desenvolvimento cognitivo em idosos. Em 2006, desenvolveu aulas de iniciação musical para alunos de terceira idade, momento no qual defendeu que é possível ocorrer aprendizagem, independentemente da idade musical. Sua pesquisa repercutiu outros trabalhos na área de educação musical e autores citam que Luz “levou ao desmoronamento do mito de que somente crianças, jovens ou adultos são capazes de aprender música” (RODRIGUES, 2009, p. 40). Mais tarde, Luz (2008) afirma que a “aprendizagem na velhice é um desafio que esbarra em preconceitos com relação às capacidades dos idosos, que são frequentemente medidas e comparadas com as capacidades dos mais jovens.” (Ibid, 2008, p. 39). Frases similares são notadas em outros autores, atestando a percepção de Luz



quanto ao preconceito direcionado aos idosos. Contudo, os resultados de sua pesquisa em 2008 mostram:

[...] que a aprendizagem da música levou os alunos idosos ao desenvolvimento de habilidades de memória, pensamento lógico-matemático e capacidade de análise e síntese, o que lhes possibilitou a assimilação da notação musical, do ritmo e da melodia, tendo chegado a decodificar a linguagem sonora a partir das estruturas sensoriais e simbólicas que constituem o alfabeto musical. (LUZ, 2008, p. 137).

Bueno e Borges (2007) desenvolveram um trabalho de musicalização com a utilização da flauta doce. Os sujeitos da pesquisa foram senhoras entre 60 - 85 anos e o trabalho de educação musical aconteceu por meio da oralidade, observações visuais, percepção auditiva, imitações e atividades lúdicas. A pesquisa enfatiza um aspecto extremamente importante: a necessidade de vínculo com a faixa etária e com as experiências de vida das idosas. Esse vínculo proporcionou expressão dos sentimentos e emoções que resultou no desenvolvimento cognitivo e musical das participantes. Bueno e Borges (2007) também pautaram que o mesmo resgate da cultura e o conhecimento das idosas proporcionaram momentos de emoção nas aulas e resgate da autoestima.

Ao observar aulas de música, Bergmann (2012) traz à reflexão que as “aulas de música, [...], podem ter dois enfoques diferentes: ser uma atividade realizada *a partir do* idoso ou *para* idosos.” (BERGMANN, 2012, p. 134 grifo da autora). A mesma defende que as aulas que se enquadram no primeiro caso, são atividades que não são elaboradas e pensadas para esse público em questão, ao contrário do segundo caso. Outro objetivo alçando pela pesquisadora foi compreender a motivação dos idosos em buscar a música somente na terceira idade. Explicaram os entrevistados que, anteriormente a essa fase de vida, fatores como a falta de tempo e condições financeiras eram obstáculos que impediam o planejamento de aprender música, embora tivessem algum elo com a mesma, seja no vínculo familiar ou nos serviços religiosos. Encontraram na terceira idade os recursos que possibilitaram a busca pela aprendizagem. Bergmann (2012) também destacou que os idosos relataram a melhora da autoestima e qualidade de vida.

Fugimoto (2015) objetivou “investigar os significados construídos ao longo de uma experiência de composição musical colaborativa por um grupo de idosas” (Ibid, 2015, p. 17). As idosas eram integrantes do canto do Serviço de Convivência



para Idosos Irmã Clara Kô, na cidade de Maringá – PR. Do grupo, foram selecionadas 16 participantes para integrar a pesquisa, as quais tiveram encontros semanais de uma hora e quinze minutos. A autora afirma que por meio da vivência de composições musicais, as idosas puderam representar “[...] suas expressões, impressões, dúvidas e recordações, oportunizando que expusessem suas percepções particulares sobre a experiência” (FUGIMOTO, 2015, p. 175) musical. Além de imprescindíveis processos criativos, a autora defende que essa prática deveria ser realizada com mais frequência com os idosos.

As pesquisas foram unânimes ao mostrar que a educação musical nessa faixa etária, tanto com um instrumento musicalizador ou aulas grupais, desenvolve autoestima, preserva a cognição, atenção, memória, além de produzir o conhecimento musical.

### 3 IDOSO - APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

O mundo está em transição de processo demográfico único e irreversível, e este “envelhecimento populacional representa a maior conquista da humanidade<sup>14</sup>” (ONU, 1982). Segundo a Organização das Nações Unidas, a parcela/proporção de pessoas com 60 anos ou mais deve duplicar entre 2007 e 2050, e seu número atual deve mais que triplicar, alcançando dois bilhões em 2050 no mundo. (ONU, 2002)<sup>15</sup>. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística “A população de idosos representa um contingente de quase 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Nos próximos 20 anos, a população idosa do Brasil poderá ultrapassar os 30 milhões de pessoas.” (BRASIL, 2002). Esse acontecimento decorre de dois fatores: o declínio da fecundidade e a diminuição da mortalidade. Assim, o idoso tem sido visto de forma diferenciada. Segundo Figuerêdo (2009) “a discussão em torno dos impactos causados pelo envelhecimento do mundo e posteriormente intervenções vêm sendo fomentadas por órgãos internacionais e nacionais mobilizando os diversos segmentos da sociedade.” (Ibid, p. 15). Pode-se observar esse fenômeno do envelhecimento no Brasil, por meio da pirâmide Populacional de 1990 e 2017 e a previsão de 2050. A cor azul representa o sexo masculino e a cor vermelha representa o sexo feminino.

---

<sup>14</sup> ONU. Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento 1982. Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, 1982, Viena (Áustria): Viena, 1982.

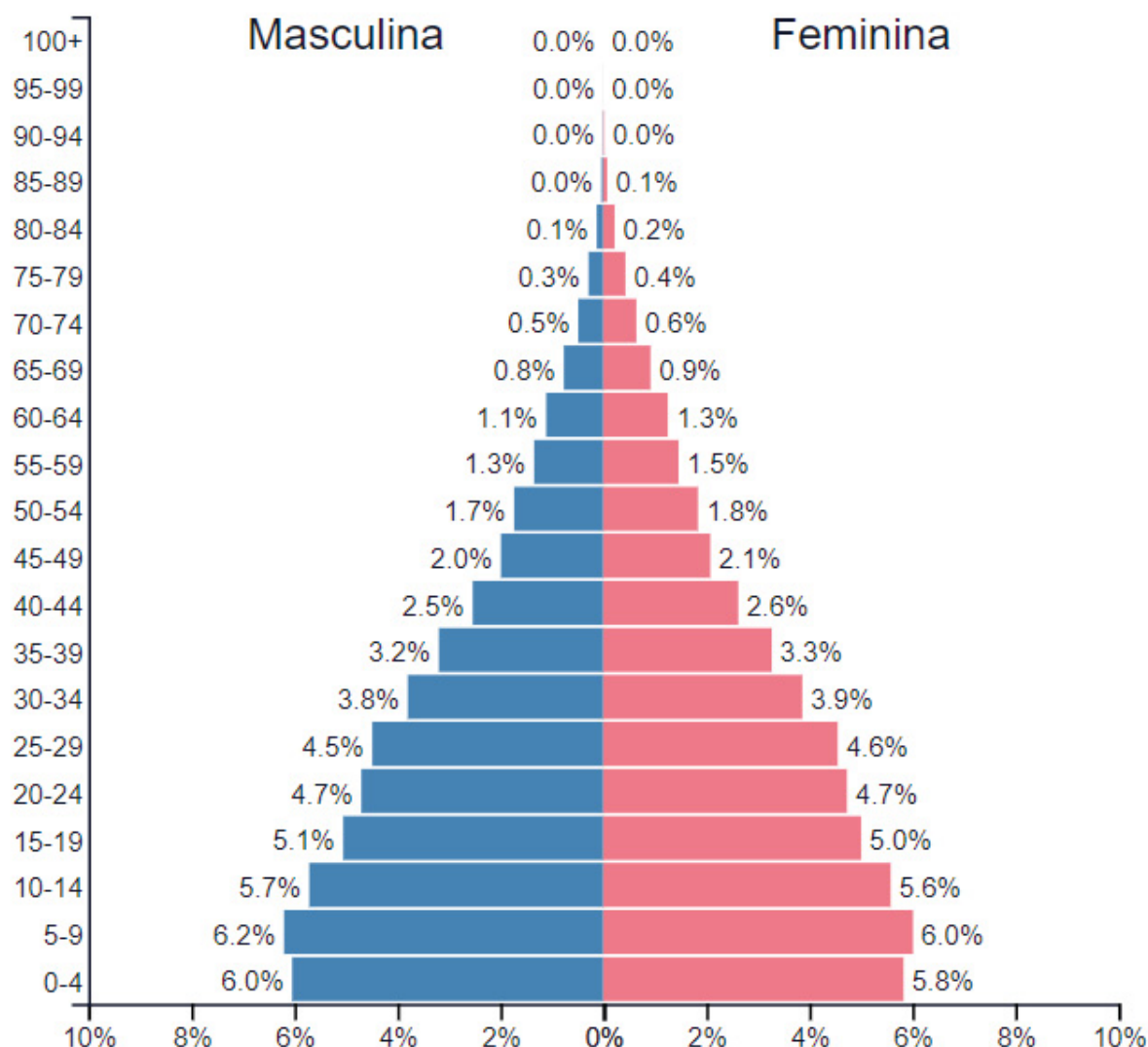
<sup>15</sup> ONU. Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento 1982. Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, 2002, Madrid (Espanha): Madrid, 2002.

FIGURA 1 – PIRÂMIDE POPULACIONAL DO BRASIL 1990

Brasil ▼

1990

População: 150,393,143



FONTE: Population Pyramid. (2017).

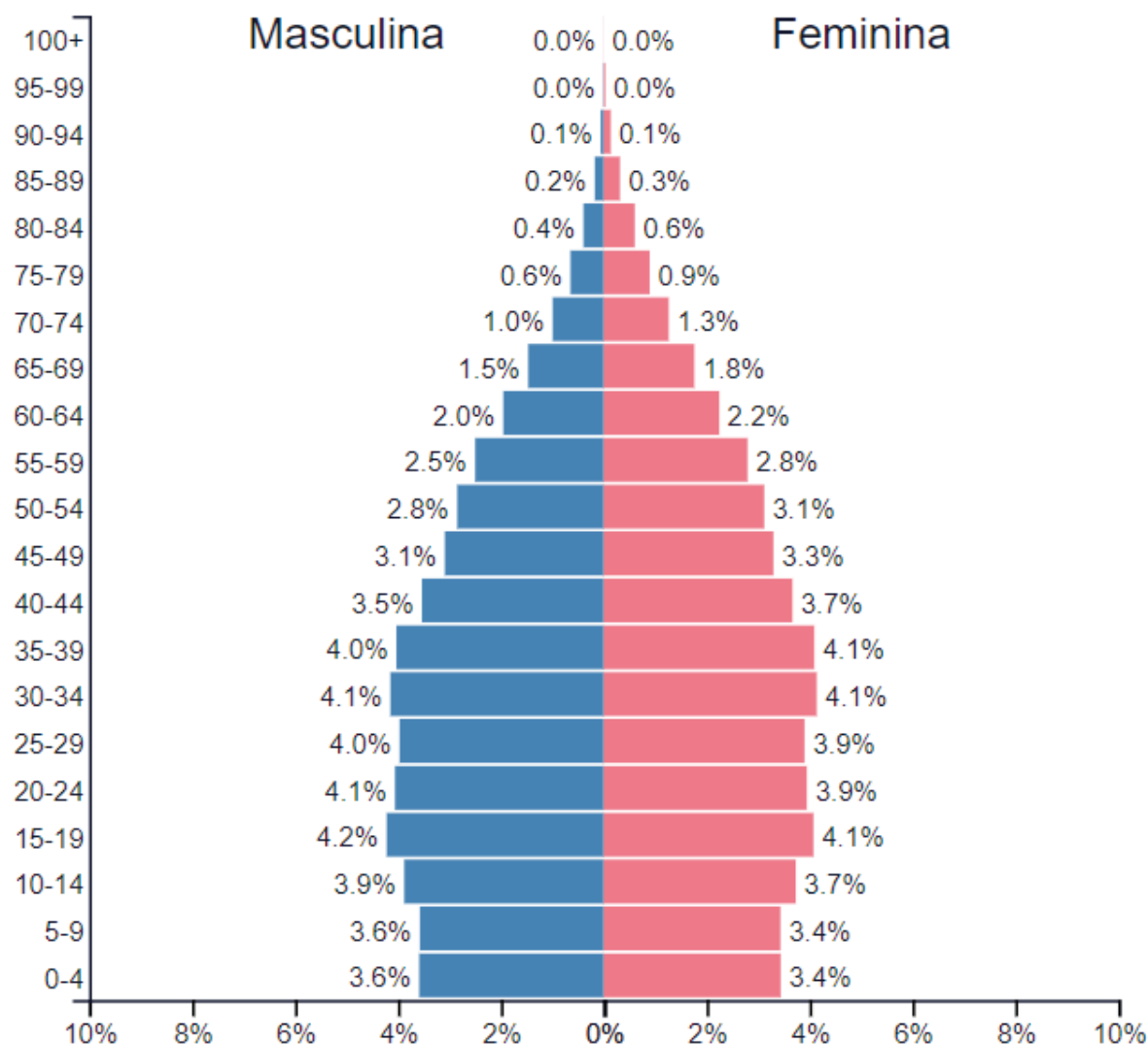
Na figura acima, pode-se observar que em 1990 a população brasileira era composta por 150.393.143 habitantes, sendo que a maior faixa etária correspondia às crianças. Pessoas com 60 anos ou mais estavam compreendidas em apenas 3,4% dos habitantes, sendo 47% do sexo masculino e 53% do sexo feminino. Idosos de 80 anos ou mais não atingiam 1% da população na época.

FIGURA 2 – PIRÂMIDE POPULACIONAL DO BRASIL 2018

Brasil ▼

2018

População: 212,873,151



FONTE: Population Pyramid. (2018).

Já em 2018, a população brasileira teve um acréscimo e atingiu a marca de 212.873.151 habitantes. Na pirâmide, pode-se observar a diminuição da taxa de natalidade e de crianças entre 5 - 10 anos. Constata-se que a população entre 30 - 34 anos é a mais numerosa nesse ano. Idosos com idade entre 60 – 64 anos

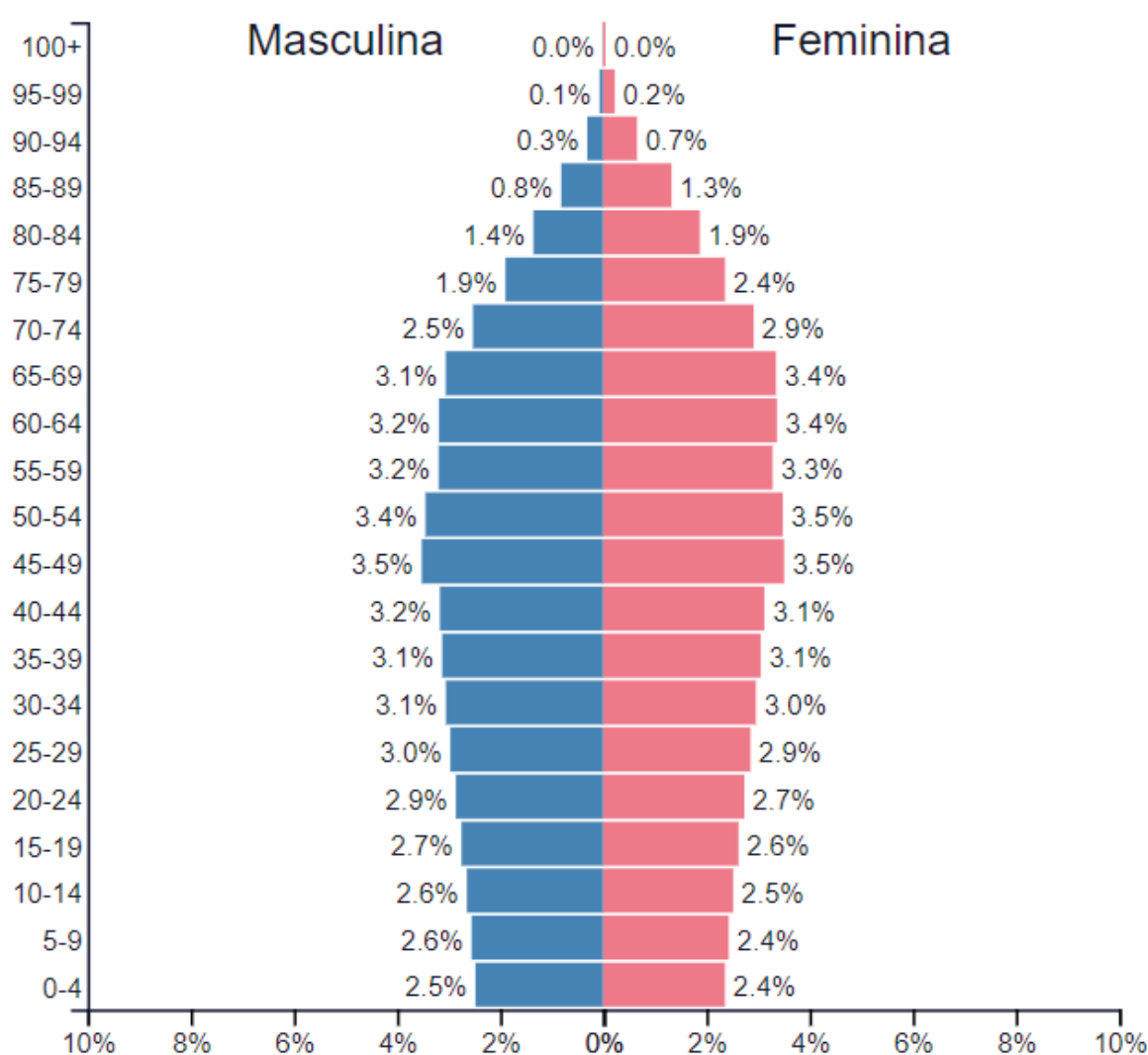
representam 4,2% da população, enquanto o número de indivíduos com 65 anos ou mais aumentou expressivamente.

FIGURA 3 – PIRÂMIDE POPULACIONAL DO BRASIL 2050

Brasil ▼

2050

População: 238,270,379



FONTE: Population Pyramid. (2018).

Na previsão de 2050, percebe-se que a população ficou estável em relação a 1900, 2018 e a previsão de 2050 a pirâmide aponta uma menor natalidade, menos pessoas entre 30 - 40 anos e mais pessoas com idade entre 55 - 60 anos. A

longevidade também é expressiva comparada à pirâmide de 1990, ou seja, a população está envelhecendo. 12% da população deverá ser representada por pessoas entre 70 - 89 anos. Percebe-se uma tendência significativa na expectativa de vida dos brasileiros, a qual sugere um crescente aumento na longevidade.

Existem várias terminologias utilizadas para referir-se a pessoas idosas, as quais são determinadas por algumas regras sociais. Esses termos são variáveis de cultura para cultura e se modificaram profundamente ao longo da história. Nesta dissertação, são abordados alguns termos que tradicionalmente referenciam o sujeito que tem mais idade que a média da população: idoso, terceira idade, velho, geronto, maturidade, entre outros. Além das variadas terminologias, existem diferentes interpretações quanto à idade dos idosos. Por exemplo, a média de idade dos nativos brasileiros no início do século XVI era de 27 anos. Hoje, no Brasil, é considerado idoso o indivíduo que tem mais de 60 anos, enquanto em países desenvolvidos essa classificação é para os indivíduos que tem mais de 65 anos. O código penal brasileiro considera idoso aquele que tem mais de 70 anos, no caso de ser autor de algum crime. Se o idoso em questão for lesionado em função de crime, o código o considerará idoso se tiver mais de 60 anos. Esses limites de idade definirão os direitos da pessoa nas duas situações.

Etimologicamente, a palavra Idoso advém do latim *idade+oso*, “*que se tem idade avançada*” segundo o dicionário Priberam (2017). Sob o aspecto legal, cabe destacar a Constituição Brasileira de 1988 e o Estatuto do Idoso (Lei Federal número 10.741 de 01/10/2003), estabelecendo direitos fundamentais para essas pessoas. Conforme o Art. 1º, “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos no Brasil”. Anteriormente, a ONU já havia demonstrado preocupação sobre o assunto em 1982 quando realizaram a primeira assembleia mundial sobre o envelhecimento. Naquela ocasião, realizaram um plano de ação com 62 pontos sobre o envelhecimento.

Segundo Oliveira (2010) o termo “terceira idade” foi formulada pelo gerontologista francês Huet. O autor afirma que o médico teceu o termo para “designar um princípio cronológico que coincide próximo a aposentadoria e a velhice, na faixa dos 60 aos 65 anos (OLIVEIRA, 2010, p. 26). Farias (2008 apud Oliveira 2010) reitera que tal termo surgiu para marcar essa nova etapa da vida,

demonstra que o envelhecimento pode ser ativo, prazeroso e intenso, e que esse processo não impede a continuidade da vida.

No Brasil, segundo Mazo; Lopes; Benedetti (2004) a primeira instituição a empregar esse termo foi o Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo ao possibilitar as “Escolas Abertas para Terceira Idade”, com a intensão de oportunizar novos conhecimentos, práticas sociais e culturais na velhice.

De acordo com a ONU, terceira idade “é a fase de vida que começa aos 60 anos em países em desenvolvimento e 65 anos nos países desenvolvidos” (PONTAROLO; OLIVEIRA. 2008, p. 116). O envelhecimento ocorre em diversos segmentos comitentes ou não, tais como: psicológico, físico, social, econômico, político, biológico. Baseado nas características biológicas, o ser humano é classificado segundo os geriatras em: “Primeira idade: 0 - 20 anos; segunda idade: 21 - 49 anos; terceira idade: 50 - 77 anos; quarta idade: 78 - 105 anos” (PONTAROLO; OLIVEIRA, 2008, p. 116). Existe uma subdivisão da terceira idade e quarta idade:

- Idoso jovem: 66 - 74 anos;
- Idoso velho: 75 - 85 anos;
- Manutenção pessoal: 86 anos em diante.

Alguns projetos empregam a nomenclatura “Maturidade”. Esse termo, segundo o dicionário Michaelis (2017), “Estado ou condição de ter atingido uma forma adulta ou amadurecida; madureza, maturidade.” Na perspectiva psicológica, ainda Michaelis (2017) traz que a maturidade é o “desenvolvimento pleno da inteligência e dos processos emocionais; estado em que um indivíduo goza de plena e estável diferenciação e integração somática, psíquica e mental.” e que faz parte da “Idade adulta, entre a juventude e a velhice; meia-idade.” Contudo, entendeu-se que quando os projetos utilizam essa nomenclatura, vão de encontro ao que define o Dicionário Online Brasileiro (2017): “Momento do que se encontra no último estágio do desenvolvimento” e ainda acrescenta “Efeito ou circunstância da pessoa que se encontra numa fase adulta; estado das pessoas ou das coisas que atingiram completo desenvolvimento: maturidade comportamental, mental etc.”

Há ainda a palavra “velho” que, muitas vezes, é utilizada, segundo Farias (2008) com distinção de “idoso”, termo que demonstra a posição social da pessoa de mais idade em diferentes realidades socioeconômicas. Oliveira (2010) por sua

vez relata que “o termo “velho” reforça a ideia de decadência, de incapacidade e de inutilidade para o trabalho, excluindo, portanto, a pessoa com idade avançada e de classe baixa” (OLIVEIRA, 2010, p. 27). Enquanto o dicionário Aurélio (2017) traz que a palavra “velho<sup>16</sup>” significa avançado em idade; que tem muito tempo de vida ou existência. Essas diversas designações, tais como: idade avançada, adultez, maturidade, idade madura, geronte, ancião, desde o eufemismo “melhor idade”, apenas suavizam o discurso e estigmatização que os idosos vivem no cotidiano, segundo Goldman (2010).

### 3.1 O IDOSO E QUESTÕES LEGAIS

Na Constituição Brasileira de 1934, a palavra *velhice* aparece pela primeira vez em três momentos, no anteprojeto e nos artigos 121 e 124 § 4º.

No ano de 1982, a ONU realizou a primeira Assembleia Mundial do Envelhecimento em Viena. Nesta ocasião, começaram a refletir sobre o assunto e direcionar alguns planos para o futuro.

Na Constituição Brasileira de 1988, já são dedicados alguns artigos à proteção do idoso. Segundo Figuerêdo (2009) “estas citações, provavelmente, sofreram influências das recomendações da ONU” (Ibid, 2009, p.15). Em 1993 a Lei nº 8.742 veio allear as demandas assistencialistas, que em 1994 dispõe a Lei de nº8.842 e elabora a Política Nacional do Idoso. Neste momento, além de instituir as competências dos órgãos de assistência social, teve “por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (BRASIL, 1994<sup>17</sup>). Além de oferecer e “assegurar” como diz na lei, condições em relação à qualidade de vida para os idosos como cultura e lazer. O inciso III da mesma lei, discorreu sobre a responsabilidade da educação e adequação para o idoso.

---

<sup>16</sup> Publicado em: 24 de setembro de 2016, revisado em: 27 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/velho>>. Acesso em: 21 Mar. 2018.

<sup>17</sup> BRASIL, 1994. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8842.htm)>. Acesso em: 30 Jan. 2018.



Nesse momento, percebe-se um avanço nas políticas públicas em relação ao idoso, momento não só de caráter assistencialista, mas entendendo o idoso como um indivíduo em sua totalidade.

Em 1996 foi realizado um Decreto 1948 que regulamenta a Política Nacional do Idoso. Em abril de 2002, ocorreu a II Assembleia Mundial sobre o envelhecimento, em Madrid – Espanha, momento no qual foi incentivado aos países pensar e desenvolver planos para a população idosa. A ONU ressaltou:

[...] a necessidade de assegurar que o envelhecimento ocupe um lugar fundamental em todas as prioridades no domínio do desenvolvimento – tanto a nível nacional como internacional – os governos comprometeram-se a assegurar a plena proteção e promoção dos direitos humanos e liberdades fundamentais, reconhecendo que, quando envelhecem, as pessoas deveriam ter oportunidades de realização pessoal, de levar uma existência saudável e segura e de participar ativamente na vida económica, social, cultural e política. (ONU, 2002, p. 1).

Com essas movimentações mundiais, o Brasil formulou o ‘Estatuto do Idoso’, idealizado na Lei nº10.741 e aprovado em 2003. O artigo segundo ressalta que:

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (BRASIL, 2003).

Percebe-se uma preocupação não meramente assistencial, mas de uma maneira integral com o idoso, com o propósito de oferecer qualidade de vida e condições, permeando “o desafio de viver com dignidade, uma vida socialmente ativa durante todo o percurso do envelhecimento” (ONU, 2002, p.13).

Em 2005 a RDC/ANVISA (Resolução da Diretoria colegiada/Agência Nacional de Vigilância Sanitária) criou a resolução de nº283/2005 que aprovou normas técnicas que definem o funcionamento de instituições de permanência para idosos. Percebe-se que a preocupação com o envelhecimento continua com o Decreto nº5934/2006, que estabelece mecanismos e critérios para que os idosos utilizem transportes coletivos interestaduais, ônibus, trens, barcos sem investimento financeiro. No mesmo ano, cria-se a Portaria nº2529/2006 que aprova

a Política de Saúde para Pessoa Idosa e a Portaria nº2529 do mesmo ano que institui a internação domiciliar no âmbito do Sistema Único de Saúde.

Em 2013 foram incluídos alguns incisos na Lei 12.896, onde veta-se “exigir o comparecimento do idoso enfermo perante os órgãos públicos” e continua dando algumas possibilidades para o mesmo. Em 2017, o envelhecimento da população brasileira motivou a adição no Estatuto do Idoso Artigo 2, o inciso 3, declarando que idosos acima de 80 anos tem prioridade em qualquer órgão.

FIGURA 4 – LINHA DO TEMPO DO IDOSO NOS ASPECTOS LEGAIS



FONTE: a autora (2018).

### 3.2 O IDOSO E SUAS RELAÇÕES COM A MÚSICA

Apesar de ser a última etapa da vida, não se deve sustentar que a velhice não tenha condições de ser uma fase produtiva. Pode-se evocar o exemplo de Giuseppe Verdi (1813-1901), que durante a sua vida produziu várias peças musicais. Grout e Palisca (1997) dividem as suas obras em três fases: na primeira fase, quando ainda jovem, suas obras eram “enredos melodramas tempestuosos e sangrentos [...] com inúmeras oportunidades para melodias animadas, vigorosas e violentas” (ibid, 1997, p. 638); já na segunda fase, por volta de seus 40 anos, suas músicas eram escritas num “ritmo menor do que anteriormente [...], as harmonias tornaram-se mais audaciosas, enquanto a orquestra é tratada com maior apuro e originalidade” (GROUT; PALISCA. 1997, p. 638); na sua terceira e última fase, compôs a obra *Otelo*, por volta de seus 70 anos. Em 1887, aos 74 anos, apresentou-a em Milão. Nesse momento, “Verdi levou a ópera italiana a um grau de perfeição nunca ultrapassado depois dele.” (ibid, 1997, p. 637). Para o compositor Giuseppe Verdi, o envelhecer lhe proporcionou, com suas experiências anteriores, uma fase de realização musical. Acredita-se que o idoso possa ter realizações, satisfação e prazer com a música e na música.

A música tem sido estudada como instrumento para auxiliar e minimizar os impactos do envelhecimento. Algumas pesquisas relatam tais benefícios, como Moraes (2007):

A aproximação com a música pode incentivar a expressão artística e a comunicação, mesmo daqueles que nunca tiveram, até então, qualquer tipo de formação musical e como acréscimo importante que o trabalho com a música permite o desdobramento de memórias, estimula a interação, a socialização e o movimento, o que traz incontáveis benefícios aos idosos que participa de tais atividade (MORAES, 2007, p. 24).

Em contradição, Charlot (2013), quando questionado sobre o que deveria ser ensinado às crianças, defende que “de certa forma poder-se-ia responder: tudo.” (Ibid, 2013, p. 187). Ainda diz que “é interessante quando um desejo, no sentido profundo do termo, é satisfeito pelo encontro com um conteúdo intelectual.” (CHARLOT, 2013, p. 160)

Mudando o contexto, tal posicionamento pode trazer-nos à reflexão: “O que deveria ser ensinado aos idosos?”. Somente aquilo que minimiza os efeitos do

avanço da idade? Devido a várias questões, muitas pessoas não conseguem estudar música ao longo da vida e, quando estão aposentados, a buscam pelo prazer, pela alegria, pela arte e não somente pelos benefícios fisiológicos.

Da mesma forma, a *Internacional Society Music Education* (ISME) afirma que devemos “promover a educação musical para pessoas de todas as idades em todas as situações relevantes em todo o mundo.”<sup>18</sup> (ISME, 2016, não p. tradução nossa) [1]. Essa propensão é mencionada por Rodrigues (2009) ao exemplificar os estudos defendidos por Koga (2005) que apresentam “um depoimento a respeito desse novo cenário: em todo o mundo, espaços destinados à aprendizagem da música estão trazendo a felicidade e benefícios inúmeros a indivíduos idosos” (ibid, 2009, p. 15). Traz à reflexão que o ensino/aprendizagem musical deveria ser pensado para esse público, além de proporcionar “o acesso de todas as pessoas a oportunidades de aprendizagem musical e a participação ativa em vários aspectos da música é essencial para o bem-estar do indivíduo e da sociedade<sup>19</sup> (ISME, 2016, não p. tradução nossa)[2].

### 3.2.1 A educação musical do idoso

A educação musical com idosos e a busca por aprender um instrumento na velhice tem sido o objeto de estudo de pesquisas no Brasil e no mundo, assim como defende a ISME que:

O acesso à música, informações sobre música e oportunidades para desenvolver habilidades musicais e afins podem ocorrer de várias maneiras, que são essenciais para satisfazer as diversas necessidades, interesses e capacidades musicais das pessoas.<sup>20</sup> (ISME, 2016, não p. tradução nossa) [3].

---

<sup>18</sup> [1] “Promoting musical education for people of all ages in all relevant situations around the world.” Disponível em: <<https://www.isme.org/about>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

<sup>19</sup> [2] “Access for all people to musical learning opportunities and active participation in various aspects of music is essential to the well-being of the individual and society.” Disponível em: <<https://www.isme.org/about>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

<sup>20</sup> [3] “Access to music, information about music and opportunities to develop musical and related skills can occur in various ways, which are essential to meet the diverse needs, interests and

As pesquisas sobre Educação Musical com Idosos foram realizadas no Banco de Teses da Capes no período de 2012 – 2017, com as seguintes combinações de palavras chave: “idoso” e “música”, “música” e “terceira idade”; “educação musical” e “idoso”; “educação musical” e “terceira idade”. O levantamento anterior a esta data encontra-se na dissertação de Kátia Conceição (2013), que realizou um levantamento no período de 2008-2012, e na dissertação de Eunice Rodrigues (2009), que fez um levantamento de 1987-2007. Conceição (2013) no seu levantamento trouxe 19 pesquisas na área de “idoso” e “música”, agrupando-as em cinco categorias, descritas a seguir:

- A) Valor terapêutico da música;
- B) Aspecto psicossocial da música;
- C) Cultura popular e valor histórico-social;
- D) Canto coral;
- E) Formação do educador musical e ensino musical. (CONCEIÇÃO, 2013, p. 24).

Enquanto que Rodrigues (2009) incidiu no seu levantamento pesquisas sobre ensino e envelhecimento em suas várias dimensões. A pesquisadora apresentou 94 trabalhos discutindo sobre os idosos e aprendizagem em geral, porém não encontrou nenhum trabalho referente à aprendizagem musical de idosos. Dessa forma, demonstrou a pertinência e importância de estudos voltados para essa temática. A pesquisadora afirma que “O tema do ensino de música com o idoso se encontra em fase de desenvolvimento. Na área de música os trabalhos ainda são incipientes. Esse fato é constatado na revisão de literatura realizada e pode ser confirmado principalmente nos trabalhos de pós-graduação disponibilizados no banco de teses e dissertações da Capes.” (RODRIGUES, 2009, p. 33).

Aulas de musicalização com alunos idosos estão na pesquisa de Luz (2005, 2006, 2007) e Torres (2003); as práticas em conjuntos são apontadas por Souza (2008) e Torres (2003); aulas de música na disciplina de Artes do EJA (Educação de Jovens e Adultos), aulas intergeracionais (RIBAS, 2006); aulas de instrumento

coletivas para idosos foi o tema de Bueno (2008); assim como a relação do canto coral, teclado, violino, piano e regência foram estudados por Renner (2007); a disciplina de criação com idosos foi a pesquisa de Fugimoto (2015). Aulas de instrumentos baseados em diferentes formas de ensino/aprendizagem com idosos foram tema de Conceição (2013). Silva Júnior abordou sobre memórias por meio do canto coral. Bergmann (2012) pesquisou a influência da educação musical na memória, concentração, coordenação motora, socialização e disposição, colhendo opiniões dos idosos que participaram das aulas.

A pesquisa de Renner (2007), realizada com o foco na Educação Musical, elucida o fazer musical dos “adultos maduros”, busca compreender as razões que levaram a prática musical, além dos efeitos ao longo da vida que a essa prática proporciona. Com uma abordagem qualitativa, realiza entrevistas acerca das histórias de vida desses idosos, com sete participantes amadores em música e seis profissionais, sendo destes um maestro, uma violinista e quatro regentes. Os resultados da pesquisa mostram a repercussão da música na vida dos pesquisados, dando ênfase nas contribuições na aprendizagem, autonomia, crescimento psicológico, memória e para a manutenção da vida. Afirma que “a aprendizagem na vida adulta se caracteriza pela autonomia e autodirecionamento e está relacionada ao crescimento psicológico, num processo de desenvolvimento de qualidades como autonomia, independência, individualidade e integridade do eu” (RENNER, 2007, p. 115).

Bergamann (2012) buscou compreender a influência da educação musical na memória, concentração e coordenação dos idosos. Realizou entrevistas com quatro idosos, nas quais, pôde perceber o quanto a música influencia na vida dos idosos. Traz lembranças afetivas e também negativas, auxilia na memória, ajuda a decorar a letra. Os idosos que participaram da pesquisa descrevem o quanto a música influenciou na sua vida, como fez criar vínculos na velhice, o quanto tem trazido alegria (p. 137) e mostra que mesmo com dificuldades, eles conseguem aprender e desenvolver a musicalidade. “Todos eles tiveram um ponto em comum: o fato de apreciarem músicas da época em que eram crianças ou jovens e que hoje são consideradas antigas”. (Ibid, 2012 p. 137)

Conceição (2013) pesquisou a relação do ensino aprendizagem em três oficinas de música na cidade de São Paulo. Eram elas: A Experiência de Ouvir

Música I e II; Canto Coral. Os resultados da pesquisa apontaram que a proposta educacional é intrínseca à realidade sociocultural dos idosos. Os professores buscam estimular e contribuir para a ampliação do conhecimento musical. O afeto foi percebido entre idosos e professores, e observou-se que isso estimula a cognição, a inteligência e a emoção dos idosos. O trabalho também apontou que houve melhora na autoestima dos idosos, e que o ambiente proporciona trocas de experiências, permitindo aos integrantes expressarem suas opiniões e serem ouvidos. Esse tipo de oficina deve ser oferecido em outros lugares como uma ferramenta para melhoria da qualidade de vida.

A pesquisa de Fugimoto (2015) foi desenvolvida com 16 idosas que participavam de um coro. Em outro momento, foi proposta uma oficina com duração de seis encontros. Nelas foram propostos arranjos em conjunto e pequenas composições. A pesquisa revelou que a composição colaborativa permite articular a vivência musical e as histórias de vida das participantes, além de ressignificar as vivências musicais anteriores. A autora acredita que trabalhos com idosos similares a esse ainda não são suficientemente disseminados, e que o trabalho da composição com esse público pode ser mais uma metodologia no ensino da música.

Essas pesquisas apontam que a educação musical na terceira idade pode ser desenvolvida e é viável tanto na questão vocal quanto na instrumental, conforme os resultados apresentados.

### 3.3 O IDOSO E O CANTO

Inicialmente, buscou-se nos anais da ABEM textos que abrangessem os anos 2000 a 2016, a fim de realizar um mapeamento. Para isso, foi utilizado o *site* da ABEM, o qual possibilitou a procura. Inicialmente, a organização destes textos deu-se através da leitura de seus títulos e resumos. Após essa fase, realizou-se a leitura exploratória dos títulos que tinham referência com o tema, sendo selecionados os trabalhos que sugerissem os temas “coro”, “regência” e “idoso”. Em seguida, foram lidos os resumos a fim de referendar a primeira leitura. Para complementar a seleção, foram realizadas buscas textuais na ferramenta de busca do leitor de *pdf*, tais como “idoso”, “coro”, “canto de idoso”, “canto da terceira idade”.

Na Revista Em Pauta, foi realizado um mapeamento dos anos de 2000 até a sua última edição do ano de 2012. Foram pesquisadas na ferramenta de busca do *site* dessa revista as palavras “idoso”, “coro”, “regência”, “canto de idoso”, “terceira idade” e não foi localizado nenhum artigo que abrangesse esses temas. Em seguida, foram lidos os sumários de cada revista, nos quais tampouco foram encontrados artigos dessa natureza.

#### 3.3.1 Aspectos fisiológicos

O envelhecimento “é um processo natural que impacta todo o organismo” (FIGUÊREDO, 2009, p. 36). Aspectos corporais e metais estão diretamente ligados à execução vocal e à aprendizagem musical, tais como: respiração, audição, visão, memória e a voz. Durante as leituras, descobriu-se outro fator relevante, relacionado ao uso de próteses dentárias<sup>21</sup>, muito comuns nos idosos dos coros observados. São decorrentes desafios no que diz respeito aos aspectos fisiológicos da idade que acabam por modificar ou dificultar o processo do viver com dignidade e manter uma vida socialmente ativa durante todo o percurso do envelhecimento.

---

<sup>21</sup> Esse entendimento foi se desenvolvendo ao longo da pesquisa e das observações.



Na área de fonoaudiologia e ciências médicas, há trabalhos que mostram os aspectos do envelhecimento nas pregas vocais como em Casol (2004), Fernandes et. al.(2006).

De forma sucinta, para haver um bom desempenho vocal, é necessário: “1) a administração da respiração; 2) a função laríngea (coordenação eficiente da respiração com a produção do som) aliada à busca do relaxamento do pescoço, mandíbula e músculos faciais; 3) o desenvolvimento e exploração da ressonância vocal.” (FERNANDES, et al. 2006, p. 42)

“Neste processo, o regente deve ainda considerar fatores como a postura apropriada para o canto, o aquecimento corporal e vocal, a função e o valor dos vocalises e buscar meios de trabalhar a regulação vocal, a extensão vocal, os timbres e a flexibilidade vocal.” (FERNANDES, et al. 2006, p. 42)

Na música vocal, seja ela coral ou não, o trabalho para se alcançar uma boa dicção é outro ponto fundamental. Regentes e cantores tendem a concordar que o trabalho de dicção é essencial para o sucesso de um grupo coral porque a dicção permite: uma enunciação clara capaz de proporcionar o melhor entendimento do texto; a uniformidade sonora das vogais, essencial para uma afinação refinada e para a maior homogeneidade sonora; a uniformidade de articulação consonantal, essencial para a uniformidade rítmica; e a flexibilidade dos lábios, da língua e da garganta, permitindo uma produção vocal eficiente e saudável. (FERNANDES, et al. 2006, p. 43).

Marques (2011) pesquisa sobre as questões de como a memória é afetada na terceira idade e defende que a mesma pode ser reativada por meio da música. Observa dez idosas e mostra como o rádio é um meio utilizado para auxiliar o idoso a reviver, relembrar as letras. Esse foi um canal utilizado ao longo da vida do idoso, e, por meio dele, as vivências musicais foram efetivadas e guardadas.

Em sua tese, Casol (2004) desenvolveu um estudo longitudinal durante dois anos com quarenta e quatro coralistas (acima de 60 anos) que realizavam a prática do canto coral, os “idosos que participam do canto coral melhoraram a capacidade vital e a performance vocal, verificado através dos resultados das avaliações perceptivo-auditiva e acústica da voz” (CASOL, 2004, p. 132). Além de mostrar que os idosos que participam do canto coral têm hábito de ingerir mais água, e que no estudo longitudinal foi averiguado que os idosos que cantam não perderam a

tessitura vocal e ou mantiveram a mesma, e os que não participam apresentaram perdas da tessitura por meio da presbifonia:

consequência do envelhecimento natural da voz, chamado de presbifonia. Ocorrem, por exemplo, dentre outras mudanças, as variações de frequência das vozes, na qual as mulheres apresentam tendência para uma voz mais grave e os homens para mais aguda, pois a espessura de toda mucosa vocal tende a aumentar após os 70 anos, nas mulheres e diminuir, nos homens.” (SOARES et al., 2007, p. 221).

Rocha; Amaral; Hanayma (2007) mostram a diferença de extensão vocal entre idosos coralistas e não coralistas. As fonoaudiólogas acompanharam 80 idosos, desses 40 coralistas e 40 não coralistas. Como instrumento de comparação, utilizaram a escala musical para verificar a tessitura dos dois grupos. O número de semitons atingido pelos coralistas é maior aos não coralistas. “O perfil vocal dos idosos coralistas foi de 27 a 39 semitons, perfazendo um total de três oitavas, um tom e um semitom. O perfil de extensão vocal dos idosos não coralistas foi de 18 a 35 semitons, perfazendo um total de duas oitavas, cinco tons e um semitom”. A prática coral demonstra benefícios para a voz do idoso.

Os aspectos fisiológicos que são apresentados com frequência nas pesquisas são a memória do idoso, cognição e prego vocal. Não são normalmente observadas nas pesquisas de música abordagens que abranjam outros aspectos fisiológicos, tais como respiração, visão e audição.

## 4 O REGENTE

A regência tem sido tema de estudo na área de Música e Educação Musical, sendo qualificada como fundamental para o adequado desenvolvimento de grupos corais. Lucy Schimiti (2003) defende alguns pontos que considera primários para o regente:

Consciência da necessidade de uma prática pedagógica bem fundamentada e de uma ampla formação musical.

Consciência de que o processo de educação se concretiza com conhecimento e com sensibilidade, envolvendo afetividade, paciência, compreensão.

Consciência da importância de uma flexibilidade no planejamento das atividades musicais e de sua execução de forma lúdica, para haver sempre uma motivação para a aprendizagem.

Consciência da necessidade de uma cultura geral, para o êxito relacionar dados musicais com dados pertencentes às demais ciências ou às demais artes, reconhecendo e sabendo executar obras de diferentes estilos;

Consciência da necessidade de conhecimento de sua própria voz, como instrumento que facilitará o trabalho [...] como um bom exemplo vocal, além do conhecimento das etapas das vozes [...] para uma perfeita adequação do repertório. (SCHIMITI, 2003, p.16)

Assim, corroborando Ormandy, discorre que “a arte da regência é uma das mais complexas e exigentes atividades no campo da música”<sup>22</sup> (2004 apud GABORIM-MOREIRA, 2015, p. 38)[6]. O desenvolvimento dessas habilidades fornece uma prática musical consciente. Assim como Martinez (2000) descreve alguns “atributos essenciais” para “desempenhar corretamente sua atividade” (Ibid, 2000, p. 38) tais como:

- a) Percepção musical acurada;
  - b) Discernimento auditivo de intervalos melódicos e harmônicos;
  - c) Sentindo rítmico firme e constante;
  - d) Ser um comunicador e até certo ponto um pedagogo.
- Outros conhecimentos devem ser conjugados aos conhecimentos essenciais:
- a) Conhecimento das diversas técnicas do canto;
  - b) Possuir conhecimento musicais suficientes para ler, ouvir, analisar e interpretar uma partitura musical.
  - c) Saber tocar um instrumento de teclado;

---

<sup>22</sup> [6] The art of conducting, one of the most complex and demanding activities in the realm of music (ORMANDY, 2004, p. xi).

d) Ter cultura geral. (MARTINEZES, 2010, p. 38-39).

Percebe-se que os parâmetros são em sua maioria acadêmicos, e que podem ser adquiridos com o estudo. Quando relata “ser comunicador e até certo ponto um pedagogo”, mostra o desafio de gerenciar pessoas, assim como Fucci Amato (2007d), que descreve a necessidade de o regente possuir habilidades musicais, “mas também à gestão e condução de um conjunto de pessoas que buscam motivação, aprendizagem e convivência em um grupo social.” (Ibid. 2007d, p. 75).

A formação do regente vem sendo estudada por vários autores no Brasil em diversas perspectivas: regentes de coro infantil (GABORIM-MOREIRA, 2015; GOIS, 2015); de adolescentes (FRANCINI, 2014; MARDINI, 2007); infantil com ênfase em projetos sociais (UTSUNOMIYA, 2011); de idosos (FIGUÊREDO, 2009); coro adulto de empresas (MORELENBAUM, 1999; TEIXEIRA, 2005); coro adulto amador (PRUETER, 2010); além da perspectiva acadêmica do ensino da regência na Universidade (RAMOS, 2003). Os trabalhos de Mathias (1986), Martinez (2000) e Zander (2003), trazem um panorama acerca da regência.

Nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, no Banco de dados da CAPES nas áreas de música e educação, foram encontradas Teses e Dissertações sobre regência.

Em sua dissertação, Figueiredo (1990) relata o regente como educador musical: o regente “é um agente de um processo educacional” (FIGUEIREDO, 1990, p. 19). Teixeira (2005) em sua dissertação traz a formação e atuação de regentes em corais de empresas do Rio Grande do Sul. A abordagem escolhida pela pesquisadora foi de cunho qualitativo por meio de um estudo multicaso. A autora também demonstra preocupação na perspectiva da educação musical, criação, expressão e desenvolvimento músico-vocal dos coralistas.

Gois (2015) traz a dimensão lúdica na regência de coros infantis por meio de um estudo multicaso que “foi investigada a partir da prática pedagógica de regentes selecionados onde se abordou aspectos sobre sua formação, suas habilidades e competências” (GOIS, 2015. p.12). Em sua tese, Gamborin-Moreira (2015) realiza questionários com 52 regentes de coro infanto-juvenil, trazendo aspectos da própria (a) regência, (b) técnica vocal e (c) educação musical por meio da Pesquisa-ação realizada no coral PCIU.

Franchini (2014), nos mostra saberes do regente para a prática do canto coral com adolescentes em sua dissertação. A abordagem escolhida pela pesquisadora foi de cunho qualitativo por meio de um estudo de caso com “observação e entrevistas semiestruturadas com os regentes dos coros investigados e questionários com os adolescentes integrantes dos coros” (FRANCHINI, 2014, p. 61). Na pesquisa de Martidi (2007), ele compartilha da importância de conhecer e saber como articular as experiências musicais trazidas pelos coralistas com as próprias atividades do coro em um estudo de caso numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. Tais práticas deveriam ser desenvolvidas no contexto de coro com idosos, afinal, trazem repertório adquirido durante uma vida.

Fucci Amato (2007a, 2007b, 2007c, 2008) tem se preocupado em seus estudos sobre canto coral com diversas questões que envolvem a atividade coral. Seu olhar tem se voltado para o contexto sociocultural em que os coros estão inseridos, com a formação e prática pedagógico-musical dos regentes, com qualificação, a motivação para se cantar no coro e com o processo ensino aprendizagem. A “competência da regência coral se funda no conhecimento musical, pedagógico e de outras áreas e em diversas habilidades, tais como: saber aprender com os coralistas, saber estabelecer metas e levar os coralistas a cumpri-las (habilidade de liderança) e saber motivá-los” (FUCCI AMATO, 2008, p. 18).

Ao buscar fundamentação com regentes de idosos, não foi encontrada nenhuma dissertação sobre o assunto. Porém, Figuerêdo (2009) traz o processo de educação musical em um coro de Salvador, abordando 25 idosos em um estudo de caso. Os resultados encontrados mostram que o processo de ensino aprendizagem está ligado aos aspectos fisiológicos da voz.

Charlot (2000) define informação, conhecimento e saber. Segundo o autor, a informação é algo externo ao indivíduo, pode ser arquivada e armazenada. Pertence ao campo da objetividade. O que seria informação para um regente, segundo Charlot? Talvez poderíamos colocar as partituras, livros de técnica de regência, entre outros. Já o conhecimento, Charlot (2000) define como o resultado de uma “experiência pessoal ligada à atividade de um sujeito provido de qualidades afeto-cognitivas” (Ibid, 2000, p. 61), ou seja, pertence ao campo da subjetividade. Bernardt Charlot, ao discorrer sobre o saber, expressa que o mesmo “é produzido

pelo sujeito confrontando a outros sujeitos, é construído em quadros metodológicos [convertendo-se de] produto comunicável em informação disponível para outrem.” (Ibid, 2000, p. 61).

Contextualizando em um grupo formado por regente e coralistas idosos, “a construção do saber ao próprio sujeito” (RODRIGUES, 2009. p. 62) acontece pela interação consigo mesmo e com os outros. Para Charlot (2000) adquirir saber, traz o “domínio no mundo no qual se vive” (Ibid, 2000, p. 60). O canto coral proporciona “a relação com o saber [musical, interpessoal], é a relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros. É relação com o mundo como *conjunto de significados*, mas, também como *espaço de atividades*, e se inscreve *no tempo*” (p. 78, grifo do autor).

Tais conceitos abordados no contexto da regência nos proporcionam a ideia de que, se um regente tem o domínio sobre o saber em que atua, ele adquire controle e estabelece várias relações com outros indivíduos, assim, “a definição do homem enquanto sujeito do saber se confronta à pluralidade das relações que ele mantém com o mundo” (CHARLOT, 2000, p. 60).

## 5 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia, segundo Dias (2011),

é o capítulo no qual o pesquisador propõe-se a descrever o caminho percorrido no processo de investigação, deixando mais evidente o olhar que o norteou no desvelamento do seu objeto e a maneira como ele buscou cumprir seus objetivos de pesquisa (DIAS, 2011, p. 30).

Para atender os objetivos dessa pesquisa, a abordagem metodológica foi de cunho qualitativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994; SPINK, 2000; YIN, 2011). O estudo multicaso foi escolhido para essa investigação, com abordagem qualitativa. Segundo Bogdan e Binklen, a pesquisa qualitativa procura “investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em seu contexto natural”, privilegiando “a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.” (1994, p. 16). Yin (2011) elucida que o estudo de caso é uma investigação empírica e que essa “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.” (Ibid, 2011, p. 21). Nosso fenômeno são as rotinas de ensaio, dentro do contexto de coro de idoso e a atuação do Regente.

Segundo Laville e Dionne (2007) “tal investigação permitirá inicialmente fornecer explicações no que tange diretamente ao caso considerado e elementos que lhe marcam o contexto” (Ibid, 2007, p. 155), corroborando com Franchini (2014), quando afirma que existem “possibilidades que a análise de cada caso pode fornecer, contribuindo para o entendimento da formação e das práticas musicais dos regentes que se engaja no trabalho” (2014, p. 54).

### 5.1 O ESTUDO MULTICASO

O estudo de caso segundo Yin (2011):

[...] é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. O Estudo de caso conta [...] com duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas.” (YIN, 2011. p. 17).

Nessa perspectiva, o estudo multicaso escolhido para perceber e verificar as diferentes formas de atuação dos regentes frente ao coro, tem como unidade de caso três regentes de coros de idosos selecionados na cidade de Curitiba. As técnicas de coleta de dados eleitas para esta pesquisa foram a observação dos ensaios e apresentações que geraram um diário de campo - DC e a entrevista semiestruturada – ESE. Estas foram gravadas em áudio com auxílio de um aparelho celular e transcritas literalmente.

## 5.2 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES E CONTATOS INICIAIS

Para compor a pesquisa, foram procurados regentes que trabalhassem com coro de idosos na cidade de Curitiba – PR. Como critério de seleção, os coros deveriam ser formados em sua totalidade por coralistas idosos<sup>23</sup>. Esse critério foi utilizado levando-se em conta que as especificidades desse grupo trariam implicações para o regente como um mediador entre o conhecimento e as expectativas dos próprios coralistas. A formação superior em regência não foi um critério de seleção, já que a pesquisadora conhecia vários coros de idosos e todos eram regidos por pessoas com formação superior em música ou outras áreas. Ou seja, dentro de uma visão mais ampla, analisar-se-á quem são os regentes que trabalham com esse público e como ocorre a formação dos regentes no contexto de Coro de Idosos.

A escolha dos participantes ocorreu a partir do contato com o campo empírico, conforme orientam Laville e Dione (2007). Eles nomeiam essa forma de decisão de “amostra típica” (Ibid. p.170), as quais são realizadas por escolhas exemplares da população alvo do pesquisador.

Por telefone, foram contatados quatro regentes de coros com o intuito de apresentar a proposta da pesquisa e questionar sobre a disponibilidade para participar da mesma. Todos os regentes mostraram-se receptivos à participação e assim começaram os primeiros contatos com os coros. Um dos regentes solicitou anonimato do seu grupo por recomendação da empresa. Outro regente, durante o processo dos contatos iniciais, teve as atividades de seu coro encerradas devido às

---

<sup>23</sup> Segundo o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) é considerado idoso quem tem mais de 60 anos.



reestruturações na empresa que mantinha essa atividade. Com este último foi realizado o estudo piloto, uma vez que não integraria amostra final da pesquisa.

Os regentes aceitaram realizar a entrevista e participar da pesquisa, assinando o termo de livre consentimento para participação em pesquisa (APÊNDICE A). Seus coros ficaram em anonimato, conforme decisão que já havia sido tomada no projeto inicial, a qual foi recomendada e compreendida como princípio ético para esse tipo de estudo segundo Bogdan e Biblen (1994, p. 77). Os grupos eleitos para participarem da pesquisa fazem parte do mesmo público, porém com focos e interesses distintos. O Coro A acontece em um bairro da região norte da cidade de Curitiba. Os ensaios acontecem em uma sala da igreja do bairro, essa cedida para os ensaios do grupo que acontecem uma vez por semana com a duração de duas horas aos sábados, iniciando às 9h30 e finalizando às 11h30. Os idosos participantes do grupo têm a faixa etária de 59 anos – 78 anos e são em 16 integrantes. A proposta inicial do grupo é de o coro cantar em hospitais. Tal motivação foi sustentada através do depoimento de uma das coralistas: Quando mais jovem, teve familiares doentes, os quais tiveram seus dias de internação hospitalar acalentados por alguns corais. Depois dessa fase, essa integrante formou o atual grupo com pessoas da comunidade, e se dispõe a financiar os honorários da regente e pianista.

O Coro B acontece em um centro comercial uma vez por semana na região central da cidade de Curitiba. Os ensaios têm a duração de uma hora às quintas-feiras das 16h – 17h. O idoso mais velho desse grupo tem 93 anos. Os 33 integrantes são provenientes, em geral, da comunidade local. O regente desse grupo também trabalha com outros grupos de idosos, dos quais alguns coralistas repetem o ensaio semanal nesse Coro B.

O Coro C realiza suas atividades em um centro comercial duas vezes por semana na região central de Curitiba e, diferentemente dos outros grupos, cada integrante precisa colaborar com um valor mensal para participar. O coro C pertence à mesma instituição do coro B. Tal instituição considera o coro C melhor ao B, tendo como justificativa para sua percepção o aporte financeiro mensal dos coralistas e por haver ensaios com mais tempo de duração, sendo de uma hora e trinta minutos. O idoso com maior idade tem 90 anos.

QUADRO 3 – ESTRUTURA DOS COROS

	<b>Coro A</b>	<b>Coro B</b>	<b>Coro C</b>
Condução	Regente	Regente	Regente
Participantes	16 Integrantes	33 Integrantes	36 Integrantes
Auxiliar	Pianista		
Ensaios	2 horas semanais	1 hora semanal	3 horas semanais
<b>Faixa etária</b>	59 – 78 anos	60 - 93 anos	60 – 89 anos

FONTE: a autora (2018).

### 5.3 TÉCNICA DE PESQUISA E A COLETA DE DADOS

Quanto às entrevistas, Bogdan e Bilken (1994) consideram a ESE (entrevista semiestruturada) como uma das mais importantes fontes de informações para o estudo de caso, afirmando que estas podem constituir a principal estratégia para o recolhimento dos dados ou serem utilizadas com outras técnicas de coleta, como a observação. “A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN; BILKEN, 1994, p. 134). Para Laville e Dionne (2007), a entrevista semiestruturada é uma técnica de entrevista com questões abertas em que o entrevistador pode acrescentar outras perguntas de esclarecimento. De acordo com os autores, “sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo, assim, a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores” (LAVILLE; DIONNE, 2007, p. 189)

As entrevistas foram gravadas, transcritas, textualizadas e geraram um Caderno de Entrevista (CE). Após esses procedimentos, foram codificadas e reduzidas em quadros organizacionais por categorias de análises.

#### 5.3.1 As entrevistas

Para compreender melhor as práticas dos regentes, foi escolhido o método de entrevistas semiestruturadas (ESE). Nas palavras de Laville e Dieonne (2007), esse tipo de entrevista é “uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas para esclarecimento.” (Ibid, 2007 p.188). Dessa forma, é possível “explorar o espectro

de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão.” (GASKELL, 2015, p. 68). Yin (2011) acrescenta que “uma das mais importantes fontes de informações para um estudo de caso são as entrevistas.” (Ibid, 2011, p. 91)

Manzini (2003, 2004) salienta que, por meio da ESE, é possível obter um planejamento, consequentemente um roteiro para que atenda os objetivos da pesquisa. Dessa forma, a ESE (apêndice 2) foi pensada e organizada baseada nos questionários de Franchini (2014) e Gois (2015). O roteiro ficou subdividido em 6 partes: 1– Identificação; 2 – Formação; 3 – Atuação profissional frente ao Coro; 4 – Questões sobre competência e habilidades; 5 – A condução do trabalho coral; 6 - Coro; 7 – Ludicidade.

Assim, as questões de identificação (Questões 1.1 a 1.5) visaram conhecer a idade, nome, coral em que trabalhava, e alguns dados pessoais que ficaram em sigilo, como mencionado anteriormente. Elas foram necessárias para a contextualização de cada entrevistado e para dar uma devolutiva da transcrição da entrevista.

A segunda parte da ESE foi sobre Formação, a qual abarcou 5 questões. Primeiramente, ‘Como aconteceu a aprendizagem musical?’ (Questão 2.1). Essa questão foi escolhida para compreender como aconteceu o contato com a música de maneira formal e informal, se esse regente já tinha alguma experiência coral anterior, quem proporcionou essa experiência, se a mesma se iniciou na infância ou adolescência e como continuou na vida adulta. ‘Em qual espaço ele teve suas experiências musicais?’. Para compreender essa relação, pôde-se buscar embasamento em Bourdieu (2011 apud GONÇALVES; GONÇALVES. 2011) que compreende que a educação é baseada em três dimensões: a familiar, a escolar e a social. À posteriori, foi questionado se o entrevistado possuía ou não formação superior em Música (Questão 2.1.1). Essa pergunta foi incluída no questionário após a pesquisadora já ter conhecimento de que todos os regentes tinham formação superior, embora não necessariamente em Música. Outro fator considerado, foram os lócus da pesquisa, pois na cidade de Curitiba existem

cinco<sup>24</sup> instituições que possuem o curso superior em Música, sendo que uma delas oferece a graduação em Regência e Composição<sup>25</sup>. Com base nesse contexto, essa questão se justifica para compreender quem são os regentes que trabalham com os idosos. Esses regentes são formados em regência? São licenciados em Música? Ao ponderar sobre a motivação que levou os regentes a trabalhar com esse público, nasce a terceira questão: ‘Durante o(s) curso(s), houve alguma atividade ou orientação (estágio, projeto de pesquisa) a respeito do trabalho músico-vocal com idosos?’ (Questão 2.1.2). Várias pesquisas mostram a importância do conhecimento acerca da fisiologia vocal com idosos, tais como: Cassol (2004); Figueiredo (2009); Santos Junior (2009); Aquino (2013); entretanto, aonde aprende-se sobre essa orientação músico-vocal? Esse assunto foi abordado no capítulo de regência.

Ainda no tocante à Formação, é perguntado ao regente se ‘possui curso de pós-graduação?’ (Questão 2.2.). Sabendo-se da importância da formação continuada enquanto regente, Schimiti (2003) afirma que é de suma importância a “consciência da necessidade de uma prática pedagógica bem fundamentada e de uma ampla formação musical.” (SCHIMITI, 2003, p.16). A questão seguinte indaga o profissional se ‘participou de cursos de aperfeiçoamento ou oficinas, na área específica. Você ainda participa de cursos? Quais?’ (Questão 2.3). Levando em consideração que em Curitiba anualmente<sup>26</sup> ocorre a Oficina de Música.

O terceiro bloco de perguntas foi sobre a atuação profissional frente ao Coro, no qual os regentes responderam questões referentes ao tempo de trabalho com regência de coro de idosos (Questão 3.1) e experiências anteriores de canto coral em questão. ‘Quais são suas experiências com canto coral anteriores ao coro de idoso atual? Elas têm relação com seu trabalho atual?’ (Questão 3.1.1). Procurou-se saber se tais experiências têm relação ou não com o trabalho atual, e

---

<sup>24</sup> Três instituições públicas (UFPR, UNESPAR – campus II FAP, UNESPAR – campus I EMBAP) e duas instituições que oferecem o curso de Música licenciatura particular (PUC – Curitiba; Claretiano).

<sup>25</sup> Curso oferecido pela UNESPAR antiga EMBAP – Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Disponível em: <<http://www.embap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=11>>. Acesso em: 1 abr. 2018.

<sup>26</sup> Desde 1983 acontece as oficinas de música em Curitiba – PR. No ano de 2018 aconteceu a 35ª oficina. Disponível em: <<http://www.oficinademusica.org.br/>>. Acesso em 1 abr. 2018.

de que forma isso ocorreu. Gaborim-Moreira (2015) afirma que “o pleno conhecimento teórico musical está implícito na formação do regente; contudo, o aprendizado da regência é essencialmente construído na prática.” (Ibid, 2015, p. 41), ao passo que Mardini (2007) assegura que é necessária a “mediação entre a fundamentação teórica e técnica necessária ao desenvolvimento de sua atividade no coro” (MARDINI, 2007, p. 33). Além de trazer outras reflexões e questionamentos dos motivos que levaram os regentes a trabalhar com esse público. Por meio desse bloco de questões, buscou-se compreender se havia alguma motivação específica ou se foi a demanda na área.

A quarta parte da ESE foi sobre competências e habilidades. Nesse momento, foi questionado aos regentes se no ponto de vista deles existe algum conhecimento imprescindível para executar a regência frente ao coro de idoso (Questão 4.1), além de questionar onde essas competências e habilidades são desenvolvidas e aprendidas (Questão 4.1.1), autores como: Mathias (1986), Martinez (2000), Ramos (2003), Zander (2003), Prueder (2010), Franchini<sup>27</sup> (2014) definem o que é necessário saber para ser um regente.

Em seguida, foi questionado: ‘Você tem algum conhecimento sobre a fisiologia vocal do idoso ou aspectos do envelhecimento?’ (Questão 4.2). Essa pergunta foi essencial para compreender e identificar os conhecimentos acerca da fisiologia vocal do idoso, já que ocorrem algumas mudanças na voz neste processo natural da vida, como menciona Casol (2004), Soares et al., (2007) e Hauck-Silva et al., (2016). O conhecimento do instrumento vocal do idoso irá impactar nas práticas musicais e na técnica vocal, conforme ratifica Figueredo (1990), que “a técnica vocal é assunto de extrema importância para a atividade coral e deve ser tratada cuidadosamente para não criar obstáculos ao invés de resolvê-los” (FIGUEREDO, 1990, p. 76). Dessa forma, verificar se o regente tem entendimento sobre essa questão torna-se parte crucial desse trabalho, abrangida no item 2.3 da dissertação. Ainda nesse bloco, foi questionado se existe um repertório adequado para coro de idosos (Questão 4.3). ‘Qual era o critério de escolha desse repertório?’ Os aspectos culturais e musicais devem ser levados em conta na

---

<sup>27</sup> Na dissertação orientada pelo prof Dr. Guilherme Romanelli, Franchini (2014) traz os saberes dos regentes baseados nos saberes proposto por Tardif (2012) no seu livro Saberes docentes e formação profissional. 14 ed. – Petrópolis, RJ, Vozes, 2012.

escolha do mesmo (Questão 4.4). Nesse sentido, Charlot (2013) elucida que “é interessante quando um desejo, no sentido profundo do termo, é satisfeito pelo encontro com um conteúdo intelectual.” (CHARLOT, 2013, p. 160). Foi levantado esse questionamento, afinal os idosos vêm com grande bagagem de vida, trazem músicas, recordações e formas diferentes de compreensão do mundo. Isso é levado em consideração quando eles estão no coro? Ainda, Charlot (2013) afirma que “só aprende quem encontra alguma forma de prazer no ato de aprender. Quando digo “prazer” não estou opondo prazer a esforço. Não se pode aprender sem esforço.” (Ibid, 2013, p.159).

A condução do trabalho coral, foi levantada no bloco 4 da ESE. Foram abordadas questões como: ‘Qual a finalidade do coro com o qual trabalha? O que o coro significa para você? Você planeja seus ensaios? Quais são as atividades principais e como distribui o tempo para realização delas? Você realiza algum tipo de avaliação do seu grupo?’. Além de aludidos para compreensão do trabalho desenvolvido com os idosos, esses levantamentos também foram observados durante os ensaios. Buscou-se também entender qual sentido os regentes outorgam a esse trabalho. Figueiredo (1990) afirma que:

A organização do ensaio pode contribuir efetivamente para a melhora das condições musicais dos corais. A escolha de repertório adequado, a preparação das diversas etapas do ensaio, a seleção cuidadosa de diferentes tipos de treinamento, a previsão de problemas e soluções para os mesmos, a avaliação sistemática das atividades do ensaio, são aspectos fundamentais para o bom funcionamento de um trabalho coral. (FIGUEIREDO, 1990, p. 88).

Questões sobre o Coro tais como: quantos integrantes, faixa etária, qual é o tipo do projeto do coro (social, religioso, empresarial), periodicidade dos ensaios e a duração do mesmo, a equipe de trabalho, foram eleitas para entender seu funcionamento e o propósito pelo qual foi criado.

Por último, questões sobre Ludicidade. Foram aplicadas somente para os regentes que afirmaram utilizar a ludicidade nos ensaios. Ludicidade aqui é vista no sentido de aprendizagem, como Gois (2015) assegura:

Pensar no lúdico dentro da prática coral é associá-lo à proposta de ensino musical tendo na ludicidade uma ação planejada e preparada pelo regente para que o jogar não seja simplesmente o brincar e sim aspecto gerador de aprendizagem valorizando os muitos aspectos do jogar, que são eles: dar mais sentido às tarefas e aos conteúdos, aprender com mais prazer,

encontrar modos lúdicos de construir conhecimentos, saber observar melhor uma situação, aprender a olhar o que é produzido, corrigir erros, antecipar ações e coordenar informações. (GOIS, 2015, p. 74).

Antecedendo o contato com os regentes participantes da pesquisa, para avaliar a clareza das questões, foi aplicada uma entrevista piloto conforme salienta Manzini (2003, 2004). O autor traz alguns cuidados que são importantes na entrevista, tais como: “1) cuidados quanto à linguagem; 2) cuidados quanto à forma das perguntas; e 3) cuidados quanto à sequência das perguntas nos roteiros.” (Ibid, 2004, p. 3). A entrevista foi aplicada no dia primeiro de setembro de dois mil e dezessete com uma regente que trabalha há mais de 10 anos com coros infantis, de adultos e também de idosos. Assim, após o Roteiro da Entrevista Semiestruturada (ver apêndice B), foi realizada uma reflexão sobre as respostas e observou-se que poderia ser retirada uma pergunta e acrescentadas duas outras (ver apêndice C), além de que uma pergunta estava deslocada, a qual foi então transferida para outra parte da entrevista.

### 5.3.2 Observações dos ensaios

As observações foram realizadas entre novembro de 2017 – junho de 2018 em dois grupos: Coro A e Coro B. A entrevista foi realizada com o regente do Coro C e explicado o procedimento da pesquisa. O mesmo assinou o consentimento de participação, porém, a instituição não permitiu que a pesquisadora realizasse as observações dos ensaios, tão somente permitindo-a a assistir à apresentação. Como observado anteriormente, os integrantes do coro C pagam uma taxa para participar do coro, motivo pelo qual a instituição acredita que os integrantes poderiam vir a ser submetidos a algum tipo de constrangimento com a presença da pesquisadora, além de que teriam que obter autorização de cada um deles. Com o coro B, pertencente à mesma instituição, não ocorreu essa situação, uma vez que não existe investimento financeiro por parte dos coralistas.

As observações são importantes para compreender as práticas musicais dos regentes, bem como as rotinas de ensaio são realizadas e quais atividades durante o processo de ensino e aprendizagem nos ensaios. Para Yin (2011) “essas observações servem como outra fonte de evidências em um estudo de caso.” (Ibid,

2011, p. 93). No quadro a seguir, pode-se verificar as datas dos ensaios e apresentações observadas.



QUADRO 4 – OBSERVAÇÃO DOS ENSAIOS E APRESENTAÇÕES

Observações	Coro A	Coro B	Coro C
Ensaio 2017	11/11 18/11	23/11 30/11	
Apresentação	18/11	01/12	
Ensaio 2018	14/04 21/04 (não teve) 28/04 05/05 12/05 19/05 26/05 02/06 09/06	12/04 19/04 26/04 03/05 10/05 17/05 24/05 31/05	Não foram permitidas observações dos ensaios, somente apresentações!
Apresentação	05/05 19/05	09/06	09/06

FONTE: a autora (2018).

As observações foram norteadas baseadas no roteiro de observação (Apêndice D), geraram um Diário de Campo, no qual a pesquisadora realizava algumas anotações dos ensaios. Nessa fase, segundo Yin (2011) é importante saber o que se quer observar para “tirar vantagem de oportunidades inesperadas, em vez de ser pego por elas - e também para ter cuidado suficiente para se proteger de procedimentos potencialmente tendenciosos.” (YIN, 2011, p. 62). Na ocasião foram observados, aspectos da chegada, durante o ensaio e saída dos coralistas.

QUADRO 5 – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Chegada	Ensaio	Saída
a. Como os idosos ocupam os espaços, Mediação entre Regente e idosos. b. Como os idosos se relacionam nesse momento. c. Horário que chegam para o início do ensaio.	a. Qual é a primeira atividade (vocalise, exercícios de respiração, exercícios de relaxamento). b. Quanto tempo esses exercícios são realizados. c. Qual é a tessitura desses exercícios, se os mesmos são realizados. d. Reações quando o regente propõe uma atividade de educação musical. e. Se realizam reações rítmicas com o corpo f. Se gesticulam g. Interação entre o regente e os idosos. h. Qual é o posicionamento dos idosos e do regente. i. Quais instrumentos estão sendo usados. j. Conversas e comentários durante as aulas. k. Existe uma rotina de ensaio	a. Reações dos idosos e do regente; b. Comentários e grau de empolgação do regente e dos idosos; c. Imitação de alguma atividade ou canto que realizaram durante o ensaio.

FONTE: a autora (2018).

As observações do Coro A totalizaram 31 horas, sendo assim distribuídas: 20 horas de ensaios; 5 horas de períodos antecessores aos ensaios, ou seja, 30 minutos prévios ao horário de início formal de cada ensaio, momento em que a pesquisadora utilizava para observar os coralistas e as rotinas de preparo; e 6 horas de apresentações.

As observações do Coro B totalizaram 21 horas, sendo assim distribuídas: 10 horas de ensaios; 5 horas de períodos antecessores aos ensaios, nos mesmos critérios que o coro A; e 6 horas das rotinas de apresentações, incluindo os deslocamentos que foram acompanhados pela pesquisadora.

Entre o coro A e coro B, foram despendidas 52 horas de observações, gerando o Diário de Campo baseado no roteiro das observações e nas concepções da pesquisadora.

## 6 OBSERVAÇÃO

As observações foram realizadas em novembro e dezembro de 2007 e março a junho de 2018, nas quais foram observadas as rotinas de ensaios, a relação entre os regentes e os coralistas e entre os próprios coralistas, guiadas pelo roteiro de observação (APÊNDICE D). Os grupos observados são distintos entre si, com rotinas e tempo de ensaio bem diferentes. Em todos os encontros os regentes foram acolhedores com a pesquisadora.

### 6.1 OBSERVAÇÃO DO CORO A

A regente do Coro A solicitou que a pesquisadora chegasse com trinta minutos de antecedência para a primeira observação, momento que ela utilizou para conversar e explicar a proposta do grupo. Neste encontro informal, em frente à sala na qual o grupo ensaia, a regente mencionou a existência de preconceito que sente por parte de outros regentes, e resistência dos mesmos para trabalhar com coros de idosos. Declarou que “muitos regentes não querem esse trabalho de quebrar a pedra, lapidar os idosos” (Diário de Campo, 2017, p. 1) e também comentou sobre a grande demanda que tem tido para trabalhar com esse público proecto. Luz (2008) já afirmava em suas pesquisas do desafio da “aprendizagem na velhice [...] que esbarra em preconceitos com relação às capacidades dos idosos, que são frequentemente medidas e comparadas com as capacidades dos mais jovens.” (Ibid, 2008, p. 39). A pesquisadora logo lembrou que a proposta não era analisar a qualidade sonora do grupo e sim conhecer a proposta dos ensaios, a forma que os mesmos se relacionam.

Ao entrarem na sala, 5 minutos antes do horário, a regente e a pesquisadora encontraram todos os coralistas preparados e posicionados em semicírculo, bem como o teclado instalado, o que permitiu que o ensaio começasse antes da hora prevista.

FIGURA 5 – POSIÇÃO DOS ENSAIOS DO CORO A

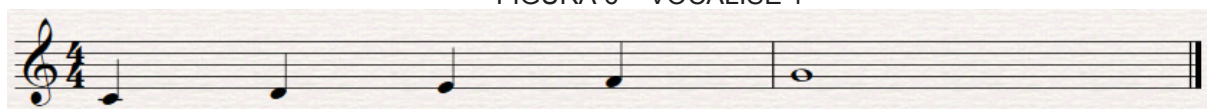


FONTE: Imagens do Google (2018).

A pesquisadora foi apresentada, e prontamente lhe foi oferecida uma cadeira pelas cantoras, para que ficasse perto e pudesse acompanhar as partituras. Nos dez ensaios observados, foi realizada uma rotina de ensaio bem estruturada: (a) Relaxamento postural; (b) exercícios de respiração; (c) vocalises; (d) repertório. Para relaxamento postural e exercícios de respiração, eram despendidos em torno de 10 minutos do ensaio. 30 minutos em média eram usados para técnica vocal, cujos vocalises eram iniciados na nota dó 3, alcançando o sol 3 em determinadas aulas. Em outras, a tessitura era aumentada até o si 3.

No ensaio do dia 11 de novembro de 2017, estavam presentes onze coralistas, dos quais quatro eram homens. As mulheres por sua vez, estavam divididas em quatro contraltos e três sopranos. Iniciaram-se, com auxílio de teclado, os vocalises<sup>28</sup> com *bocca chiusa* e início no Dó central ou Dó 3 até o Si 3, com melodia ascendente de graus conjuntos como no exemplo:

FIGURA 6 – VOCALISE 1

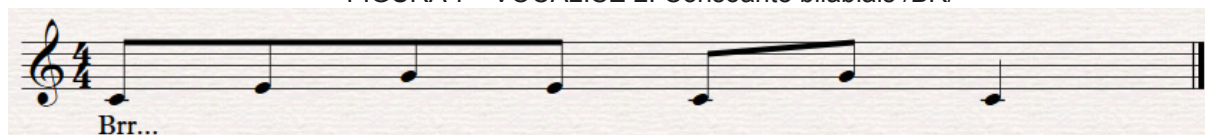


FONTE: A autora (2018).

<sup>28</sup> Na literatura encontra-se a palavra vocalize com “S” e com “Z” para essa dissertação. Buscou-se no dicionário Prebiram (2018) e o mesmo traz a palavra “Vocalize” com “Z” como verbo enquanto “Vocalise” com “S” é substantivo. A partir desse momento usaremos essas definições.

Ao término do primeiro exercício, foi dado início ao segundo, sem que houvesse tempo para distrações, com sons bilabiais de /br/ e melodia de terças e quintas como no exemplo:

FIGURA 7 - VOCALISE 2: Consoante bilabiais /BR/



FONTE: A autora (2018).

Assim, a regente foi aumentando o nível de dificuldade dos vocalises com consoantes e vogais e ampliando o grau de dificuldade das células rítmicas. Depois dos dois primeiros vocalises, a regente precisava de um pequeno espaço de tempo para pensar no próximo a ser aplicado, o que denotava que, embora tivesse um vasto repertório de exercícios, não os selecionava com antecedência nos preparos de suas aulas. Todos os coralistas estavam bem animados e em pé durante todos os vocalises propostos que foram ao total de oito neste primeiro encontro. Em seguida iniciaram-se as músicas: Na Bahia Tem (canção folclórica), Las Manzanitas (Erasmus Catarino), Quero que Valorize (Armando Filho), Toca Senhor (Pe Antônio Maria), Sihamba (canção tradicional africana), Chalana (Almir Sater), entre outros. Percebe-se que canções de teor religioso permeiam o repertório, apesar de o coro ser de origem ou ideologia laica.

Foi combinada a próxima apresentação, que aconteceria em um hospital.

As observações nos hospitais foram realizadas nos dias 18/11/2017, 05/05/2018 e 19/05/2018, nos hospitais Vita, Marcelino Champagnat e Cajuru, respectivamente. Nestes dias, os ensaios eram antecipados, ou seja, iniciavam-se as nove horas, tendo em vista que no horário habitual dos ensaios, um ônibus, disponibilizado pela prefeitura de Curitiba, chegava para levar os coralistas aos respectivos locais de apresentação. Dentre os passageiros, incluem-se a regente, a pianista e a pesquisadora.

Sempre entusiasmados, os participantes apresentavam-se com o seguinte uniforme: todos de calça preta e camisa branca; as mulheres com echarpe vermelho nas duas primeiras datas e amarelo na última.

Cada apresentação observada pode ser subdividida em 3 “atos”, cada um executado em alas distintas do hospital, dentre elas, uma ala de UTI e outra de pacientes com quadro clínico estável.

A apresentação no Hospital Vita, ocorreu num dia chuvoso, o que comprometeu a pontualidade dos idosos, que ficaram preocupados e envergonhados. Contudo, não houve qualquer descontentamento por parte da equipe do hospital e pacientes, afinal, não havia pressa para eles, pois estavam internados, não sairiam dali. Tal observação se faz importante, pois traz à notoriedade o comprometimento frente ao compromisso assumido. Finalizando a apresentação, o coro deixou o local e ao entrar no ônibus, era percebido o sentimento realização e satisfação. “Você viu o sorriso da enfermeira?” (Diário de Campo, 2018, p 12), a idosa indagou para outro coralista. Nesse questionamento percebe-se a suma importância, além de “fazer música” em si, mas no âmbito social. Charlot (2000) define o quanto o saber está ligado ao afeto-cognitivo.

Na apresentação no Hospital Marcelino Champagnat, houve dois integrantes faltantes, o que pode ter contribuído para uma perceptível mudança na sonoridade do grupo. Ao regressarem do hospital, os idosos estavam “falando que não podem fazer feio” (Diário de Campo, 2018, p. 6), além de outros comentários, como “precisamos ter comprometimento, as pessoas que nos escutam já estão debilitadas, precisamos dar nosso melhor” (Diário de Campo, 2018, p. 7)

Exemplo disso, é que os idosos participantes do coro se sentem úteis para a sociedade, o saber musical que adquirem, traz “experiências, independência e gerando [geram] maior liberdade ao sujeito” (RODRIGUES, 2009, p. 62). Que o saber musical e as relações epistemológicas e sociais entre os coralistas mostram o quanto engajado com o coral os mesmos estão.

Em outro ensaio, a regente do coro entregou uma folha com vários cânone. Iniciaram todos os coralistas cantando em uníssono, em seguida a cada frase a regente pedia para outro naipes cantar. Os coralistas permaneceram mirando à regente o tempo todo do exercício, pois, não sabiam quando seria sua vez de cantar. Depois da brincadeira, a maestrina iniciou o cânone no seu formato. Dinâmicas como essa eram usadas durante o ensaio.

A rotina do ensaio era definida por

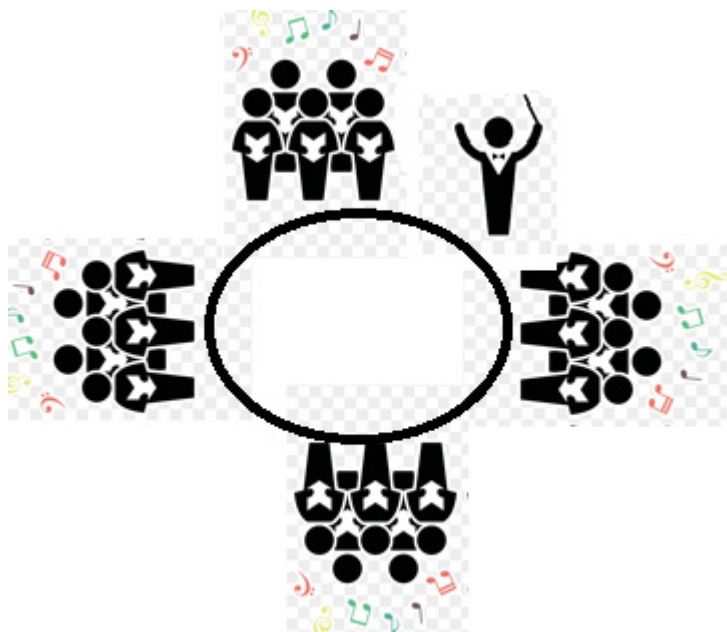
- Exercícios de relaxamento;

- Exercícios de respiração;
- Vocalises;
- Repertório;
- Avisos para finalizar o ensaio.

## 6.2 OBSERVAÇÃO DO CORO B

O Regente do coro B foi atencioso e solícito ao telefonema da pesquisadora, da mesma forma ao recebê-la pessoalmente no primeiro encontro. Contudo, antes do ensaio, ela não foi apresentada ao grupo, tampouco explicado aos integrantes as atividades que a mesma havia vindo desenvolver. O regente apenas pediu que a pesquisadora entrasse e, sem delongas, iniciou o ensaio normalmente. Alguns idosos exclamaram entre si: “Que bom que ganhamos uma nova integrante!” (Diário de Campo, 2017. p. 8). Neste momento, os idosos estavam sentados em volta de uma mesa retangular, cujas extremidades eram redondas, permitindo uma formação oval do grupo. Alguns utilizavam a mesa para apoio da partitura. Como na figura 8, o regente estava com seu violão e um aparelho de som portátil a seu alcance, com fácil acesso para manuseio. O “maestro” (Diário de Campo, 2017. p. 8), chamado assim pelos coralistas, estava sentado à roda no divide entre soprano e tenores. Tanto esse, quanto os demais ensaios, começaram e terminaram pontualmente.

FIGURA 8 – POSIÇÃO DOS ENSAIOS DO CORO B



FONTE: Adaptação de figura do Google pela autora (2018).

A rotina de ensaio observada no coro B era peculiar, pois já começavam cantando a primeira música, um naípe de cada vez: uma vez o soprano, uma o contralto, e por último o tenor, que era composto tanto por homens quanto mulheres. Em seguida, ensaiava-se juntamente com o *playback* e violão. O período de ensaio nas observações de 2017, que era de uma hora, compreendia o estudo de seis músicas dentro desses moldes, e uma posterior passagem final de todas elas. Dentro desse período de ensaio, não foram observados exercícios de aquecimento ou relaxamento. Em maio de 2018, o regente acrescentou à sua rotina de aulas um exercício de respiração seguido de um jogo de perguntas e respostas, tomando cerca de 3 minutos do ensaio. Após essas atividades, a sequência dos ensaios seguia o mesmo roteiro do ano anterior, descrito no começo desse parágrafo, finalizando com algum aviso que fosse pertinente.

Foi percebido na rotina do grupo um sistema de rodízio. Tal fenômeno foi confirmado pelo regente, que explicou que durante a semana, as aulas eram sempre as mesmas. Ou seja, ocorriam na terça, quarta e quinta feira, das 16:00h as 17:00h com o mesmo conteúdo. Dessa forma, dentre o grupo do qual, segundo a entrevista, tinha 33 integrantes, participavam das serestas, assim intituladas por ele, de doze a dezoito pessoas. Alguns iam na terça, outros na quarta, e assim por diante.



No dia 01 de dezembro de 2017, às 13h00, aconteceu num supermercado da Região Sul de Curitiba uma apresentação, para a qual os idosos estavam esperando desde as 12h00, conversando entre si e se preparando para aquele momento. Ao chegar a hora, detectou-se que não havia um tablado ou estrutura semelhante, e os idosos se posicionaram na entrada do estabelecimento. Estavam adornados com gorros de Papai Noel e as mulheres com efeito escova nos cabelos. Cantaram canções de natal tais como: Natal é Tempo de Rever (arr. Paulo Kühn), Surgem Anjos (arr. Paulo Kühn); Dzisiaj W. Betlejem (em polonês); Alleluia e Poi (Litúrgica e Sacra); O Caminho (Ariel Ramirez, original “La Peregrinación”). DzKobune, conhecida como O Barquinho (Roberto Menescal. Versão Ryosuk Itah). As músicas “Natal é Tempo de Rever” e “Surgem Anjos” foram executadas com *playback*, ao passo que a música em polonês foi apresentada com o auxílio do áudio cantado. Essa última, os idosos não conseguiam cantar, alguns davam risadas e mexiam a cabeça como sinal de estarem “curtindo” a música. “O Caminho” também foi apresentada com áudio cantado e com a participação do regente tocando violão. A performance durou 30 minutos, onde repetiram-se as músicas “Surgem Anjos” e “Natal é Tempo de Rever”. Na ocasião, estavam presentes todos os integrantes.

Passada a temporada natalina e de ano novo, o repertório sofreu significativas alterações, sendo adotadas músicas regionais do estado do Paraná e de sertanejo raiz, conforme observado pela pesquisadora.

QUADRO 6 – REPERTÓRIO DO CORO B

MÚSICA	COMPOSITOR	TONALIDADE
Diana	Carlos Gonzaga	Dó Maior
Meu Paraná	Rodrigues Fereira	Mi Maior
Barreado	Inamy Custódio Pinto	Ré Maior
Cuá Fubá	Ruy Maurity e José Jorge	Fá Maior
As Andorinhas	Trio Parada Dura	Sib Maior
Baile da Roça	Tonico e Tinoco	Sol Maior
Boate Azul	Joaquim e Manoel	Lá menor
As mocinhas da cidade	Nhô Belarmino	Lá Maior
Moreninha Linda	Priminho, maninho e tonico	Sol Maior
Baile na roça	Tonico e Tinoco	Sol Maior

FONTE: A autora (2018)

Baseado no roteiro de observação pode-se afirmar que o coro B mudou sua rotina de ensaio em 2018. Nas aulas dos dias 10, 17, 24 e 31, o maestro acrescentou um pequeno exercício de respiração com as consoantes / S / X / P /. Em seguida, com a consoante / M / sem altura definida e rapidamente passaram para estalos na língua. O tempo total do exercício não excedeu 2 minutos.

Iniciou os exercícios de vocalises com /BR/ bilabiais trabalhando intervalo melódico acedente e descendente de quinta justa, conforme o exemplo da figura.

FIGURA 9 – VOCALISE 3



FONTE: A autora (2018).

O regente iniciou em dó 3, realizando a pentacorde de Dó maior. Em seguida, realizou a pentacorde em ré maior e em mi maior, finalizando o exercício e indo para o próximo, sem prévias explicações. Os idosos se entre olharam, procurando entender o que deveria ser feito.

O outro vocalise que o regente B realizou com os idosos foi com vogais repetindo as notas executando um mordente inferior. Iniciou no dó 3 acompanhado pelo violão, realizando a harmonia descrita pela pesquisadora na partitura abaixo. Realizaram uma vez os exercícios do Dó 3 até o Dó 4. E partiram para o repertório estudado.

FIGURA 10 – VOCALISE 4: Escala maior com apoio

FONTE: A autora (2018).

Nessas quatro aulas, o regente utilizou os mesmos exercícios de respiração e vocalises. O aquecimento durou 5 minutos.

Na rotina de observação, pôde-se fazer o levantamento que o coro B e seu respectivo regente não davam muita ênfase no cuidado com a voz. Dos dez ensaios observados, somente quatro tiveram momentos de aquecimento. Já nas apresentações, não tiveram qualquer preparo vocal prévio.

Em determinado momento das observações, o regente pediu para que os idosos ficassem em pé e realizassem uma “dança”, assim chamada pelo mesmo. Porém, era uma atividade de o’passo, de Lucas Ciavatta (1997). As reações dos idosos foram as melhores. Enquanto alguns prontamente abordavam a pessoa ao lado para começar a dançar, outros realizavam o exercício com muita seriedade, concentrados para não errar os passos e cantavam: “Sair de que jeito, se nem sei o rumo para onde vou” (Diário de campo 2018, p. 19) O professor solicitou que os integrantes contassem até quatro, marcando o ritmo, porém a música era ternária, a marcação não dava certo com o canto, descompassava. Alguns idosos se entre olhavam, tentando entender o que havia de errado com o ritmo da “dança”, ou porque não dava certo (Diário de campo, 2018, p. 19). O professor encerrou a aula e todos foram felizes embora. Na aula seguinte, o professor propôs a mesma atividade e as reações dos idosos foram as mesmas, muitos queriam dançar no lugar de contar os 4 passos.

O regente sempre iniciou e terminou pontualmente os ensaios. Os idosos sempre estavam presentes, portando todo o material como pastas e folhas disponibilizadas pelo professor. Em todas as aulas realizadas o formato realizado era círculo. Sempre foi utilizado violão como instrumento de apoio e *playback* ou CD guia. Sendo assim, podemos afirmar que a rotina do coro B era:

- Música cantada com o CD cantando;
- Guia da soprano e violão;
- Guia do contralto e violão;

- Guia do tenor e violão;
- *Playback* da música e todos cantando.
- Essa mesma sequência era repetida para todas as músicas propostas na aula.
- Avisos para finalizar a aula.

Alguns fatores podem ser atribuídos à baixa performance nas apresentações, como o uso de CD cantado, que era frequente nos ensaios. Ou seja, nas apresentações, o apoio utilizado era o *playback*, que não fornecia o suporte melódico com o qual eles ensaiavam. “Passeavam” pelas linhas melódicas dos outros naipes. Outro fator que pode ter contribuído, é o formato em círculo adotado durante os ensaios, não havendo em nenhum deles a formação do grupo conforme seria a apresentação, ou seja, em meia lua. O terceiro e último fator observado, está relacionado ao sistema de “rodízio” que ocorre nos ensaios.

## 7 COM A VOZ DAS VOZES

Nesse capítulo serão apresentados os resultados das três entrevistas, confrontando os dados coletados com a literatura proposta até o momento. Serão baseados em levantamentos da entrevista e não tem por propósito promover comparações entre os regentes e coros, sendo o objetivo tão somente tecer os dados coletados com os teóricos da área.

### 7.1 FORMAÇÃO MUSICAL

A regente do Coro A iniciou seus estudos com aulas particulares de piano ainda criança, além de, conforme afirmou, “iniciei na infância através da música na igreja, e participando do coro infantil” (REGENTE A – CE, 2018, p. 11) e a “aprendizagem do instrumento, que no caso foi o piano, se estendeu pela minha adolescência também, até chegar na graduação.” (REGENTE A – CE, 2018, p. 11).

Nota-se a importância que a música tinha na família da regente, visto que os pais incentivavam sua participação no coro, e investiam em aulas de piano. Viera (2012) já relata em sua pesquisa a importância dada ao canto coral dentro das igrejas protestantes, constatado então a relação entre essa afirmação e o relato da Regente A.

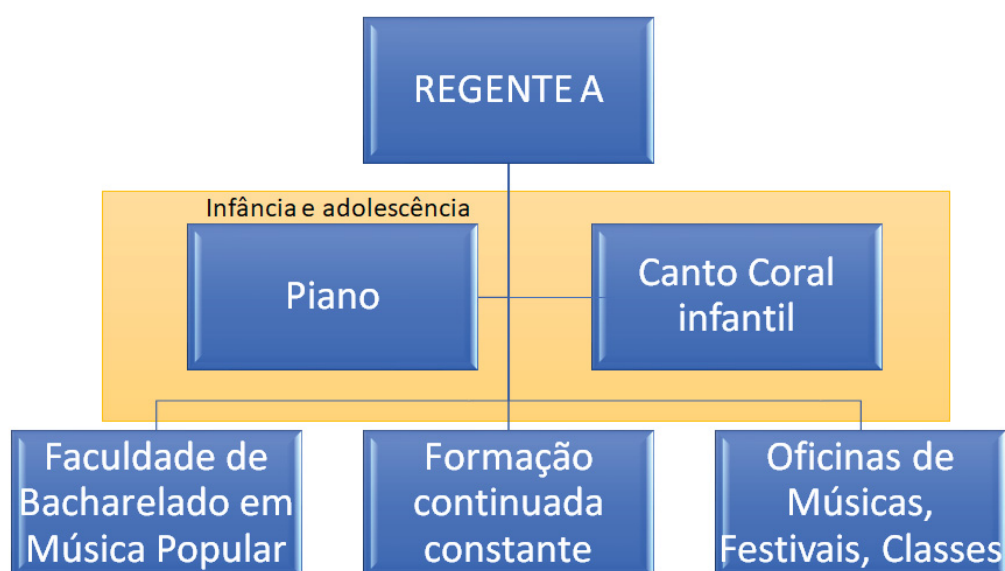
A Regente A tem “[...] formação superior em Música pela Faculdade de Artes do Paraná, [tornando-se] bacharel em música popular pela faculdade em Curitiba” (REGENTE A – CE, 2018, p. 11). Durante a entrevista, a regente deu ênfase no nome da instituição, o que mostra a importância que a mesma deu para seus estudos, e como se sente orgulho da instituição que, após fusão, passou a chamar-se UNESPAR. Ainda salienta que, depois do término do curso superior, participava com frequência de festivais em música, oficinas e classes de regência.

Ainda na questão acadêmica, foi questionado aos regentes se os mesmos tiveram alguma formação durante a faculdade para reger coro de idosos, ou se foi abordado em algum momento sobre esse público.

A regente A relatou que “durante um trabalho, no período da faculdade tive um projeto de pesquisa que falava do canto coral como ferramenta importante de integração, mas não especificamente com idosos” (REGENTE A – CE, 2018, p.

18). A regente fala sobre aspectos de integração, ainda que não necessariamente voltado à terceira idade. Já apontam as dissertações voltadas para esse público de Hernandes (2002), Prazeres (2010), sobre a importância do coro na terceira idade para socialização e aumento da qualidade de vida. No relato de experiência de Reis Oliveira (2004), destacam os aspectos psicossociais que são incorporados na prática com o coro que regem e que foi afirmado com a pesquisa de Prior e Berg (2017) que salientaram que os aspectos emocionais, além da saúde física e integração ocorrem por meio da prática coral.

FIGURA 11 - ORGANOGRAMA: FORMAÇÃO MUSICAL REGENTE A



FONTE: A autora (2018)

O Regente B iniciou seus estudos musicais na infância. Relata que foi um processo de inserção e imitação, em suas palavras, “a minha mãe foi cantora de rádio, então eu aprendi a cantar desde pequeno.” (REGENTE B – CE, 2017, p. 2). Além da inserção musical no âmbito familiar, o regente participou de vários coros na infância, contando que “primeiro eu comecei no coral do Colégio Paula Gomes, era um coral infantil, infanto-juvenil. Depois fui pro Madrigal, fiquei anos com eles. Eu participei do coro APP com Mario Garou também, no Guaíra com Alvaro Hass”

(REGENTE B – CE, 2017, p. 2). Notória a influência dos professores e maestros na sua formação, visto que sempre os nomes são lembrados e citados por ele, além de ficar claro o grau de envolvimento com coros desde a infância.

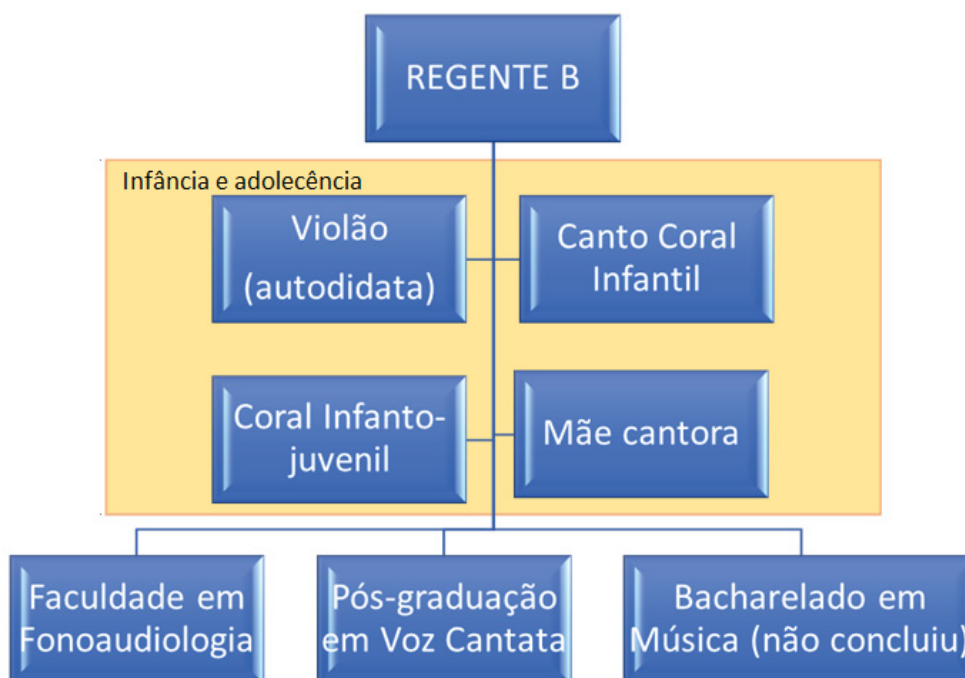
Sempre tocando violão nas aulas, o regente foi questionado pela pesquisadora quanto ao tempo de estudo do instrumento. Ele afirmou: “comecei com nove anos. Não, comecei com a Marília Passos vendo lá, e depois sozinho. Sou autodidata, aí aprendi violão.” (REGENTE B – CE, 2017, p.3). Novamente percebe-se a importância de proporcionar um ambiente musical para estimular as crianças, exemplo disso, a afirmação do regente ao dizer que “foi naturalmente” que aconteceu seu ensino. Charlot (2013) defende que “devemos respeitar a forma escolar de aprender, mas reconhecer, também que existem outras.” (CHARLOT, 2013, p. 161-162).

O Regente B graduou-se em Fonoaudiologia numa instituição de ensino superior particular em Curitiba. Também iniciou os estudos de música na mesma instituição da Regente A, porém esclarece: “minha formação superior é Fono; Música também eu fiz [...] é licenciatura, só que não conclui, fiz na FAP. Fiz especialização em Voz Cantata também, dentro da Fonoaudiologia.” (REGENTE B – CE, 2017, p. 3). Sua especialização em Voz Cantata reforça a influência de sua caminhada musical desde a infância, inclusive ele salienta que “sempre eu estudei voz, [...]o meu foco sempre foi voz e a voz” (REGENTE B – CE, 2017 p. 3-4).

Ainda sobre a formação acadêmica, foi arguido ao regente B se houve alguma formação durante a faculdade para reger coro de idosos, ou se foi falado sobre esse público. O mesmo logo falou “claro, os cuidados da voz, como presbifonia” (REGENTE B – CE, 2017, p. 4), contudo Regência não chegou a cursar, visto que se evadiu do curso de Música antes de cursar essa disciplina. O mesmo cursou Pós-graduação em Voz Cantata e diz que não realiza cursos, ou participa de eventos atualmente.



FIGURA 12 – ORGANOGrama: FORMAÇÃO MUSICAL REGENTE B



FONTE: A autora (2018)

O Regente C iniciou seus estudos de viola caipira com idade entre quatorze e quinze anos, porém antes disso o ambiente familiar lhe proporcionou as rodas de violas. Ele conta que “até meus pais, vieram do interior e minha mãe principalmente gostava de música regional. Tinha um conhecido perto de casa, que tinha uma dupla caipira, eu comecei por aí, daí fui para o violão, eu acho [...]. Fiz aulas particulares, né?!” (REGENTE C – CE, 2018, p. 18). O mesmo não reconhece suas aulas de violão e sua vivência nas rodas de viola como um lugar de ensino aprendizagem quando afirma

mas a primeira experiência formal, digamos assim no aprendizado de música foi no conservatório de MPB, foi ali que eu fiz violão, foi ali que eu fiz as disciplinas teóricas né, teoria da música, nem sei se existe ainda lá. Acho que fiz uns 2 anos lá, daí fui para formação musical na Belas Artes, nem sei se é formação; é um curso. (REGENTE C – CE, 2018, p. 18)

Toda “bagagem” musical que o regente teve anteriormente ao conservatório, não é considerada por ele como aprendizagem musical. Isso nos traz à reflexão de Souza (2008) que já defendia a importância de conhecer e estudar para ampliar a relação com outras formas de aprendizagem em música. “Ao descrever e analisar como as pessoas fazem aprendem ou ensinam a música,



o objetivo é ampliar o olhar em relação àquilo que está na superfície e dar visibilidade a práticas pedagógico-musicais ainda ocultas e/ou marginalizadas” (SOUZA, 2008, p. 12).

O Regente C tem mestrado em Música, especialização em Educação Musical e bacharelado em Instrumento, o qual foi utilizado como acompanhamento nas apresentações observadas. “Fiz o bacharelado em instrumento no violão, lá na EMBAP, mas daí no segundo, terceiro ano eu já comecei a enveredar para regência, pra disciplinas teóricas, arranjos que eram coisas que eu sempre gostei e sempre tive curiosidades (risos) aí eu vi que não era vantagem fazer o curso.” (REGENTE C – CE, 2018, p. 19). Logo, a pesquisadora o questionou sobre esse pensamento, e ele justificou:

porque eram 6 anos, acho que ainda é 6 anos Composição e Regência e na época o que estava acontecendo, estava surgindo a Federal né? E muitos professores da Belas Artes foram para a Federal, então o curso mais prejudicado foi Composição e Regência, saíram, [risos] perderam, vários professores. Mas eu assisti algumas disciplinas isoladas com Martines e tal né, assim, e daí me formei lá em 2007. E daí eu já emendei uma especialização em Educação Musical e daí acabou em 2009. (REGENTE C – CE, 2018, p. 19).

O mesmo justifica sua afirmação que não quis cursar regência pelo tempo de curso e porque na época estava iniciando o curso de Música na UFPR e alguns professores estavam prestando concurso e indo para a instituição. Continuando a entrevista, o mesmo ainda salienta que o curso era voltado para coros profissionais, o que já era discutido por Ramos (2003) quando ele traz essa reflexão em sua pesquisa que a universidade USP estava formando os regentes “preparados para serem bons regentes de coros de músicos, mas não sabiam trabalhar em um coro de leigos, (RAMOS. 2003, p. 12). O Regente C também realizou especialização em educação musical na mesma instituição que realizou a graduação.

Quanto à formação sobre canto coral e idoso, ou regência e idoso, o Regente C explicou que na pós-graduação “teve sim uma professora, ela veio do Rio Grande do Sul e veio trabalhar especialmente o canto coral, não só a regência. Falou bastante ou razoavelmente das práticas sociais, semiprofissional, amador e isso incluiria o idoso. Mas foi um curso muito mais focado para o infantil, mas “rolou” esses assuntos.” (REGENTE C – CE, 2018, p. 20). Considerando o canto

coral como uma prática social, ele segue com a afirmação de que tal prática orientada a idosos não tem caráter profissional, mas é uma “prática interessante” (Ibid, 2018, p. 20). O mesmo realizou Mestrado em Música e faz aulas particulares de regência. Pode-se concluir que o regente acredita na educação musical dos idosos com ressalvas, as quais serão apresentadas no próximo item.

FIGURA 13 – ORGANOGRAMA: FORMAÇÃO MUSICAL REGENTE C



FONTE: A autora (2018)

Em síntese, no que diz respeito à formação musical dos regentes, todos têm curso superior, sendo três relacionados a música, dentre esses, um inconcluso, e um relacionado a voz. Os regentes declaram que não tiveram abordagens aprofundadas voltadas ao idoso, apenas algumas “pinceladas”, parafraseando o Regente C sobre o assunto em um curso. Semelhantemente, a regente A durante sua graduação, ouviu sobre o ambiente propício que o canto coral proporciona para a integração de pessoas, neste caso, não necessariamente com idosos, porém ela pôde fazer tal aplicação. Já o regente B disse que estudou a voz do idoso durante a faculdade, porém nada foi relacionado à regência do idoso, ou canto coral naquela ocasião, mas, de acordo com ele, consegue fazer ligações devido a sua vasta prática como participante de coros.

Todos os regentes foram inseridos no contexto musical dentro de casa, através de rodas de viola, coro infantil na igreja ou exemplo da mãe cantora, e posteriormente foram estudar um instrumento específico, como no caso da

Regente A, que estudou piano, o Regente B, se considerando autodidata, teve poucas aulas de violão e o Regente C que também na adolescência começou os estudos de violão. Percebe-se que as famílias eram envolvidas com atividades musicais e que essa prática na infância influenciou até a escolha da vida adulta como profissionais da área.

## 7.2 ATUAÇÃO PROFISSIONAL FRENTE AO CORO

A aprendizagem musical no canto coral envolve vários aspectos e, para que a mesma ocorra, um deles a ser analisado é a atuação do profissional que está frente ao coro. Quanto tempo trabalha, quais as rotinas de ensaio, de que forma prepara o ensaio. Outro aspecto é a missão e os valores do coro, pois sabe-se que grupos de regentes têm pensamentos diversos sobre o canto coral com idoso. Percebe-se “a existência de processos de transmissão e recepção, de ensino e aprendizagem, implícitos em um fazer social” (FIGUEIREDO, 2010, p. 157). Para Figueiredo, o regente é um educador, pode ser comparado a um “agente do processo educacional” (FIGUEIREDO, 1990, p. 19), o que evidencia a importância de buscar conhecimento a cerca dos pensamentos e comportamentos desse profissional.

As experiências anteriores e as relações com o trabalho atual foram levantadas em questão para compreender o “regente educador numa perspectiva mais ampla que inclui as questões formativas e pedagógicas” (GOIS, 2015, p. 18). Os resultados das entrevistas abarcaram a compreensão do que é coro e de que forma esse regente trabalha frente ao coro. Com as observações, pôde-se averiguar se as mesmas crenças e valores são praticados ou não.

A Regente A, em relação a seu coral, já estava “trabalhando com eles durante sete, oito anos” (REGENTE A – CE, 2018, p. 12), o que revela sua longa experiência com esse público. Quando questionada acerca de suas experiências anteriores, relacionando-as ao trabalho com coro de idosos, declarou que “a relação [do trabalho com coro de idosos] com a experiência dos outros corais, [gerou] a maior das experiências que é: com os coros de pessoas mais jovens a resposta ao aprendizado é muito mais rápida em relação ao coral de idosos.”

(REGENTE A – CE, 2018, p. 12). A pesquisa de Luz (2005, 2006) mostra esses dados, porém também enfatiza que o indivíduo pode aprender no seu próprio tempo. Conceição (2013) relatou que a visão do idoso pode ser transformada pela sociedade, “ao seu tempo e ao seu modo, destina ao idoso uma importância condizente às suas necessidades e determinações. Sendo assim, nem sempre a velhice foi considerada uma condição de vida gratificante. As oscilações de tratamentos e representações são frequentes.” (Ibid, 2013, p. 33-34). A forma que o regente irá perceber e ver esse idoso revelará a forma de trabalho do mesmo.

Na questão sobre a realização ou não de algum trabalho músico vocal, a mesma relata que:

Nos demais coros nos quais eu trabalhei, [...] eu realizava basicamente uma mesma linha de condução de trabalho da parte de técnica vocal [...] mais para o coral dos adultos. E dos idosos, no caso, [...] eu dava uma atenção especial na técnica vocal, devido já uma dificuldade, uma perda de elasticidade vocal. Para esse aluno que já tem uma certa dificuldade, porque já entrou [...] porque a voz já entrou em uma curva de declínio, essa voz já está mais velha, já não está tão elástica. Essa era a diferença: o trabalho de técnica vocal era um pouquinho mais específico para trazer um pouco mais da vitalidade para essa voz. (REGENTE A – CE, 2018, p. 12).

Observa-se que a regente tem um cuidado especial com a voz do idoso. Embora não utilize a palavra “presbifonia”, a regente identificou a ocorrência desse fenômeno ao relatar que a voz dos idosos está em curva de declínio. Rocha; Amarael e Hanayama (2007) descrevem que “O início da presbifonia, seu desenvolvimento e o grau de deterioração vocal dependem de cada indivíduo” (Ibid, 2007, p. 248) e a saúde de maneira integral, além dos fatores “raciais, hereditários, alimentares, sociais e ambientais, incluindo aspectos de estilo de vida e atividades físicas” influenciam diretamente nesse declínio da voz. As pesquisadoras definem o que acontece com o idoso, ou com a pessoa que apresenta a presbifonia:

A frequência fundamental no gênero masculino permanece estável até os 60 anos. Já no gênero feminino, constata-se uma diminuição nesse valor a partir dos 50 anos, quando se inicia o processo do climatério. Aumento da frequência fundamental nos homens e redução desta nas mulheres são verificados após os 60 anos e indicam o início da senescência da voz. (ROCHA, et all. 2007, p. 248).

A regente, além de destacar os aspectos vocais, traz em sua fala que a sua formação acadêmica deu suporte para a regência do coro, mas vai além: “muito mais que a minha formação profissional, as minhas experiências e as minhas vivências com os alunos de canto de técnica vocal me dão muito mais suporte para minha atuação como regente de coro” (REGENTE A - CE, 2018, p. 12-13), nesse caso, percebe-se como mencionado no item 7.1: a busca pela formação continuada da regente, essa “significa ampliação constante de sua competência, pois esta não é algo que se adquire de uma vez por todas, mas resulta de um processo no qual vamos nos tornando competentes (TEIXEIRA, 2005, p. 99). A mesma ratifica que:

Não só especificamente de idoso, mas como professora e preparadora vocal, é claro que minha formação musical também me dá suporte pra esse trabalho, mas muito mais que ele [referindo-se ao curso superior em música] são as minhas vivências, experiências e cursos também na área de voz que me permitem olhar com um pouco mais de atenção para o trabalho vocal.” (REGENTE A - CE, 2018, p. 13).

O regente precisa ter esse olhar atento ao seu coralista e, apesar das particularidades de cada faixa etária, sempre buscar realizar um trabalho de música com qualidade, buscar sanar as lacunas da sua formação, para sua atuação uma melhor atuação profissional, assim como fez a Regente A. Dessa forma, “nem todo professor de música, enquanto educador, precisa ser um regente de coros, mas todo regente de coros precisa ser um educador” (D’ASSUMPÇÃO JÚNIOR, 2010, p. 241). Diante disso afirma que “durante a minha formação musical participei várias [deu ênfase na voz no momento da entrevista] de oficinas de música em Curitiba e festivais de Música em Londrina sempre nas classes de técnica vocal, canto coral, regência coral, sempre dentro do assunto de formação vocal pra coro especificamente trabalhando com a voz.” (REGENTE A – CE, 2018, p. 14).

Ainda sobre atuação profissional frente ao coro, foi levantada a questão de “quais os motivos que a levaram à dedicação ao trabalho com o coro de idoso”. A regente foi franca ao responder que:

Os motivos que me levaram a dedicar o trabalho também com o coro de idoso, na verdade não são tão específicos. É um tipo de clientela que cada vez mais vem se apresentado para os profissionais da área de música, para os professores e, sobretudo, para os preparadores vocais e regentes. Cada vez mais a gente tem uma clientela grande de idosos, que depois que entram em sua fase de aposentaria, enfim, procuram

atividades relacionadas à música, ao canto, pra se manterem conectados com as demais pessoas, se manterem ativos, então isso acabou levando ou chegando até mim uma clientela especificamente de idosos para trabalhar com ela. Não necessariamente eu me dediquei a trabalhar especificamente com uma clientela idosa, assim, em coro. (CE – REGENTE A, 2018, p. 13).

Na primeira observação do Coro A, a regente já tinha firmado tal pensamento declarando que “os regentes não querem idosos, porque dá muito trabalho, mas eu preciso de dinheiro. Essa clientela me chamou, e eu estou atendendo eles” (Diário de campo, 2017, p. 2). Até esse momento, não havia sido apresentada nas pesquisas a questão financeira como motivação primária para o trabalho com os idosos. Esse relato evidencia a projeção do IBGE e também alerta sobre o contínuo aumento da demanda desse público. Ou seja, não apenas profissionais indagados em ajudar os idosos vão atrás dos mesmos, mas os idosos estão procurando pela prestação de serviço dos profissionais.

A atuação profissional do Regente B frente ao coro é extensa. São “31 anos”, conforme mencionou, e tem orgulho em contar a história do grupo: “eu formei o primeiro coral que cantou no Bamerindus<sup>29</sup> junto com as crianças, [...] os idosos quem ensaiava era eu.” (REGENTE B – CE, 2017, p. 3). Anteriormente a esse coro, o profissional não trabalhava com regência, somente realizava composições. Ele conta que “trabalhava desde os 15 anos, eu compunha músicas para peças de teatro”. Depois de se graduar em fonoaudiologia, ele começou a trabalhar em um banco, período no qual foi convidado para trabalhar na instituição que atende hoje. “Tinha outros regentes e eles pareciam que não estavam contentes. Daí vim e trabalhei duas semanas, daí parece que gostaram... e eu era até bancário daí acabei saindo de lá e falei: vou experimentar. E estou até hoje.” (REGENTE B – CE, 2017, p. 5).

O mesmo afirma “Eu não tinha interesse [...] assim, eu não pensei: ah vou trabalhar com idoso. Aconteceu.” (REGENTE B – CE, 2017, p. 5). Essa colocação comprova a pesquisa de Rodrigues (2009) quando diz que “os resultados evidenciam que a maior parte dos professores não buscou ou escolheu ensinar esse perfil de aluno”, e também “trabalham ou trabalharam com os idosos devido à

---

<sup>29</sup> Uma vez por ano, na época de Natal, o Banco Bamerindus realizava um concerto aberto, no Palácio Avenida, em Curitiba, evento que na época, contava com coralistas infantis e idosos. O evento, realizado nestas instalações, perdurou até hoje, sendo realizado pelos seus sucessores Banco HSBC e atualmente o Banco Bradesco, no formato de coral infantil apenas.

procura e inserção dessa faixa etária nos cursos oferecidos pelas escolas.” (Ibid, 2009, p. 118), sendo que nessas afirmações, a pesquisadora está se referindo ao idoso no contexto de aulas de música.

Quanto às experiências anteriores e as relações com o trabalho atual, o regente prontamente falou que não tem relação e justifica o porquê:

Eu cantei muito em corais profissionais, então não consigo aplicar o que [...] porque cantei em coral de ópera com o maestro João<sup>30</sup>. O comprometimento é diferente. O tempo de trabalho é maior e tudo. Acho que precisamos respeitar a voz do idoso, a gente precisa respeitar o tempo dele, porque ele vai cansar mais fácil e tudo, né? A gente tenta [...] que nem hoje, eu não fiz aquecimento com eles, mas eu faço aquecimento, relaxamento, eu faço orientação, eles têm grupo até no *WhatsApp* para eles ouvirem em casa! Ouvir a voz deles, o que eles precisam estudar, para ajudar. (REGENTE B – CE, 2017, p. 4)

O regente relata que não é possível estabelecer relações entre suas práticas anteriores com a atual, em vista de que cantava em coro profissional, onde o nível de exigência praticado não poderia ser realizado num coral de pessoas idosas, pelas limitações próprias da idade. Utiliza a palavra “aplicar”, o que nos faz pensar no isomorfismo. Deseja reproduzir o que vivenciou, porém percebe que não o pode fazer. Evidencia-se “as dificuldades que os professores se deparam na atuação com o idoso. Essas dificuldades, na ótica dos professores, levam a diferenças de rendimento e aproveitamento nas atividades musicais por parte desse aluno.” (RODRIGUES, 2009, p. 119). Relata também o uso de tecnologia para encaminhar as ‘guias’ das músicas para os coralistas.

Ainda, demonstra grande considerações por seus professores, tantos os da área de fonoaudiologia, quanto os maestros e regentes que teve durante a vida, e enfatiza que não consegue “aplicar” da mesma forma que os mesmos faziam com ele. Contudo, ao ser levantada a questão da relação entre a formação e a atuação do regente de idoso, o entrevistado afirma que:

sim eu acho que tudo né?! Que no caso eu busquei a ‘fono’ por causa da música. Eu adoro, sempre adorei voz. Então quando eu entrei no curso de fonoaudiologia, eu já tinha estudado um ano antes toda parte de anatomia, fisiologia. Eu estava estudando sozinho, daí entrei para complementar [...] e daí eu ‘fuçava’ muito, eu perguntava muito nessa área aí. Tanto é que eu cheguei a dar cursos na área. ‘Fono’, na época, estava começando com a voz cantata, então tinha professora Y, tinha a professora X, a professora Z. Então era pouca gente. (REGENTE B – CE, 2017, p. 5).

---

<sup>30</sup> Nome fictício conforme assinado no APÊNDICE A no termo de consentimento da pesquisa.



O Regente B relata que havia poucas pessoas da área da voz cantata, e ele estava iniciando seus estudos corroborando com a voz cantata. Fala que sua formação tem grande relação com sua atuação como regente de idosos, pois os cuidados com a voz do idoso são peculiares, e pôde compreender isso nas aulas de anatomia. Atualmente temos a pesquisa de Aquino (2013) baseada na voz cantata e falada de idosos que estão inseridos no contexto do coro, resultando que as “caraterísticas da voz falada de idosas coristas, quando comparada àquelas que não a realizam, apontou para melhor qualidade vocal no aspecto geral, em decorrência de menor rugosidade e tensão” (AQUINO, 2013, p. 41), além dos hábitos de ingerir água e exercício físico afetam diretamente na voz, conforme a pesquisa evidenciou.

No sentido de participar com o coro em encontros e festivais, o regente diz que ele, juntamente com uma amiga regente, iniciou o encontro de corais de Curitiba. “O encontro de Corais, foi um projeto que eu comecei pequeno aqui também, começou pequeno em 2004 [...], era um dia só, teve no máximo 15 corais. [...] ela tinha uma experiência grande em transformar eventos assim, então começou com 3 dias, 4 dias e hoje em dia ele é de 5 dias com 40 corais apresentando. É considerado um dos maiores encontros de corais do Brasil né!” (REGENTE B – CE, 2017, p. 4). O mesmo tem orgulho em contar como aconteceu a história do Encontro de Corais de Curitiba, ao mesmo tempo, discorre que leva seu grupo apenas a este evento. Por questões financeiras, logísticas, entre outros, o grupo não se apresenta em outros eventos. Quando questionado se o mesmo ainda faz cursos ou participa de oficinas ou classes de regência, logo declara “não, não, agora não faço mais formação” (REGENTE B – CE, 2017, p. 5), segundo Gaborim-Moreira (2015) é importante que o regente entenda “que o processo de formação do regente não se limita a um curso com duração determinada, mas um projeto de vida em que a busca pelo conhecimento musical é incessante” (Ibid, 2015, p. 30), o mesmo é ratificado por Ramos (2003):

Na verdade, todo regente, no processo permanente de formação a que se lança até o último dia de sua carreira, se de fato estiver ligado profundamente à sua arte, deverá manter a chama do estudo e da criatividade sempre acesas, buscando o aperfeiçoamento de sua



performance [...] manter um processo de constante reciclagem e constante recriação do regente que ele já é. (RAMOS, 2003, p. 30).

O ideal, conforme Gaborim-Moreira e Ramos, é que o regente tenha uma vida de estudo, porém não podemos julgar os motivos que fazem com que um regente não leve essa vida de estudo e formação constante.

A atuação profissional do Regente C frente ao coro de idoso segundo ele é de “um ano e dois meses” (REGENTE C – CE, 2018, p. 20). Declara que com esse público é a primeira vez trabalha: “não, esse é o primeiro, já trabalhei com adolescente, infantil, mas de idosos é o primeiro.” (REGENTE C – CE, 2018, p. 20). Ao ser questionado se as experiências anteriores têm relações com o coro atual, e de que forma ele vê essas relações, responde:

Olha, relação de prática eu acho muito diferente. Eu tenho mais facilidade para lidar com [...] trabalhar com os idosos, até essa questão de cognição mesmo, pra mim pelo menos é mais fácil, me senti mais à vontade trabalhando com eles do que com o público infantil, assim, aqui está sendo bem mais fácil, a adaptação, porque tinha outra maestrina, outro regente antes, achei que seria mais demorada a adaptação, porque cria um vínculo afetivo, mas não. Foi tranquilo, e eu aprendi muita coisa, até como direcionar as atividades para eles. (REGENTE C – CE, 2018, p. 19).

O regente diz que é diferente das outras práticas e descreve que tem mais facilidade para trabalhar com os idosos, comenta sobre a bem sucedida adaptação da troca de regentes e que regeu anteriormente “coro infantil”, “orquestra” e “ópera” (Ibid, 2018, p. 19). Destaca a questão de cognição dos idosos e que a forma de “compressão do conteúdo e sua execução como uma ocorrência comum a qualquer faixa etária.” (RODRIGUES, 2009, p. 110), contraponto sua própria fala que em seguida fala das dificuldades dos idosos:

[...] eles têm dificuldade, como todo cantor ou músico que está começando. São as mesmas dificuldades, têm dificuldade de ritmo? Têm! Têm dificuldade de como entender como funciona? Têm! Têm dificuldade de afinação? É claro que com a idade tem algumas coisas que precisamos cuidar mais até a questão vocal. (REGENTE C – CE, 2018, p. 20).

O regente acredita que as dificuldades enfrentadas pelos idosos são, na verdade, inerentes a qualquer pessoa, de qualquer faixa etária que esteja iniciando os estudos de música, como é abordado na pesquisa de Rodrigues (2009), a qual defende aspectos comuns no ensino de música de idosos em relação a outras faixas etárias, e aspectos que deveriam ser considerados particulares da idade.

Dentro dos aspectos comuns, a mesma ressalta que “o respeito mútuo, por parte do professor e do aluno são fatores análogos” (ibid, 2009, p. 109). Além disso, a pesquisadora assinalou que a “a satisfação que a música deve proporcionar ao educando” (ibid, 2009, p. 109) deve ser presente nas aulas. Charlot (2013) defende que “é interessante quando um desejo, no sentido profundo do termo, é satisfeito pelo encontro com um conteúdo intelectual.” (CHARLOT, 2013, p. 160). Nas observações é percebida a importância que os idosos dão para o conteúdo musical e a satisfação de estar naquele espaço.

Em questão se o regente trabalha ou realiza técnicas de ensaios e trabalho músico – vocal, o mesmo respondeu prontamente: “Realizo!” (REGENTE C – CE, 2018, p. 20). Como benefícios da entrevista semiestruturada a entrevistadora, questionou-se “De que forma?”. O mesmo ficou pensando alguns segundos e respondeu:

Na verdade, é algo que [pensou uns segundos] eu não ‘pego’ muito no pé. Nesse sentido, eu faço, mas de uma forma que eles não se cansem, que não fique algo monótono, porque todo mundo vem para cantar, eles querem cantar, mas é lógico que precisa cantar da forma correta. Então sempre, eu pego uns 15 minutos do ensaio a 20 minutos e tento fazer trabalhos de aquecimento vocal, de respiração e até trabalho, algo de afinação e coisas assim, mas de uma forma que envolva outras coisas. Por exemplo, vamos fazer o método O’passo, por exemplo que já vai trabalhar rítmica e já vamos cantar alguma coisa para cantar em cima daquilo lá. Pra já prestar atenção em determinadas coisas. Vamos fazer um exercício de respiração aplicado naquela música que a gente está ensaiando. Então eu tento aplicar as coisas mais técnicas voltadas para o repertório. Para não ficar tão maçante, eu faço os exercícios aplicados no repertório. (REGENTE C - CE, 2018, p. 20).

O regente apresenta reflexões interessantes que a literatura já comprova. Os vocalises e o direcionamento da técnica vocal devem ser pensados e organizados para o repertório proposto, conforme Zander (2003, p. 3). Os exercícios devem ser aplicados conforme a dificuldade do repertório, auxiliando em passagens difíceis. Ainda Prueter (2010) afirma que “criando exercícios aplicados ao aprendizado de determinada passagem, determinado intervalo, determinada sonoridade, etc, o resultado dessa organização de ideias, exercícios e sua respectiva aplicação se refletia no coral, oportunizando, assim, o efetivo aprendizado dos cantores.” (Ibid, 2010, p. 3-4). Essa prática é de suma

importância, conforme visto pelos autores. Otimiza tempo e reflete na dinâmica dos ensaios, prevenindo futuros problemas no repertório.

Outro aspecto levantando pelo regente foi o ritmo, que o mesmo realiza atividades rítmicas com seu grupo. Esse assunto é abordado na dissertação de Figuerêdo (2009) como algo que precisa ser bem trabalhado para que os mesmos internalizem. O maestro destaca o ritmo em sua fala e já nos traz a metodologia que utiliza O'passo de Lucas Ciavatta (1997), com o corpo para sentir a pulsação. Ratifica Romanelli (2013) que propostas ativas auxiliam para que os coralistas “possam se concentrar diante de algo tão abstrato quanto à música, é necessário que haja propostas ativas, muitas delas corporais.” (Ibid, 2013, p. 15).

Essa percepção do entrevistado de realizar atividades diferentes que abranjam mais que uma competência, é parte integrante do chamado “regente educador” (FIGUERÊDO, 1990), efetivada na tese de Gaborim-Moreira (2015), quando a mesma defende que “o regente deve educar musicalmente os participantes do grupo” pensando no “crescimento musical dos integrantes” (Ibid, 2015, p. 97).

A respeito da relação profissional com a atuação atual, o regente que é violonista de formação, traz que seu instrumento apenas “é uma ferramenta, eu uso o violão como um apoio, uma ferramenta” (REGENTE C – CE, 2018, p. 23), sendo tão somente esse o vínculo entre esses dois momentos de vida. Foi perguntado acerca da maneira que busca atuar. Respondeu que de forma diferente de outros regentes, declarando que “Então não trato como se fosse crianças né (risos), já começa por aí, eu reparei em alguns grupos assim, não só em corais, nesses anos aí. Esse tipo de abordagem.” (Ibid, 2018, p. 23). Apesar do professor e regente falar que não trata os idosos como crianças, o mesmo salientou que busca abordagens diferentes dos outros grupos que regeu, como o de “ópera” e “coro adulto”. Não fica clara então, em sua percepção, qual seria a abordagem apropriada. Nota-se que o regente “ enxerga as diferenças, mas ainda considera o conteúdo como semelhante em sua atuação com o idoso” (RODRIGUES, 2009, p. 110).

O motivo que levou o regente a reger grupo de idosos foi:

Quando eu saí da orquestra lá, eu voltei para cá [referindo-se a Curitiba] com o intuito de voltar a estudar, porque estava parado, então eu entrei no mestrado e estava sem trabalho fixo, e comecei dar aulas

particulares e outras coisas que apareciam. Daí pintou essa vaga, eu fiz a seleção, acabaram me chamando e eu não sabia, eu sabia que era para regência coral, não sabia o perfil do grupo, não sabia se era um, se era dois, ou três. A vaga especificava canto coral [risos]. E aí quando entrei, eu soube que era um grupo de idosos. (REGENTE C – CE, 2018, p. 23)

A atuação com coro de idosos não se resultou de motivação previamente sofrida pelo regente, mas aconteceu de maneira circunstancial. A única informação que tinha, é que trabalharia com canto coral, sem saber qual público atenderia. Anteriormente, o regente trabalhou com regência de orquestras, fato esse enfatizado durante a entrevista: “mas não regia o coro, [referindo-se ao trabalho anterior], nem um programa só com o coro, era sempre com orquestra. Sempre com orquestra” (REGENTE C – CE 2018, p. 19), frisou novamente. Tal ênfase na regência orquestral observada na entrevista, pode sugerir que o regente sente falta de algo que, em sua visão, executava bem, e que não é aplicável em sua atual atividade e que, conforme as evidências de Rodrigues (2009 p. 119), foi a demanda do momento que fez que o mesmo se aceita o perfil da terceira idade.

Sobre a participação de eventos de coros e festivais com o grupo e do regente, disse que levou o grupo a participar do encontro de corais de Curitiba e ainda declara que:

Sempre participei de cursos de regência, mas meu foco sempre foi regência orquestral, prática, mesmo sendo grupos amadores, eram práticas instrumentais, meu principal enfoque, pelo menos na época, sempre era oficina de Música aqui em Curitiba, Minas, São Paulo sempre que podia eu [participava]. (REGENTE C – CE, p. 20).

Pode-se contatar que o regente não tem formação específica na área da regência e que a mesma foi buscada em outros espaços para atuação frente à orquestra ou coro, o que assegura Franchini “por meio da formação continuada, participando de cursos específicos na área de canto coral, os regentes conseguem ampliar seus saberes” (Ibid, 2014, p. 85).

Em síntese, percebeu-se nas entrevistas, que não houve motivação para o estudo ou trabalho com grupos de terceira idade. As oportunidades foram demandadas circunstancialmente e os regentes aceitaram por razões financeiras ou de trabalho. Notou-se uma tendência unânime em dar grande importância ao trabalho músico – vocal durante as entrevistas, porém em um dos coros, não foi observada a execução de tal trabalho na prática. Sobre a formação continuada, a

maioria dos regentes entrevistados acredita na importância de seguir se atualizando, ao passo que um deles não pretende dar sequência aos estudos.

### 7.3 QUESTÕES SOBRE COMPETÊNCIA E HABILIDADES

A regência abrange os saberes musicais e técnicos que segundo Gaborim-Moreira (2015) formam “um conjunto de habilidades ou um conhecimento prático que leva a um fim concreto” (Ibid, 2015, p. 41), ou seja, a música em conjunto. Para Charlot (2000), “qualquer tentativa para definir o saber faz surgir um sujeito que mantém com o mundo uma relação mais ampla do que a relação de saber” (Ibid, 2000, p. 59). O autor defende que as relações sociais e as relações com o saber resultam na forma da representação de uma atividade, e que o sujeito se apropriando do saber por meio das relações com ele e com o mundo “não há saber que não esteja inscrito em relações de saber” (Ibid, 2000, p. 63) e “a relação com o saber se constrói em relações sociais” (Ibid, 2000, p. 86), assim o conhecimento “teórico-musical está implícito na formação do regente; contudo, o aprendizado da regência é essencialmente construído na prática” (GABORIM-MOREIRA, 2015, p. 41). O conhecimento, a vivência e a forma que o mesmo será empregado, irão influenciar os ensaios, e as rotinas dos mesmos.

Nesse sentido, a Regente A declarou que “eu penso que habilidade específica é ter a tranquilidade para saber trabalhar com esse adulto, que basicamente se comporta como uma criança, sem saber um caminho e você precisa direcionar esse idoso pra um caminho específico da voz” (REGENTE A – 2018, p. 13). Zander (2003) defende o mesmo pensamento da maestrina. De acordo com ele, o regente precisa de habilidades para ensinar e se comunicar, ser calmo, paciente, ter habilidade para liderança, entusiasmar e motivar o grupo. A entrevista exemplifica o porquê de a paciência ser alocada por ela:

Na maioria, na minha vivência com um coro com pessoas mais idosas, a maioria desses idosos vinha sem nenhuma experiência anterior com a música. A ideia nunca foi trabalhada de nenhuma maneira, então eu acho que uma habilidade ou a competência imprescindível é a paciência e uma calma para pegar esse adulto que já vem de uma, uma vivência muito pessoal de cantar de qualquer maneira de usar a sua voz sem nenhum tipo de preparo. E você, para fazer com que ele busque, com que ele entenda aonde você quer chegar com ele. Eu acho que isso é o que é o principal. (REGENTE A – CE, 2018, p. 13).

A respeito da fala da regente, sobre os idosos chegarem sem nenhuma experiência anterior com a música, é questionado e abordado por Romanelli (2013) se, esses idosos não tiveram nenhum contato com a música durante a sua vida? Se na velhice buscar estar em contato com essa arte, alguma experiência deve ter marcado em algum momento de suas vidas. A exemplo, durante as observações no dia das mães, um coralista fez uma serenata para as mulheres da sala. Como classificá-lo como um indivíduo sem nenhuma vivência musical? São questionamentos que permearam durante as observações. Tais questionamentos são explicados por Romanelli:

Mas, se temos tanto contato com a música e desde tão cedo, porque ainda assim muitos de nós se julgam “analfabetos musicais”? Isso é consequência de uma concepção que avalia o conhecimento dando muita ênfase ao domínio que um sujeito tem de um instrumento musical ou dos elementos formais que caracterizam a música ocidental (como a leitura de partituras, por exemplo). (ROMANELLI, 2013, p. 7).

Quando a regente comenta que o coralista deve entender “aonde você quer chegar com ele, eu acho que isso é o que é o principal”, traz-nos à reflexão se realmente o que importa é somente a técnica vocal. Pode-se explorar tal reflexão, e se ponderar que as vivências anteriores, bem como o ambiente de convivência são fatores que podem causar impacto e até mesmo serem utilizadas para aprimorar o desempenho desse idoso no canto coral. Para Charlot (2013) “temos de ler o mundo com a lógica dos outros, com os olhares dos outros, para entender como se constrói a experiência dos outros, como se estrutura o mundo dos outros.” (Ibid, 2013, p. 164).

Em relação à origem do aprendizado e desenvolvimento dessas habilidades e competências, a regente A afirma que advém de dois quesitos: segundo ela, o primeiro é ter de “alma de educador” e possuir “bons cursos com bons profissionais”

Os locais onde essas competências podem ser apreendidas, penso que primeiro de tudo o professor, ou o regente ele tem que ter, precisa ter em sua essência a alma de educador, não adianta você ter conhecimento e não saber ensinar, então precisa ter alma de educador. (REGENTE A – CE, 2018, p. 13).

Quando a regente traz a questão de se ter o conhecimento e não saber ensinar, está apontado para os aspectos de didáticas que são importantes para o

desenvolvimento das habilidades. O regente educador foi abordado e defendido na dissertação de Sérgio Figueiredo em 1990. Mathias (1986) anteriormente já pontava ou elucidava que “cabe ao regente coral realizar o papel de educador musical com os seus coralistas [...]” (Ibid, 1986, p. 32).

A segunda coisa é buscar ou participar de bons cursos de seminários com bons professores e com bons orientadores dentro da área que você está trabalhando. No meu caso eu sempre busquei professores excelentes dentro da área de técnica vocal, que tinham uma vasta experiência, de já ter trabalhado não só com o coro infantil, mas com coro adulto, coro de jovens, coro de idoso, e buscar através dessa vivência, desse bom professor elementos que eu pudesse me dar suporte para trabalhar com os meus grupos, que pudessem me ajudar a trabalhar com meu grupo. (REGENTE A – CE, 2018, p. 13).

A respeito do critério citado pela regente, da participação em bons cursos e da vivência para que pudesse desenvolver elementos para trabalhar com o grupo, Charlot (2000) defende que o saber está vinculado em “argumentação, verificação, experimentação, vontade de demonstrar, provar, validar” (Charlot, 2000, p. 60), além de reafirmar o que Ramos (2003) e Gaborim-Moreira (2015) defendem: que o regente deve estudar, escutar música e se aprimorar a todo tempo. A formação continuada do regente também é abordada por Rodrigues (2009 p. 98), e a pesquisadora traz as explanações que ainda há muito a se refletir a respeito do papel da formação dos professores de música na sociedade contemporânea, sobretudo em relação ao idoso e a diversidade.

A regente A acrescenta como uma competência necessária o saber sobre a fisiologia vocal para trabalhar de forma assertiva. Salienta a importância de conhecer a voz do idoso para trabalhar com esse público:

É quando a gente trabalha, ou busca já trabalhar, busca na formação da gente trabalhar especificamente com voz. É fundamental a gente conhecer a fisiologia, e claro, trabalhando com essa voz mais velha, tiraram um pouquinho que o conhecimento de senso que toda essa musculatura a partir de uma certa idade, ela vai começar um cair, entrar numa curva de declínio né? Perder tessitura, perder região afinação, justamente pela falta de exercícios. Então a gente vai buscar essas informações na fisiologia da voz. (REGENTE – CE, 2018, p. 14).

Tal afirmação é comprovada na pesquisa de Casol (2004), que afirma que o idoso perde a musculatura e que a mucosa aumenta em mulheres e a presbifonia acontece. A mesma afirma que os “conhecimentos a respeito dos aspectos fonoaudiológicos da voz cantada são essenciais para o adequado aperfeiçoamento



do canto. Tanto os fonoaudiólogos que atuam na área do canto quanto os cantores, professores de canto e regentes, devem ter seus conhecimentos aprofundados em fisiologia, ressaltando as diferenças entre a voz cantada e falada” (CASOL, 2004, p. 150).

O regente B, ao ser questionado sobre as competências e habilidades, declara que a “primeira coisa precisa gostar, porque idoso é criança. Se você não gostar, você não consegue afinidade. Primeiro gostar, porque não é muito complexo, assim, claro você precisa se preparar para fazer com qualidade, nem tratar idoso como criança, sabe? Porque eles são [...] as vezes como criança, mas são crianças com uma experiência de vida enorme. Então a gente tem que ter esse respeito né?” (REGENTE B – CE, 2017, p. 6). Dentro da definição e concepção de competências e habilidades da pedagoga Mosé (2013) citada por Gaborim-Moreira:

Competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que usamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do ‘saber fazer’. ser competente não é apenas responder a um estímulo e realizar uma série de comportamentos, mas, sobretudo, ser capaz de, voluntariamente selecionar as informações necessárias para regular sua ação ou mesmo inibir as reações inadequadas. (MOSÉ, apud, GABORIM-MOREIRA, 2015, p. 31).

Percebe a pesquisadora que a resposta do regente B mostra a importância de habilidades específicas para lidar com os idosos, porém não aborda sobre as competências aprendidas ou desenvolvidas para executar tal ação. Ainda sobre gostar de estar com os idosos e ter afinidade com os mesmos, ele exemplifica “na escola dificilmente... quase que nem o samba do Emanuel Rosa: Ninguém Aprende Samba no Colégio [referindo-se à música feito de oração de Emanuel Rosa]. Então eu acho que não aprende também a gostar né, ninguém ensina ninguém a gostar. Se entra, se acomoda, se sente bem, continua, né?” (REGENTE B – CE, 2017, p. 6).

O regente C identifica as competências e habilidades para o trabalho com idoso, tais como:

A formação óbvia, né? Questões teóricas como harmonia, contraponto, análise, história, estética, percepção. Isso, né? Independente se é profissional ou amador, acho que precisa ter o mesmo conhecimento. Você não pode fazer a coisa errada, é claro que você passa de uma forma diferente. Aqui entra as competências, a grande diferença.

Eu acho que a questão humana, que eu penso, não só para questão de coro de idoso, mas para qualquer grupo, você precisa se adaptar para aquele grupo, para adolescente, criança, situação de risco, ou um grupo profissional. Tem essa questão humana que é importante. E a outra é você, não seria a palavra facilitar, e sim a palavra, deixar o material mais acessível, e você conseguir apresentar esse material, de uma forma diferente, deixar o material acessível para os idosos. (REGENTE C – CE, 2018, p. 26).

Quando o entrevistado traz a formação como quesito “óbvio”, relaciona disciplinas comuns aos cursos de licenciatura e bacharelado em música. Martinez (2000 p. 38-39) apresenta o ponto de vista sobre o que seria imprescindível. De acordo com sua pesquisa, as necessidades podem divididas em dois aspectos: (a) atributos essenciais e (b) aprofundamento dos conhecimentos básicos. Como atributos essenciais, elenca ter domínio de percepção musical, essa que abrange compreender os intervalos melódicos e harmônicos, ter noções de ritmo, ser comunicativo e ser um pedagogo. Os conhecimentos básicos que devem ser aprofundados são listados por ele: harmonia, contraponto, história da música, técnica de canto, história das artes, técnica gestual, técnica pianística.

Ramos (2003) pondera que reger um coro exige um “conjunto de atitudes técnicas que busca clareza e comunicabilidade no contato com os músicos e coralistas e [...] uma capacidade de estabelecer contato emotivo direto através da utilização do corpo e da expressão facial” além de defender que “são necessárias qualidades pessoais não exatamente musicais, como certa capacidade de gerência de problemas entre pessoas, de liderança de longo prazo associada a certo carisma que pode ter inúmeras faces [...]” (RAMOS, 2003, p. 01). Confirmando a questão humana que o regente C declarou, essa mesma questão é ressaltada por Gaborim-Moreira (2015, p 51), a mesma discorre que é de suma importância que o regente busque “bagagem intelectual e afetiva”, porque o mesmo só pode se colocar enquanto líder se tiver a concepção de trabalho em equipe, durante os ensaios e até durante momentos performáticos. Mathias (1984) pondera que o relacionamento interpessoal gera a comunicação do regente. Dentre os pesquisadores, pode-se afirmar que realmente são importantes as relações humanas dentro do canto coral ainda, sobretudo para o regente.

Quando levantada a questão de aonde aprende ou desenvolve essas questões que o mesmo abarcou, o mesmo falou “de certa forma na faculdade eu

aprendi, não em uma disciplina assim teórica,” referindo se a questão humana. Conta que na faculdade teve a oportunidade de reger um grupo de violonistas:

Ali foi minha [primeira] vez que eu regi um grupo, minha primeira oportunidade. E o bacana disso que entrou essa questão de lidar com pessoas, porque eram meus amigos e eu tocava com eles, ao mesmo tempo em que os regia. Foi bem legal, a liderança a amizade. Achar esse equilíbrio entre liderança e a amizade. Depois também na graduação tinha o Madrigal, e os cantores eram do curso de canto [que o mesmo também regeu]. (REGENTE C – CE, 2018, p. 25).

Na citação percebe-se a importância despendida aos cursos de extensão na formação. O regente destaca a liderança e a amizade, que naquele momento precisava achar o equilíbrio e que esse momento influenciou na sua trajetória profissional. Nesse sentido, “o papel que o regente tem na condução de seu grupo musical envolve capacidade de liderar o grupo e motivar cada um de seus integrantes, levando-os a uma vivência musical proveitosa do ponto de vista pessoal e comunitário” (FUCCI-AMATO; AMATO NETO, 2007, p.5).

O regente C fala sobre as peculiaridades da voz do idoso, porém ao ser questionado se ele tinha conhecimento acerca da fisiologia vocal do idoso ou aspectos do envelhecimento, afirmou: “do idoso não tenho conhecimento, especificamente, uma época estava meio metido com a ópera, eu sempre estava junto com o pessoal do canto” (REGENTE C – CE, 2018, p. 25). Logo, o regente evidencia uma contradição quando, após dizer ser importante conhecer tais características, reconhece que não buscou esses saberes até o momento, a não ser pelo seu envolvimento com alunos de canto, onde pode informalmente ter agregado noções sobre o tema. A respeito de trabalhar com o idoso e não ter conhecimento sobre o envelhecimento e sobre as características dos idosos é apontado na pesquisa de Conceição (2013) como fator que precisa ser melhor trabalhado pois a

[...] valorização e reconhecimento de sua história de vida e experiência, tendo a educação e a cultura como base para estimulá-lo a se manter integrado e ativo na sociedade, ofertando assim recursos educacionais para que ele acompanhe as transformações do mundo e a dinâmica contemporânea brasileira. (CONCEIÇÃO, 2013, p. 101).

## 7.4 CORO E CONDUÇÃO DO TRABALHO CORAL

Nesse subitem é apresentada a condução coral, a qual gera as rotinas dos ensaios que os regentes desenvolvem. Assim, o “estabelecimento de uma técnica de ensaio sequencial pode determinar a dinâmica do ensaio. Esta dinâmica de ensaio poderá influenciar diretamente no aprendizado dos cantores” (PRUETER, 2010, p. 25).

O coro A tem 16 integrantes e a faixa etária está entre cinquenta e nove e setenta e oito anos. O projeto é particular, sendo que uma coralista sustenta os salários da regente e da pianista. Os ensaios acontecem uma vez por semana com duração de duas horas e sempre se apresentam nos hospitais da região de Curitiba. A equipe de trabalho “na verdade é pianista que acompanha os ensaios, e ajuda no ensinamento das linhas de cada naipe. E eu como professora, regente e também preparadora vocal, que faço toda parte de aquecimento antes dos ensaios.” (REGENTE A – CE, 2018, p. 16). Ramos confirma a fala da regente ao dizer ser necessário “promover uma imersão [do regente] no meio, seja estudando, regendo, cantando, ensinando, tocando, administrando, ou quantas mais atividades paralelas o ambiente coral propicie e necessite” (RAMOS, 2003, p. 13).

A Regente A explica que “a finalidade desse grupo é específica e para atender a uma clientela de hospitais para levar a música, para pacientes, internados em hospitais ou em clínica. Como por exemplo, em clínica de hemodiálise.” (REGENTE A – CE, 2018, p. 14). Notória a importância do trabalho social que os idosos e a regente desse grupo desenvolvem. Buscam “o despertar de sentimentos e emoções esquecidos, o resgate da cidadania ativa, o aumento da autoestima, e se constitui como forma de fazê-los sentir-se valorizados e vivos.” (BERGMANN, 2012, p. 137).

O planejamento dos ensaios e das atividades são afirmados nas palavras da regente:

Eu sempre busquei e busco planejar ou montar uma estratégia a cada ensaio, pra permitir ver uma evolução desse grupo ao longo do trabalho. As atividades principais, sempre [...] existe uma ideia que primeiro [com ênfase na voz] dentro da estrutura de curta de duas horas de ensaio, não abrir mão da técnica vocal, ela é fundamental para a gente conseguir trabalhar o repertório em si que vem a seguir, dar condições para essas

vozes, vozes conseguirem executar aquilo que a gente precisa, dentro do repertório escolhido pra ser trabalho. (REGENTE A – CE, 2018, p. 16).

Essa prática foi percebida em todas as aulas observadas do Coro A. Era dedicado um tempo de 20 – 30 minutos da duração do ensaio para aquecimentos vocais, com vários vocalises. Segundo Prueter (2010), pode-se trabalhar neste momento “postura, respiração, articulação, ressonância” (Ibid, 2010, p. 74). Segue alguns exercícios que foram executados durante as observações para melhorar a ressonância do grupo, a figura 10 representa o vocalise escutado com o intervalo de terça maior com *bocca chiusa*:

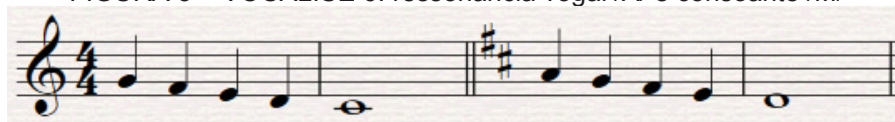
FIGURA 2 – VOCALISE 5: ressonância



FONTE: A autora (2018).

A maestrina buscava sempre atender uma tessitura de oitava justa do Dó 3 – Dó 4 com esse exercício. Além da *bocca chiusa*, era também realizado com a vocal /O/. A construção da sonoridade das vocais e a produção acústica da mesma, são levantadas por Gaborim-Moreira (2015, p.316), discorrendo da importância da postura e da produção correta do som vocálico em toda extensão do canto com a emissão das vogais.

FIGURA 3 – VOCALISE 6: ressonância vogal /A/ e consoante /M/



FONTE: A autora (2018).

O vocalise da figura 11, a regente iniciava com a vogal /A/ e sustentava com o /M/ para auxiliar na suspensão, projeção e sonoridade do grupo. Outro vocalise que era realizado com frequência nos ensaios observados foi classificado segundo Matinez (2010 p. 193) como exercício específico para extensão, para aumentar ou não perder a tessitura dos idosos, sendo esse perfeitamente apropriado para esse

público, visto que os desgastes naturais da idade afetam a tessitura, como já abordado anteriormente.

FIGURA 4 - VOCALISE 7: exercício para extensão



FONTE: A autora (2018).

Não foi observado nos ensaios vocalises para resolver problemas rítmicos, mas Figueiredo (1990) sugere que essa prática seja constante.

A regente assegura que:

A técnica vocal sempre ocupou pelo menos uma parcela grande do ensaio, não de todo ensaio, mas de duas horas de ensaio pelo menos trinta minutos de boa técnica vocal. Por ser um grupo de amadores e pessoas que não leem músicas, não tocam instrumento, eu preciso também ter um tempo hábil, para ensinar cada linha das vozes dos naipes e ir montando esse quebra-cabeça que são as linhas de melodia do tenor, do soprano, do contralto do baixo e ao final do ensaio ter uma espinha dorsal do repertório montado ou entendido. (REGENTE A – CE, 2018, p. 17).

A mesma faz a analogia com um quebra cabeça para realizar as peças com seus idosos, já que os mesmos não leem partitura segundo a entrevistada. Schimiti (1997) diz que “a profundidade do trabalho do regente é revelada muito mais pela qualidade de seus ensaios, que pelos concertos que realiza!”. (Ibid, 1997, p. 121).

Sobre a quantidade de tempo que define para cada atividade, não revelou nas entrevistas. Somente deu ênfase na “boa” técnica vocal, assim declarada pela maestrina. Porém, nas observações pode-se perceber a rotina do coral a) relaxamento postural; (b) exercícios de respiração; (c) vocalises; (d) repertório. A mesma era bem dinâmica nas atividades. Entre um exercício e outro, não dava oportunidade para início de conversas aleatórias.

O repertório segundo a Regente A, ela busca:

“atender, a dificuldade ou a limitação que esse grupo das vozes apresenta. Então sem muitos intervalos difíceis ou harmônicos, uma melodia simples, mais que surta efeito, aha sempre o critério é, canções que não tragam elementos muito difíceis de serem executados. As adaptações vocais de

muitas das partituras sempre são feitas por mim, justamente para atender o meu grupo. Muitas vezes é difícil usar uma partitura pronta coral, pra um grupo muito amador é necessário se fazer uma readaptação da obra para atender à necessidade específica do meu grupo, que vai ser diferente do grupo de um outro colega de um outro regente. (REGENTE A – CE, 2018, p. 17).

Martinez (2010) afirma que o trabalho da escolha do repertório “acontece muito antes do primeiro ensaio.” (Ibid, 2010, p 41). Ainda defende que a escolha adequada do repertório irá influenciar na performance do mesmo. Sugere que deve ser levado em consideração: a) tamanho do coro; b) a quem se destina e quais as características do coro; c) capacidade técnica do coro; d) capacidade do regente em relação a técnica e musical; e) ocasião da apresentação; f) se serão utilizadas obras originais ou arranjos e g) se a obra será *a cappella* ou receberá um acompanhamento e qual seria esse acompanhamento. Percebe-se que os primeiros requisitos que o mesmo elenca não são musicais e devem fazer parte no momento da escolha do repertório, como foi bem colocado pela Regente – A na sua preocupação com o repertório para seu grupo.

O coro B integra 33 coralistas, sendo o mais novo de sessenta anos e “o mais idoso tem 93 hoje, mas já tivemos com 97, 99”. (REGENTE B – CE, 2017, p. 9). O coro, que já tem 31 anos de atividade em Curitiba, pertence a uma empresa privada que visa proporcionar ao envolvidos bem-estar. Os ensaios têm duração de uma hora, porém são desenvolvidos três ensaios por semana para que os idosos possam se organizar e verificar qual é o melhor dia para ir ao coro. As apresentações acontecem no Festival de Coros de Curitiba, mercados e eventos que a instituição promove. A equipe de trabalho resume-se ao regente com seu violão, não possuem outras pessoas para compartilhar a missão.

O Regente desenvolve no mesmo espaço outras aulas para o grupo de terceira idade. “Eu tenho um grupo de teoria [referindo-se a teoria musical], agora que nesse ano a gente começou flauta, e começou uma noção rítmica, então eu pretendo futuramente ensinar para esse grupo de teoria, a gente está brincando com a colher, uma coisinha ali né?!” Nas observações de novembro, o mesmo utilizou a colher de pau como percussão para uma música de natal. E o professor deseja aumentar os instrumentos “Ano que vem quero atabaque, um pandeiro, uma coisa para quando crescer esse grupo, quero um grupo de percussão também.”



(REGENTE B – CE, 2017 p. 9) O mesmo acredita no potencial dos idosos, mostrando o desejo de ampliar oficinas além de canto coral.

Quando levantada a questão de planejamento o regente responde que:

Hoje em dia não... não faço não... porque ...hoje em dia já... já... claro, as vezes eu vejo um tema. Que nem no encontro [referindo se ao encontro de corais] vai ser anos 50, já estou vendo as músicas e os arranjos também. Daí vou ter um mês e pouco para trabalhar [risos]. Às vezes o tempo é apertado. Quando aparece alguma coisa, eu gostaria que aparecesse antes, mas é quando aparece né?! (REGENTE B – CE, 2017, p. 8).

Ele fala que não tem uma organização anual para as apresentações, que as mesmas aparecem e que ele precisa, mesmo que com pouco tempo, apresentar. Também fala que não planeja os ensaios. Durante as observações, o regente sempre utilizava da mesma forma de ensaio, tocava uma vez a música com o CD cantado, depois a guia com o soprano, em seguida a guia com contralto e tenores, sempre acompanhados do violão e o CD. O regente passa todas as músicas da mesma forma e sabe cada linha melódica de cor. A metodologia de cantos sucessivos é questionada por Schimiti (1997) que afirma que “o ensaio não pode se organizar como um tempo interminável de cantos sucessivos. As atividades devem ser variadas, associadas, porém ao objetivo do trabalho”. (Ibid, 1997, p. 124),

Se a repetição pode levar à perfeição, também é o caminho mais rápido em direção à monotonia. Os ensaios integram um processo. Logo, respeitam um tipo de ordenamento em que as partes estão vinculadas umas com as outras. O regente, porém, deve ter a preocupação de fazer de cada ensaio um encontro completo, com começo, meio e fim. (SCHIMITI, 1997, p.122).

Enquanto Prueter descreve que a “cada repetição um elemento era colocado em evidência” (Ibid, 2000, p. 105), o Regente B a cada circuito executa uma outra linha melódica, dando evidência à mesma. Executa a técnica de falsete com tranquilidade para demonstrar a voz das mulheres.

Em relação ao repertório, o entrevistado relata que:

eu acho que de vez enquanto precisamos apresentar músicas que a gente gosta. Mas não acompanhando a mídia. Eu tento pesquisar mais ou menos o que eles gostavam quando eram jovens, e busco cantar músicas que mexam com as lembranças deles, sabe? Música assim que deixem eles felizes. (REGENTE B – CE, 2017, p. 6).



Nas observações, o repertório era bem eclético. Músicas da época dos idosos e em outros idiomas. O regente fala “de vez enquanto eu joga uma música japonesa, daí eu falo que é difícil alguém ter Alzheimer comigo - porque eu “jogo” japonês, “jogo” inglês, “jogo” francês, “jogo” italiano, “jogo”. Então eu tiro eles do conforto, né? Eu não deixo eles entrarem no conforto.” (REGENTE B – CE, 2017, p. 7). A pesquisa de Marques (2011) mostra as relações das músicas com as lembranças e de que maneira a mesma auxilia na memória, que as idosas da pesquisa conseguiam fazer “reconstrução” das “experiências musicais que tiveram durante suas vidas” (Ibid, 2011, 159) por meio da música, e que o repertório “musical vivido ao longo de suas vidas traz muitas lembranças”. Algumas músicas “acompanham sentimentos de boas e de más recordações ligadas às suas vidas”. (MARQUES, 2011, p. 158). O envolvimento do coro com as músicas que os mesmos se identificavam era diferente em relação às músicas estrangeiras.

Charlot (2013) consegue definir o que acontece com o ensino do coral em relação às músicas que os mesmos gostam. Para ele, “só aprende quem encontra alguma forma de prazer no ato de aprender. Quando digo “prazer”, não estou opondo prazer a esforço. Não se pode aprender sem esforço; não se pode educar uma criança sem fazer-lhe exigências.” (CHARLOT, 2013, p. 159). O esforço para aprender a linha melódica, para sustentar a nota, para projeção da voz irá acontecer com mais facilidade se a atividade gerar prazer.

Ainda sobre o repertório escolhido para o grupo, o regente fala que das “140 músicas, são 140 de todos os cadernos que eu já fiz, eu já fiz mais de 5 cadernos assim grandes, e fui percebendo quais eles gostavam mais, então eu fiz um resumo de todas que eles gostavam mais.” (REGENTE B – CE, 2017, p. 7). Diz também que deixa os idosos escolherem a partir das músicas que ele já realizou, para as quais foram realizados arranjos específicos para a instituição mantenedora do coro, com as gravações das linhas melódicas para disponibilizar para os idosos, além do *playback*.

O Coro C é formado por 36 coralistas, no qual o integrante mais novo tem sessenta anos e o mais velho oitenta e nove. Os ensaios acontecem duas vezes por semana com duração de uma hora e trinta minutos. Devido a políticas restritivas da empresa, não foi possível realizar as observações neste grupo. O coral se apresenta em festivais e eventos da instituição. O regente realiza

acompanhamento de violão em “todas as músicas, não tenho a finalidade de usar o *playback*, por hora acompanho todas as músicas com o violão, por questões de logística, mas gostaria de ter um grupo né?” O mesmo expressa que o ideal seria ter alguém para acompanhar tocando, “ou mesmo, até um futuro correpetidor né? mas pelo repertório que a gente tem fazendo, o violão tem funcionado bem. Música popular brasileira, música regional, algumas vezes trago a viola caipira” (REGENTE C – CE, 2018, p. 20). A pesquisa de Teixeira (2005), Franchini (2014) e Gaborim-Moreira (2015) trazem essa realidade do regente precisar tocar, reger, organizar e realizar todas as demandas do coro.

Em relação às rotinas e organização dos ensaios, o Regente C declara que planeja seus ensaios “durante a semana separo [separa] um tempo para aquecimento, vocalise e ensaio de naipes” (REGENTE C – CE, 2018, p. 26), para Schimiti:

Se cada tipo de repertório propõe uma sequência de desafios ao regente, o ensaio apresenta-se como o momento de se exercitar todos os parâmetros musicais; uma vez estimulado cada cantor será capaz de demonstrar sua habilidade de expressar música com compreensão, com técnica, usufruindo, desta forma, do grande prazer de realizá-la artisticamente. (SCHIMITI, 1997, p. 121).

Diz ainda que busca atividades diferentes, como O'passo, para realização de ritmos difíceis e atividades de respiração para que os coralistas sustentem a voz. Comenta que compõe arranjos para seu grupo e “entrego a partitura e a letra grande. Eu faço um arranjo específico do que a gente vai cantar, [...] mas pelo menos tem uma estrutura em 3 vozes”. As partituras que o regente faz são pensadas no grupo que o mesmo tem, o que sugere Martinez (2010, p. 42) para escolha de repertório. O regente comente que muitos idosos não sabem ler a partitura mas querem a mesma, e fazem uma leitura gráfica segundo ele:

Tem alguns que preferem a partitura, mesmo não sabendo lê-la. Trata-se de uma leitura mais gráfica do que musical, além da letra em tamanho grande. mas eu tento falar termos musicais, por exemplo: vamos fazer o *bocca ciusa*, vocês estão vendo esse símbolo de dois pontinhos é o *ritornello*, eu sempre tento falar algo mais histórica, técnica. Penso no futuro desenvolver essa prática, desenvolver... por hora não tenho intenção que leiam a partitura, mas penso que é importante entender essa nomenclatura, não uma leitura fluente, mas essas nomenclaturas tipo - aqui os tenores não cantam, aqui precisa repetir, coisas básicas. (REGENTE C – CE, 2018, p. 26).

A partitura adequada, segundo Komosisnski (2009), pode auxiliar na memória visual. “A maneira como uma partitura está organizada graficamente no papel pode auxiliar os executantes na compreensão e na memorização, por exemplo, da forma daquela música.” (KOMOSISNKI, 2009, p. 48). Para o idoso é de suma importância uma partitura clara, sem rasuras.

O repertório é selecionado baseado nos eventos da instituição e no que os coralistas gostam, segundo o regente:

Primeiramente o que eles gostam, (risos) é livre para eu escolher, o que a gente direciona, questões por exemplo para eventos, ano passado teve o evento para jovem guarda por exemplo, então repertório para jovem guarda, depois teve o encontro de corais foi o nascimento do Tom Jobim, mas algumas temáticas assim. (REGENTE C – CE, 2018, p. 27).

Percebe-se a importância de compor o repertório com músicas apreciadas ou já ouvidas pelos idosos. Marques (2011) traz que “o repertório musical vivido ao longo de suas vidas traz muitas lembranças”, o que deve ser levado em conta no momento de selecionar as músicas. A pesquisadora descreve que há músicas que a terceira idade é tão envolvida que as “palavras já não conseguiam expressar todo o sentimento e a importância que aquele repertório tinha para elas, começavam a cantar essas músicas.” (MARQUES, 2011, p. 158). Conceição (2013) ratifica que os idosos ficam motivados pelo “fato de poderem opinar sobre o repertório a ser trabalhado no decorrer das aulas, estimulando a liberdade de escolha e o poder de decisão desses indivíduos.” (Ibid, 2013, p. 51)

O regente falou que ainda não fez avaliações do seu coro e que depois dessa pergunta iria pensar em algo para desenvolver a fim de poder mensurar o progresso do mesmo.

A rotina de trabalho desse coro não pôde ser observada, mas pôde-se perceber que o regente, a partir de sua fala, busca realizar atividades de musicalização para auxiliar em conteúdos específicos que irão aparecer nos arranjos. Relata que faz aquecimento sem “pegar no pé” dos idosos e que tem boa relação com os mesmos. Baseado em sua fala, busca formação contínua na área de regência e que esse grupo de idosos foi o primeiro de sua carreira.

Os coros são distintos entre si, em formato de ensaio e quantidade de integrantes, não temos nenhum regente de formação acadêmica regendo os grupos estudados. Buscam produzir arranjos específicos para o formato e

quantidade de alunos que os mesmos possuem. Os conhecimentos dos regentes e seu estudo constante são de suma importância segundos Marcos Ramos (2003), “a gama de conhecimentos necessários para a performance musical não deve ser medida pelo conhecimento musical do regente, mas sobretudo, pelo que todos os integrantes do processo podem construir juntos em torno da música.” (PRUETER, 2010, p. 125).

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral: compreender quais processos de organização coral para idosos são selecionados pelo regente. Tendo como objeto de estudo três<sup>31</sup> regentes que trabalham com idosos. As questões elencadas para nortear a pesquisa foram relacionadas à formação dos regentes, à atuação profissional frente ao coro. Quais são as competências e habilidades que são necessárias para atuar com esse público? Como é a formação e condução do coro? Por meio das observações, foi constatado que nem sempre as práticas definidas pelos próprios regentes como sendo ideais são de fato implementadas, e quando são, nem sempre são assertivas.

A respeito das rotinas de ensaio, as observações revelaram metodologias heterogêneas entre os grupos pesquisados, embora buscassem resultados comuns: O canto coletivo e a aprendizagem musical. A rotina do grupo A era dinâmica, sempre com relaxamento, exercícios de respiração, vocalises e repertório, a regente era ativa sempre buscava que o coro ficasse atento às atividades e músicas propostas. A rotina do coro B pode-se dizer que se utilizava do método de repetição, onde cada música era executada cinco vezes, com ênfase primeiramente para cada naipe e em seguida com o *playback*. Os idosos cantavam e sempre estavam felizes nos ensaios, durante os quais sempre ocorriam conversas paralelas entre os coralistas, muitas vezes envolvendo o próprio regente. Teixeira (2005) afirma que “o regente garante seu desempenho por meio da preparação musical e também pedagógica, planejando uma sequência lógica de estratégias de ensino.” (TEIXEIRA, 2005, p. 77). Vale ressaltar as diferenças de rotinas, o que reflete nos critérios estabelecidos por cada um, e em suas crenças de como deve ser um ensaio adequado.

Pôde-se constatar que nenhum regente tem formação específica em Regência, sendo que cada um tem formação acadêmica distinta: Bacharelado em Música Popular, Bacharelado em Violão e Fonoaudiologia. A busca pela profissionalização da regência está vinculada às práticas que os regentes tiveram

---

<sup>31</sup> Cujas observações dos ensaios ocorreram com os coros de somente dois regentes. O terceiro, apresenta-se somente a entrevista.

na infância com coro infantil e vivência de música na família. Os mesmos buscaram formação em regência em cursos livres, oficinas e classes de regência. As atividades realizadas pelos regentes durante os ensaios observados podem-se afirmar que ocorreu aprendizagem musical significativa, mesmo com metodologias diferentes, um por meio da repetição e outro de forma ativa os idosos aprenderam e conseguiram executar as músicas propostas.

Para entender a formação profissional e os saberes, o trabalho buscou fundamentação em Charlot (2000, 2013) e autores contemporâneos da área de regência tais como Figueiredo (1990); Teixeira (2005); Prueter (2010); Franchini (2014); Gaborim-Moreira (2015), os quais compreendem a regência de forma abrangente, não especificamente para o público idoso. Pode-se afirmar que existem saberes que são intrínsecos à função do regente, como habilidades de liderar, motivar, e até mesmo ter uma proximidade mais humana com os integrantes, com o intuito de alargar o trabalho com o coro.

Com a análise pôde-se perceber na literatura que para atuar com a terceira idade é de suma importância conhecer a fisiologia do idoso para realizar um trabalho músico-vocal adequado, já que nessa fase vida os indivíduos estão sujeitos a algumas peculiaridades que afetam diretamente o seu desempenho vocal, como a presbifonia, segundo Casol (2004), Fernandes et al (2006); Rocha; Amaral e Hanayma (2007); Soares (2007). Não foi encontrada em nenhuma pesquisa, tampouco na opinião dos regentes, uma tonalidade ou tessitura vocal que se julgasse adequada, porém podemos afirmar que é importante conhecer as limitações do seu grupo para que não seja prejudicada a fisiologia do mesmo.

Os aspectos sociais e culturais foram observados como componentes importantes para o desenvolvimento das aulas, os seja, o ato de levar em consideração a “bagagem musical” desses idosos, promoveu um melhor desempenho nas aulas. Músicas que têm valor afetivo são bem aceitas pelos coralistas e a pesquisa de Marques (2011) confirma essa afirmação da proximidade com a música que os mesmos cantavam, escutavam e tem como repertório adquirido durante a vida. Segundo as entrevistas do regente B e C, os mesmos proporcionam momentos de escolha desse repertório, considerando o que agrada mais o grupo. A regente A relata que busca repertório que tenha “efeito” e que o grupo possa executar. Foi observado que uma coralista sugeriu uma música e a

mesma foi aceita pela regente, exemplificando que todos os regentes em algum momento de suas atividades atenderam as sugestões e anseios dos coralistas.

A metodologia utilizada na pesquisa foi um estudo multicaso, com observações nos ensaios e apresentações, além de entrevistas semiestruturadas com os regentes dos respectivos coros. Durante o procedimento da pesquisa, foi vetada a observação do Coro – C, contudo, o regente já havia dado sua entrevista e assinado o documento de autorização. A empresa mantenedora do projeto entendeu não ser adequado o coro ser observado, inviabilizando a continuidade das observações nesse grupo. O posicionamento da empresa foi respeitado e atendido. Esse acontecimento não inviabilizou a pesquisa. Utilizou-se da coleta de dados desse grupo até esse momento, e a pesquisa prosseguiu com as observações dos demais grupos.

O conhecimento “adquirido ao longo da vida é mantido na velhice” (FIGUÊREDO, 2009, p. 94) e novos conhecimentos são impactantes na vida dos indivíduos, tanto nos aspectos fisiológicos quanto psicossociais. O domínio do saber musical, segundo Charlot (2000, 2013), levará ao idoso “a sua liberdade, a sua criatividade, os seus interesses e, também, a dar-lhe uma educação integral, preocupada com o seu corpo, a sua sensibilidade, a sua sociabilidade e não apenas o intelecto.” (CHARLOT, 2013, p.199). Ao mesmo tempo, percebe-se da parte dos regentes uma fala tendenciosa ao afirmar que os idosos são um nicho difícil de trabalhar devido às limitações naturais da idade, dificuldades de concretizar sua aprendizagem, necessidade de muita repetição.

A pesquisa mostrou que os regentes apresentavam opiniões contraditórias com sua própria convicção. Paralelamente à fala acerca das limitações e dificuldades do ensino e aprendizagem da música, eles relacionam a prática do canto coral à qualidade de vida algumas vezes durante as observações e entrevistas.

É importante salientar que os regentes expressam que não tiveram conhecimento acerca do idoso na sua formação inicial. Somente algumas “pinceladas” na pós-graduação, termo atribuído pelo entrevistado C.

Com essa pesquisa pode-se perceber alguns itens que o regente precisa levar em consideração quando está com o público idoso, tais como:

- Conhecer o processo de envelhecimento e as questões fisiológicas como presbifonia e presbiacusia;
- Mapear o repertório conhecido e as preferências musicais dos idosos;
- Conhecer a tessitura que os coralistas alcançam;
- Buscar repertório para o coro que tragam memórias significativas, além de ampliar o seu repertório;
- Preparar o ensaio e buscar exercícios de vocalises que tragam elementos das peças escolhidas, ou seja, sempre contextualizar;
- Utilizar outras metodologias ativas da música para explicar e vivenciar andamento, ritmos e outros aspectos musicais;
- Ter em mente que para alguns idosos, os aspectos emocionais e social antecedem os da música propriamente dita, fator esse que não impede o desenvolvimento de um excelente trabalho com coro de idosos.

A pesquisa não teve intensão de esgotar todas as propostas de formação do regente do idoso e do educador musical, tampouco apresentou todos os saberes necessários para o mesmo. O que se pretendeu foi contribuir para a Educação Musical e a Regência de coros de idosos a partir dos estudos de casos observados, assim como propor, baseado na literatura, nas entrevistas e observações, que se priorize manter uma rotina de ensaio com os idosos, a qual abranja técnica vocal, relaxamento corporal, atividades de musicalização e repertório adequado às limitações do grupo. Outro fator levantado é a sugestão de os vocalises serem baseados no repertório, para que os integrantes possam aquecer a voz e já prever possíveis dificuldades do próprio repertório em questão, tais como intervalos, projeção, ressonância, notas repetidas que possam aparecer nas músicas escolhidas.

Além disso, é importante realizar avaliações periódicas, para verificar qual extensão o grupo está alcançando e, a partir dessas, desenvolver arranjos e buscar repertório que os mesmos tenham afinidade e possam executar com tranquilidade. Tais avaliações fornecerão novos parâmetros para analisar se a tessitura do grupo tem ampliado.

A formação continuada do regente é outro aspecto de suma importância, já que o mesmo é um educador.



Sabendo que essa população tem aumentado, faz-se necessário o desenvolvimento de políticas públicas e eficientes específicas para essa faixa etária, e o mesmo deve ser refletido na preparação de profissionais tanto na área de música quanto em outras áreas. Ainda, acreditamos na importância de se dar continuidade a pesquisas nessa área.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Matheus Cruz Paes da. O canto coral e a terceira idade – o ensaio como momento de grandes possibilidades. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, V.21, N31. p. 119-133, mar. 2013.
- AMATO, Daniel C.; MENDES, Adriana. O perfil do idoso participante do coral da terceira idade. In: Congresso da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa, XXIII, 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN, 2013. Disponível em:  
<<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/ANPPOM2013/Escritos2013/sc hedConf/presentations>> Acesso em: 15 jan. 2016.
- AQUINO, Fernanda Salvatico de. **Análise das características da voz falada de mulheres idosas com prática de canto coral**. Dissertação. (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Edição 13ª. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BERGMANN, Carolina Giordano. **A Relação do Idoso com o Aprendizado Musical**. 249 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo 2012.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora Ltda., 1994.
- BORNHOLDT, Jeimely H. EGG, Marisleusa S. O coral na terceira idade: educação musical e as consequências na saúde vocal. **ANAIS. XVII Encontro Regional Sul da ABEM**. 2016. Disponível em:  
<<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xviiregsul/regs2016/p aper/view/1942>>. Acesso em: maio de 2017.
- BRASIL, Senado Federal. Redação final do Projeto de Lei (nº 3.561, de 1077, na Casa de Origem). Câmara nº57, de 2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília, 23 set. 2003. Parecer nº 1301.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 8842 de 04 de janeiro de 1993. **Política Nacional do Idoso**. Brasília: MPAS, SAS, 1997.
- BUENO, Meygla Rezende. **A flauta doce em um processo de musicalização na terceira idade**. 2008. 174 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- CARRASCO, Ana Mercedes Vernía; GUSTEMS, Josep. **Andragogic profile in learning of music language in musical education for adults**. ISME- International

Society for Music Education. 32nd World Conference on Music Education. Glasgow, Scotland, 2016 Disponível em:

<<https://www.isme.org/sites/default/files/documents/ISME%20Conference%20Proceedings%202016%20Final.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2017.

CASOL, Mauriceia. **Benefícios do canto coral para indivíduo idosos**. 169f. Tese (Doutorado em Clínicas Médicas e Ciência da Saúde) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CONCEIÇÃO, Kátia Milene Lima da. **Música e idosos: a relação ensino/aprendizagem em três oficinas de música na cidade de São Paulo**. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/95162>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

COSTA, Lucila Prestes de Souza Pires da; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A aprendizagem musical na prática coral e o conceito de comunidade de prática. In: XIX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. **Anais**: Goiânia, p. 33 – 30, 2010.

CHARLOT, Bernard. Desafios da educação na contemporaneidade: Reflexões de um pesquisador - Entrevista com Bernard Charlot Challenges of education in contemporaneity: **Thoughts of a researcher** - An interview with Bernard Charlot. *Educação E Pesquisa*, 36, p. 133-143, 2010.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução Bruno Magne, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

D'ASSUMPÇÃO JÚNIOR, José Teixeira. O regente de coro: educador e artista. In: I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música. **Anais...** Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Música, UNIRIO, nov. 2010.

DIAS, Leila M. M. **Interação nos processos pedagógico-musicais da prática coral: dois estudos de caso**. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. **O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical**. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

FIGUERÊDO, Michal Siviero. **Coral canto que encanta: um estudo do processo da educação musical**. 145f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

\_\_\_\_\_. **Coral canto que encanta uma educação musical com idosos**. Salvador: Edufba, 2014.

\_\_\_\_\_. Experiências de gestão de grupo num coral de idosos. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, XVII, São Paulo, 2008. **Anais eletrônicos...** São Paulo: UNESP, 2008. Disponível em: <[http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/anais\\_2008.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/anais_2008.pdf)> Acesso em: 14 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Fronteiras na Educação Musical com Idosos: um estudo de caso com características multidisciplinares. In: Congresso da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa, XVIII, 2008, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <[http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2008/index.htm](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2008/index.htm)> Acesso em: 13 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Coral canto que encanta: um estudo do processo de educação musical com idosos em Madre de Deus, região metropolitana de Salvador, Bahia. In: Congresso da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa, XX, 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UDESC, 2010. Disponível em: <[http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2010/ANAIS\\_do\\_CONGRESSO\\_ANPPON\\_2010.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2010/ANAIS_do_CONGRESSO_ANPPON_2010.pdf)> Acesso em: 14 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Educação musical com idosos: concepções e práticas de regentes no canto-coral. In: Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical, XIX, 2010, Goiânia. **Anais**, Goiânia: UFG, 2010.

FERNANDES, A.; KAYAMA, A. ; ÖSTERGREN, E. O regente moderno e a construção da sonoridade coral... **Per Musi**, Belo Horizonte, n.13, p. 33-51, 2006.

FRANCHINI, Rogéria Tatiane Soares. **O regente como educador musical: saberes para a prática do canto coral com adolescentes**. 142f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/36118>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

FONTEERRADA, Marisa Trech de Oliveira. **Educação musical, uma investigação em quatro movimentos: prelúdio, coral, fuga e final**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1991.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. A performance falada no ensino da regência coral; um estudo de caso. In: XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina. **Anais**: Campo Grande, 2007a.

\_\_\_\_\_. Canto coral, educação musical e performance na universidade: o caso do IA-UNESP. In: XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina. **Anais**: Campo Grande, 2007b

FUCCI AMATO, Rita de Cássia e AMATO NETO, João. Regência Coral: organização e administração do trabalho em corais. **Anais** - Congresso da ANPPOM. São Paulo, 2007c.

\_\_\_\_\_. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musica. **Opus**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007d.

\_\_\_\_\_. Habilidades e competências na prática da regência coral: um estudo exploratório. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, V.19, 15-26, mar. 2008.

FUGIMOTO, Tatiane Andressa da Cunha. **Composição Musical com Idosos: re-arranjando a Felicidade**. 207f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara. **Regência coral infanto-juvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU**. 574f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade de São Paulo, SP, 2015.

GOIS, Micheline Prais de Aguiar Marim. **A dimensão lúdica na regência de coro infantil**. 2015. 194f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/39152>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

GÓES, Éderson Marques de. **Processo criativo e movimento corporal como ferramentas pedagógicas no canto coral infantil**. 2017. 161f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/50351>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

GROUT, Donald Jay; PALISCA, Claude V. **História da música ocidental**. Trad. Ana Luíza Faria. Lisboa: Gradiva, 1997.

GUARIENTE, Liane Cristina. **Comunidade de prática musical: um estudo sobre um grupo coral em Curitiba**. 123f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/35748>>. Acesso em: 9 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Comunidade de prática musical: um estudo sobre um grupo coral em Curitiba. **Revista o Mosaico: R. Pesq. Artes**, Curitiba, n. 7 p. 118-131, jan./jun., 2012.

KOMOSINSKI, João Luis. **Canto coral e cognição musical: as práticas brasileiras e suas articulações com a memória**. 174f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/18170>>. Acesso em: 9 mai. 2017.

HAUCK-SILVA, Caiti; IGAYARA-SOUZA, Susana Cecilia; RAMOS, Marco Antonio da Silva. Referenciais teóricos para a preparação vocal em coros de terceira idade e relato de experiência de articulação entre prática e teoria. **Anais**. XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Belo Horizonte – 2016. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002790947.pdf>>. Acesso em: 12. Dez. 2016

HAUCK-SILVA, Caiti. **Dicção, expressividade e escolhas do regente em obras corais em alemão: discutindo relações entre escritos e gravações**. 411f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

HAUCK-SILVA, Caiti; IGAYARA-SPUZA, Susana Cecilia; RAMOS, Marco Antonio da Sila. Referenciais teóricos para a preparação vocal em coros de terceira idade e relato de experiência de articulação entre prática e teoria. **Anais**. XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <  
[file:///C:/Users/Jeimely/Downloads/4086-14210-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Jeimely/Downloads/4086-14210-1-PB%20(3).pdf)>. Acesso em :15 dez. 2017

HERNANDES, Edlainy Oliveira Cavalcanti.

**Desenvolvimento emocional através do canto-corral na terceira idade.**

Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LUZ, Marcelo Caires. A educação musical na terceira idade: uma proposta metodológica de sensibilização e iniciação à linguagem musical. IN: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, 15, 2006, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa: ABEM, 2006, p. 44-53.

LUZ, Marcelo Caires. **A educação musical na terceira idade: uma proposta metodológica de sensibilização e iniciação à linguagem musical**. 111f.

Dissertação (Mestrado em Gerontologia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais**... Bauru: USC, 2004. Disponível em:

<[https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf)>. Acesso em: 9 jan. 2018

\_\_\_\_\_. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:Eduel, 2003. P.11-25.

MARDINI, Bruno Silva. **Coral Mãe de Deus – Tupanciretã/RS: É metade da minha vida, só quem canta sabe o que é, né?** 97f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

MARTINEZ, Emanuel. **Regência coral princípios básicos**. Curitiba: Ed. Dom Bosco, 2000.

MARQUES, Jaqueline S. Relações com o cantor e com o “Coral do AFRID” estabelecidas por nove participantes: um estudo. In: Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical, XVIII, Londrina, 2009. **Anais eletrônicos**... Londrina: UEL e UEM, 2009. Disponível em:

[http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais\\_abem\\_2009.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abem_2009.pdf). Acesso em: 14 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **“Até hoje aquilo que eu aprendi eu não esqueci”**: experiências musicais nas lembranças de idosas. 2011. 179 f. Dissertação. (Mestrado em Artes). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MATHIAS, Nelson. **Coral, um canto apaixonante**. Brasília: MusiMed, 1986.

MORAES, Davi Silvino. **Formação humana e musical através do canto coletivo: um estudo de caso no coral da Adufc**. 171f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza, 2015.

MORAES, A. A de. Educação musical e a inclusão do idoso. **Anais** do Simpósio Paranaense de educação musical: educação musical e políticas inclusivas, Londrina, PR, Brasil, 13, 2007. Conc

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. 4ª Ed.; 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

OLIVEIRA, Hêlvio Frank de. **À flor da (terceira idade: crenças e experiências de aprendizes idoso de língua estrangeira (inglês))**. 190f. Dissertação. (Mestrado em Linguística aplicada) - Universidade de Brasília: Brasília, 2010.

PALMAS, Lúcia Saccomori; CACHIONI, Meire. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro r com o idoso. In: FREITAS, Elisabete Viana et al. **Tratado de Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. P. 1101-1109.

PRAZERES, Maria Márcia Viana. **Coral na Terceira Idade: O Canto Como Sopro Da Vida**. Dissertação. (Mestrado em Gerontologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010.

REIS, Ângela C. C. dos; OLVEIRA, Viviane S. Canto coral na terceira idade: um caminho para a inclusão social. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, XIII, 2004, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM\\_2004.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2004.pdf) . Acesso em: 14 nov. 2017.

RENNER, Kátia Klar. **O tempo Musical no tempo do sujeito: ouvindo os fazedores de música na idade madura**. 125f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. **Música na educação de jovens e adultos: um estudo sobre práticas musicais entre gerações**. 2006. 199f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.



RODRIGUES, Eunice D; da R.; PEDERIVA, Patrícia L. M. Canto coral na terceira idade: suas práticas, motivações e perspectivas. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, XV, 2006, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2006. Disponível em:<[http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM\\_2006.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2006.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

RUSSELL, Joan. Sites of learning: communities of musical practice in the Fiji Islands. Focus Areas Report. Bergen: **ISME**, 2002.

\_\_\_\_\_. Perspectivas socioculturais na pesquisa em educação musical: experiência, interpretação e prática. **Revista da Abem**, Porto Alegre, n.14, p. 7-17, 2006.

SANTOS, Brenda Pina dos. **A identificação de comprometimento cognitivo em idosos hospitalizados e a associação com a capacidade funcional**. 44 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/49063>>. Acesso em: 9 mai. 2018.

SANTOS JÚNIOR, Celso Luiz Gonçalves dos Santos. **Análise da intervenção fonoaudiologia em grupo de vivência de voz junto a coralistas de 50 a 90 anos**. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba 2009.

SANTOS JUNIOR, Adécio C. da S. Projeto “Cantando a melhor idade”. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, XVI, 2007, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: UFMS, 2007. Disponível em:[http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/fs\\_bsc\\_autores.html](http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/fs_bsc_autores.html)> Acesso: 14 de novembro de 2017.

SILVERMANN, David. **Interpretação de dados qualitativos** método para análise de entrevistas, textos e interações. 3 Edição, Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOARES, Elizangela Barros; BORBA, Dafne Torres; BARBOSA, Thalita Karina; MEDVED, Daniela Malta; MONTENEGRO, Ana Cristina de Abulquerque. Hábitos vocais em dois grupos de Idosos. **Rev CEFAC**, São Paulo, v.9, n.2, 221-27, abr-jun, 2007.

SOUZA, Jusamara. **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

PACHECO, José Augusto. **Escritos Curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.



PRAZERES, Maria Márcia Viana. **Coral na terceira idade: o canto como sopro da vida**. 107f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010.

PRIOR, Bruna; BERG, Silvia Maria Pires Cabrera. Música na terceira idade feminina: o impacto do canto coral na saúde e nos aspectos psicossociais do envelhecimento. **Anais** In: XXVII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, Campinas, 2017  
<<http://anppom.com.br/congressos/index.php/27anppom/cps2017/paper/view/4671/1634>> Acesso em: 20 jan. 2018.

PRUETER, Priscilla Battini. **O ensaio coral sob a perspectiva da performance musical: abordagens metodológicas, planejamento e aplicação de técnicas e estratégias de ensaio junto a corais amadores**. 132f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/29367>>. Acesso em: 9 mai. 2017.

RAMOS, Marco Antonio da Silva. **Ensino da Regência Coral**. 2003. 107f. Tese (Livre-docência). Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo, 2003.

ROCHA, Tatiana Fernandes, AMARAL, Flávia Pinto, HANAYAMA, Eliana Midori. Extensão vocal de idosos coralistas e não coralistas. **Rev CEFAC**, São Paulo, V.9, n.2, 248-254, abr-jun, 2007.

RODRIGUES, Eunice D; da R.; PEDERIVA, Patrícia L. M. Canto coral na terceira idade: suas práticas, motivações e perspectivas. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, XV, 2006, João Pessoa. **Anais** eletrônicos... João Pessoa: UFPB, 2006. Disponível em: <[http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM\\_2006.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2006.pdf)> Acesso em: 14 dez. 2016.

RODRIGUES, Eunice Dias da Rocha. A formação do professor de Música e sua atuação com alunos idosos: que saberes são necessários?. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, V.21, N31. P. 105-118, mar. 2013.

\_\_\_\_\_. **Cada passo é uma vitória: saberes que norteiam a formação e atuação de professores de música com alunos idosos**. 200f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SANTOS, Hamilton de Olivera. Canto Coral e terceira idade: um relato de experiência. **Anais**. XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical Ciência, tecnologia e inovação: perspectivas para pesquisa e ações em educação musical Pirenópolis, p. 603-612, 2013. Disponível em: <[http://www.abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM\\_2013\\_p.pdf#page=603](http://www.abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2013_p.pdf#page=603)> Acesso em: 15 dez. 2016.

SANTOS JUNIOR, Celso Luiz Gonçalves. **Intervenção fonoaudiológica em grupo de vivência de voz junto a coralistas de 50 a 90 anos.** Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba (UTP), 2009.

SCHIMITI, Lucy Maurício. Regendo um coro infantil: reflexões, diretrizes e atividades. **Revista Canto Coral.** ABRC, Associação Brasileira de Regentes de Coros, Porto Alegre, nº1, 2003.

SCHIMITI, Lucy Maurício. **O ensaio.** In: SESC São Paulo. Canto, canção, cantoria. São Paulo: SESC, 1997, p. 121-130.

SOARES, Elizangela Barros; BORBA, Dafne Torres; BARBOSA, Thalita Karina; MEDVED, Daniela Malta; MONTENEGRO, Ana Cristina de Abulquerque. Hábitos vocais em dois grupos de Idosos. **Rev CEFAC**, São Paulo, v.9, n.2, 221-27, abr-jun, 2007.

SILVA JUNIOR, Jose Davison da. **Memórias Autobiográficas Evocadas Pela Música: Um Estudo Com Idosos.** 133f. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador 2016.

SOUZA, Cristiana Miriam Silva e. *O ensino da música popular brasileira para a terceira idade.* 2008. 247f. **Dissertação** (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SPINK, Mare Jane; MENEGON, V. M. **A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos.** In: Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000, p. 63-92.

TEIXEIRA, Lúcia. H. P. **Coros de empresa como desafio para a formação e a atuação de regentes corais: dois estudos de caso.** 189f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. Espaço de atuação e formação de regentes corais: os desafios do contexto. In Jussamara Souza (org) **Aprender e Ensinar Música no cotidiano.** Porto Alegre: Sulinas, p. 189–212, 2008.

TORRES, Grace Filipak. **Canja de Viola: uma comunidade de prática musical em Curitiba.** 115 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

TORRES, Grace Filipak; ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Comunidade de Prática Musical: um estudo à luz da teoria de Etienne Wenger. **Revista Científica .FAP**, Curitiba, v.4,n1 p. 1-23, jan./jun. 2009.

TORRES, Maria Cecília A. Sentimentos e motivações de adultos no processo de musicalização. In: ORMEZZANO, Graciela; TORRES, Maria Cecília A. **Máscaras e**

**melodias: duas visões em arte e educação.** 2. Ed. São Miguel do Oeste: Arco Íris, 2003, p. 109-183.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e método.** Porto Alegre: Bookman, 2011

ZANDER, Oscar. **Regência coral.** 5ª ed. Porto Alegre: Movimento, 2003.

ZANINI, Claudia Regina de Oliveira. **Coro Terapêutico – Um Olhar do Musicoterapeuta para o Idoso no Novo Milênio.** 142 f. Dissertação. (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

## APÊNDICE A – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

### TERMO DE LIVRE CONSETIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_ concordo em participar da pesquisa “Regência de coros de idosos, desafios e possibilidades”, entendendo que terei minha identidade respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma me identificar, será mantido em sigilo. Também estou ciente que não corro riscos de danos morais, psicológicos ou físicos com minha participação neste estudo.

Esta pesquisa está sendo realizada na UFPR sob orientação do Prof. Dr. Guilherme Romanelli que poderei contatar em qualquer momento pelo e-mail [guilhermeromanelli@ufpr.br](mailto:guilhermeromanelli@ufpr.br). Da mesma forma, poderei manter contato com a pesquisadora responsável, Jeimely Heep Bornholdt, por meio dos e-mails [jeimely@gmail.com](mailto:jeimely@gmail.com) ou telefone (41) 98409-7626.

Assim, tendo sido orientado quanto à natureza e o objetivo do estudo, manifesto meu livre consentimento em participar.

Curitiba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome do Pesquisador: Jeimely Heep Bornholdt

## APÊNDICE B – ROTEIRO PILOTO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### 1 – IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 – Nome:
- 1.2 – Idade:
- 1.3 – Contato:
- 1.4 – E-mail:
- 1.5 – Coro com o qual trabalha:

### 2 – FORMAÇÃO

- 2.1- Como aconteceu sua aprendizagem musical? (na infância, adolescência, na graduação, em escolas de música, em cursos de formação continuada – especifique)
- 2.1.1 – Você tem formação superior em música? (qual curso de graduação fez e onde?)
- 2.1.2 – Durante o(s) curso(s) teve alguma atividade ou orientação (estágio, projeto de pesquisa) a respeito do trabalho músico-vocal com idosos?
- 2.2 – Possui curso de pós-graduação? Especifique.
- 2.3 – Participou de cursos de aperfeiçoamento ou oficinas, na área específica? Você ainda participa de cursos? Quais?
- 2.4 – Você participa de Encontro ou Festivais com seu coro?

### 3 – ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO CORO

- 3.1 – Há quanto tempo rege coro de idoso?
- 3.1.1 – Quais são suas experiências com canto coral anteriores ao coro de idoso atual? Elas têm relação com seu trabalho atual?
- 3.1.2 – Nos coros que você trabalha/trabalhou realiza/realizava o mesmo tipo de trabalho músico-vocal que realiza aqui?
- 3.2 – Qual é a relação entre sua formação profissional e sua atuação como regente de coro de idoso?

3.3 – Quais são os motivos que te levam a se dedicar ao trabalho com coro de idoso?

#### **4 – QUESTÕES SOBRE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES**

4.1 – Você identifica algum conhecimento habilidade e/ou competência imprescindível para o regente de coro de idoso? Qual (is)? Por quê?

4.1.1 – Em quais locais essas competências ou habilidades podem ser desenvolvidas/aprendidas?

4.2 Você tem algum conhecimento sobre a fisiologia vocal do idoso ou aspectos do envelhecimento do mesmo?

4.3 O que você considera um repertório adequado para coro idoso?

#### **5 – CORO**

5.1 – Quantos integrantes têm o grupo?

5.2 – Qual é a faixa etária?

5.3 – Qual é o projeto – social, religioso, empresarial etc?

5.4 – Periodicidade e duração dos ensaios?

5.5 – Qual é sua equipe de trabalho – instrumentistas, preparador vocal, monitor.

5.6 – O coro se apresenta em que ocasiões? Que tipo de eventos?

#### **6 – A CONDUÇÃO DO TRABALHO CORAL**

6.1 – Qual a finalidade do coro com o qual trabalha?

6.2 – O que o coro significa para você?

6.3 – Você planeja seus ensaios? Quais são as atividades principais e como distribui o tempo para a realização delas?

6.4 – **Qual critério de escolha do repertório?**

**6.5 – Você faz arranjos e adaptações?**

6.6 – Você realiza algum tipo de avaliação do trabalho com o grupo?

6.7 – Quais são as principais dificuldades que você enfrenta no trabalho com esse coro?

6.8 – Na sua opinião, quais são os principais desafios do regente coral de idoso em nosso país?

## **7 – LUDICIDADE<sup>32</sup>**

7.1 – O que é Ludicidade para você? (se sim, continuar o abaixo)

7.2 – Você utiliza atividades lúdicas na atividade de regência coral? Por quê?

7.2.1 – Caso afirmativo, como essas atividades são integradas ao ensaio?

7.3.2 – O que percebe quando utiliza recursos lúdicos nos ensaios? (reação dos idosos, envolvimento, aprendizado, etc...)

7.4 – Você tem mais algum comentário que acha importante?

AGRADECIMENTOS.

---

<sup>32</sup> Fundamentado no modelo de Gois (2015).

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### 1 – IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 Nome:
- 1.2 Idade:
- 1.3 Contato:
- 1.4 E-mail:
- 1.5 Coro com o qual trabalha:

### 2 – FORMAÇÃO

- 2.1 Como aconteceu sua aprendizagem musical? (na infância, adolescência, na graduação, em escolas de música, em cursos de formação continuada – especifique)
- 2.1.1 Você tem formação superior em música? (qual curso de graduação fez e onde?)
- 2.1.2 Durante o(s) curso(s) houve alguma atividade ou orientação (estágio, projeto de pesquisa) a respeito do trabalho músico-vocal com idosos?
- 2.2 Possui curso de pós-graduação? Especifique.
- 2.3 Participou de cursos de aperfeiçoamento ou oficinas, na área específica? Você ainda participa de cursos? Quais?
- 2.4 Você participa de Encontro ou Festivais com seu coro?

### 3 – ATUAÇÃO PROFISSIONAL FRENTE AO CORO

- 3.1 Há quanto tempo rege coro de idoso?
- 3.1.1 Quais são suas experiências com canto coral anteriores ao coro de idoso atual? Elas têm relação com seu trabalho atual?
- 3.1.2 Nos coros que você trabalha/trabalhou realiza/realizava o mesmo tipo de trabalho músico-vocal que realiza aqui?
- 3.2 Qual é a relação entre sua formação profissional e sua atuação como regente de coro de idoso?



3.3 Quais são os motivos que te levam a se dedicar ao trabalho com coro de idoso?

**3. 4 Você participa com seu coro de Encontro ou Festivais? Essa questão foi modificada de lugar e de foco após a entrevista piloto**

#### **4 – QUESTÕES SOBRE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES**

4.1 Você identifica algum conhecimento habilidade e/ou competência imprescindível para o regente de coro de idoso? Qual (is)? Por quê?

4.1.1 Em quais locais essas competências ou habilidades podem ser desenvolvidas/aprendidas?

4.2 Você tem algum conhecimento sobre a fisiologia vocal do idoso ou aspectos do envelhecimento?

4.3 O que você considera um repertório adequado para coro idoso?

#### **5 – CORO**

5.1 Quantos integrantes têm o grupo?

5.2 Qual é a faixa etária?

5.3 Qual é o projeto – social, religioso, empresarial etc?

5.4 Periodicidade e duração dos ensaios?

5.5 Qual é sua equipe de trabalho – instrumentistas, preparador vocal, monitor.

5.6 O coro se apresenta em que ocasiões? Que tipo de eventos?

#### **6 – A CONDUÇÃO DO TRABALHO CORAL**

6.1 Qual a finalidade do coro com o qual trabalha?

6.2 O que o coro significa para você?

6.3 Você planeja seus ensaios? Quais são as atividades principais e como distribui o tempo para a realização delas?

**6.4 Qual critério de escolha do repertório?<sup>33</sup>**

**6.5 Você faz arranjos e adaptações?**

---

<sup>33</sup> Questões em negrito inseridas após a Entrevista Piloto.

6.6 Você realiza algum tipo de avaliação do trabalho com o grupo?

6.7 Quais são as principais dificuldades que você enfrenta no trabalho com esse coro?

6.8 Na sua opinião, quais são os principais desafios do regente coral de idoso em nosso país?

## **7 – LUDICIDADE<sup>34</sup>**

AGRADECIMENTOS.

---

<sup>34</sup> Foi retirado da pesquisa essas questões após a qualificação.

## APÊNDICE D – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

### 1 – CHEGADA

- a. Como os idosos ocupam os espaços, Mediação entre Regente e idosos.
- b. Como os idosos se relacionam nesse momento.
- c. Horário que chegam para o início do ensaio.

### 2 – Durante as aulas

- d. Qual é a primeira atividade (vocalise, exercícios de respiração, exercícios de relaxamento)
- e. Quanto tempo esses exercícios são realizados.
- f. Qual é a tessitura desses exercícios, se os mesmos são realizados.
- g. Reações quando o regente propõe uma atividade de educação musical.
- h. Se realizam reações rítmicas com o corpo
- i. Se gesticulam
- j. Interação entre o regente e os idosos.
- k. Qual é o posicionamento dos idosos e do regente.
- l. Quais instrumentos estão sendo usados.
- m. Conversas e comentários durante as aulas.
- n. Existe uma rotina de ensaio

### 3 – Saída

- o. Reações dos idosos e do regente;
- p. Comentários e grau de empolgação do regente e dos idosos;
- q. Imitação de alguma atividade ou canto que realizaram durante o ensaio.

## APÊNDICE E – TESES E DISSERTAÇÕES DE CANTO CORAL

Ano	Título
2017	<p>1. HAUCK-SILVA, Caiti. Dicção, expressividade e escolhas do regente em obras corais em alemão: discutindo relações entre escritos e gravações. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.</p> <p>2. VAL, Patrick Ribeiro Do. Canto Coral, pressões sociais e resiliência: humanização do ambiente laboral. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2017.</p> <p>3. OLIVEIRA, Carolina Andrade. O regente-arranjador e a circulação do repertório de arranjos nos coros brasileiros. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 2017.</p> <p>4. GOES, Ederson Marques de. Processo criativo e movimento corporal como ferramentas pedagógicas no canto coral infantil. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Paraná, Curitiba (UFPR), 2017.</p> <p>5. PADOVANI, Maria Izabel. A técnica Alexander aplicada ao canto coral: caminhos para uma educação integral. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2017.</p> <p>6. OLIVEIRA, Ana Lucia Carneiro de. A REGÊNCIA CORAL NA FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM MÚSICA: uma experiência didática no Coral Infantil da UFRN. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (UFRN), 2017.</p> <p>7. AMATO, Daniel Chris. O ensino de canto coral nas licenciaturas EAD no Brasil. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro (UNESP), 2017.</p> <p>8. WOLFARTH, Marcia Luzia Freitag. A cultura do canto coral no oeste catarinense (1920-1970). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo (UPF), 2017.</p>
2016	<p>9. GABRIEL, Ana Paula dos Anjos. <b>A contribuição de Furio Franceschini e Martin Braunwieser para o canto coral artístico em São Paulo:</b> práticas interpretativas de música europeia, com ênfase na Paixão Segundo São João de J. S. Bach. Dissertação (Mestrado em MÚSICA). UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo (USP), 2016.</p> <p>10. GALDINO, Suelen Ribeiro. <b>Educação Musical no Ensino Médio: A Formação De Um Coral Como Atividade Complementar.</b> Dissertação (Mestrado Profissional em PROFARTES). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (UDESC), 2016.</p> <p>11. LIMEIRA, Doraneide Tosta de Santana. <b>Percepção musical na prática coral e sua contribuição na sensibilidade sócio-musical do corista.</b> Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Bahia, Salvador (UFBA), 2016.</p> <p>12. PAVANELLO JUNIOR, Leonardo. <b>Contribuições do Canto Coral na escola para formação integral sob a ótica dos estudantes.</b> Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional de Blumenau, Blumenau (FURB), 2016.</p> <p>13. RIBEIRO, Cinara Baccili. <b>A profissionalidade do regente de coros infanto-juvenis em Campo Grande - MS.</b> Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de Brasília, Brasília (UNB), 2016.</p> <p>14. SANTOS, Claudia Cavalcante Fonseca. <b>Prática coral em um programa social: um estudo de caso.</b> Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal Da Bahia, Salvador (UFBA), 2016.</p> <p>15. SILVA, Marcos Antonio Nunes da. <b>Música cearense através do canto coral:</b> estudo de caso com o grupo Phyllos. Dissertação (Mestrado Profissional em PROFARTES) UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza (UFC), 2016.</p>

2015	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. ANDRADE, Klesia Garcia. <b>Projeto “Um Canto em Cada Canto”</b>: o coro infantil, seus ensinamentos e suas aprendizagens. (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (UFJP), 2015.</li> <li>2. BEZERRA, Joelma de Almeida e Silva. <b>O Coro Cênico da Universidade da Amazônia</b>: Experienciando uma identidade a partir de um repertório musical. (Mestrado em Artes). Universidade Federal do Pará, Belém (UFPA), 2015.</li> <li>3. CALDAS, Rafael Pires Quaresma. <b>O coro feminino pró-música e a associação de canto coral</b> – produção musical (1941-1950). Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2015.</li> <li>4. GOIS, Micheline Prais de Aguiar Marim. <b>A dimensão lúdica na regência de coro infantil</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Paraná, Curitiba (UFPR), 2015.</li> <li>5. KOHLRAUSCH, Daniela Barzotti. <b>Prática Coral e Motivação: O ambiente coral na percepção do corista</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (UFRGS), 2015.</li> <li>6. MORAES, Davi Silvino. <b>Formação humana e musical através do canto coletivo: um estudo de caso no coral da ‘Adufc’</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.</li> <li>7. MOREIRA, Ana Lucia Iara Gaborim. <b>Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU</b>. Tese (Doutorado em Música). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 2015.</li> <li>8. PARO, Elizabete Angela. <b>Novos Mundos Possíveis: O canto Coral como arte e resistência</b>. (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (UFMT), 2015.</li> <li>9. TEIXEIRA, Lucia Helena Pereira. <b>Festivais de coros do Rio Grande Do Sul (1963-1978)</b>: práticas músico-educativas de coros, regentes e plateia. Tese (Doutorado em MÚSICA). UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre (UFRGS), 2015.</li> <li>10. VIEIRA, Mariane Mariz. <b>Coraoque</b>: uma ferramenta para auxílio à preparação do canto coral. Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife (UFP), 2015.</li> </ol>
------	--

2014	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. BORGES, Nilza Maria Pacheco. <b>Trajetórias do sagrado no canto coral das Lavadeiras de Almenara: cultura popular, religião popular, mídia e "show-business"</b>. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, (UFJF), 2014.</li> <li>2. BRAGA, Simone Marques. <b>Canto coral e performance vocal: contribuições para a formação inicial dirigida à educação básica</b>. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal da Bahia, Salvador (UFBA), 2014.</li> <li>3. CASEMIRO, Joanice Vicente. <b>A educação metodista e coro da UNIMEP: um olhar para a subjetividade dos que por ele passaram</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba (UNIMEP), 2014.</li> <li>4. CLEMENTE, Louise. <b>Estratégias didáticas no canto coral: estudo multicaso em três corais universitários da região do Vale do Itajaí</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (UDESC), 2014.</li> <li>5. DAROZ, Irandi Fernando. <b>A prática coral juvenil transitando em ambientes formais e não formais</b>. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo (UNESP), 2014.</li> <li>6. FERREIRA, MILKA BOTARO ROSA VILLACA. <b>MAPEAMENTO DO RISCO VOCAL NO CANTO CORAL AMADOR</b>. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) Universidade Federal de São Paulo, São Paulo (UNIFESP), 2014.</li> <li>7. HORN, Lucile Cortez. <b>O canto coral na formação de atores: processos, princípios e procedimentos</b>. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (UFMG), 2014.</li> <li>8. KASHIMA, Rafael Keidi. <b>A função e o desenvolvimento do jogo didático nos ensaios de coros infantis</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2014.</li> <li>9. LUCATTO, Maria Regina Tavares. <b>Método de canto popular brasileiro de Marcos Leite: Uma pedagogia aplicada ao canto coral</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2014.</li> <li>10. RHEINBOLDT, Juliana Melleiro. <b>Preparo vocal para coro infantil: análise, descrição e relato da proposta do maestro Henry Leck aplicada ao "Coral da Gente" do Instituto Baccarelli</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2014.</li> <li>11. SILVA, Ana Maris Goulart. <b>O sujeito cantante: reflexões sobre o canto coral</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 2014.</li> <li>12. SILVA, Beatriz Rodrigues da. <b>Aplicação da teoria de aprendizagem significativa de David Paul Ausubel ao ensino do canto coral em escola municipal</b>. Dissertação (Mestrado Em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2014.</li> <li>13. SOARES, Rogeria Tatiane. <b>O regente como educador musical: saberes para a prática do canto coral com adolescentes</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal Do Paraná, Curitiba (UFPR), 2014.</li> </ol>
------	---

2013	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. AQUINO, Fernanda Salvatico de. <b>Análise das características da voz falada de mulheres idosas com prática de canto coral</b>. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (PUC/SP), 2013.</li> <li>2. JUNGES, Fernanda. <b>CANTO CORAL EM PROJETOS SOCIAIS: TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (UFSM), 2013.</li> <li>3. JUST, ELISABETE. <b>Cor Mio, Coro Mio, Curumim: história, análise de seis peças de um repertório multicultural para coro infantil e estratégias lúdicas do Coro Curumim da Associação Cultural Cantosospeso, entre 1993 e 2003, em Milão, Itália</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 2013.</li> <li>4. MULLER, Cristiane. <b>O Cantor Emancipado: Coro Cênico como transformador do movimento coral no Sul do Brasil</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (UDESC), 2013.</li> <li>5. PASSOS, Cristina Maria Albuquerque. <b>Coral Meninas Cantoras de Porto Murtinho: um estudo do timbre nas interações com as identidades culturais e a sociedade</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Goiás, Goiânia (UFG), 2013.</li> <li>6. PEREIRA, Valdiene Carneiro. <b>Saberes mobilizados na prática de uma professora de canto coral para adolescentes: um estudo de caso</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife (UFPE), 2013.</li> <li>7. RASSLAN, Manoel Camara. <b>Painéis Funarte de regência coral (1981-1989): de política cultural à política curricular</b>. Tese (Doutorado em Educação). Fundação Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul, Campo Grande (UFMS), 2013.</li> </ol>
2012	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. FERNANDES, José Fortunato. <b>Educação musical de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa através do canto coral</b>. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2012.</li> <li>2. MOURA, Paulo Celso. <b>Vozes Paulistanas: as práticas do Canto Coral em São Paulo e suas relações com políticas públicas</b>. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo (UNESP), 2012.</li> <li>3. OLIVEIRA, Cleodiceles Branco Nogueira de. <b>"A Prática do Canto Coral Infantil como processo de musicalização"</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2012.</li> <li>4. REIS, ANA CLAUDIA DOS SANTOS DA SILVA. <b>A Importância do Canto Coral no Processo de Desenvolvimento Infantil</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2012.</li> <li>5. RIBEIRO, Jucélia Cristina. <b>Música na Escola: o Canto Coral, possibilidades e limites</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba (UTP), 2012.</li> <li>6. SANTOS, Najla Elisângela dos. <b>A prática coral como atividade extracurricular em escolas de ensino fundamental: um estudo na cidade de Florianópolis</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (UDESC), 2012.</li> <li>7. SILVA, Caiti Hauck da. <b>Preparação vocal em coros comunitários: estratégias pedagógicas para construção vocal no Comunicantus: laboratório coral do departamento de Música da ECA-USP</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 2012.</li> <li>8. SILVA, Eduardo Teixeira da. <b>Um projeto de educação musical e de canto coral na UFC: o protagonismo pedagógico de Izaira Silvino</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (UFC), 2012.</li> <li>9. VIEIRA, CARLOS EDUARDO DA SILVA. <b>O gosto pelo canto coral protestante no Brasil: Histórias e tensões em um campo musical</b>. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campos (UMESP), 2012.</li> </ol>

2011	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. AGUIAR, Frederico Neves de. <b>Uma proposta inicial de educação musical aplicada à prática de canto coral, com ênfase na criação. Dissertação</b> (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2011.</li> <li>2. CARNEIRO, Vinícius Inácio. <b>A prática do canto coral juvenil como recurso integrador para o ensino técnico em música. Dissertação</b> (Mestrado em Música). Universidade Federal de Goiás, Goiânia (UFG), 2011.</li> <li>3. COSTA, Lucila Prestes de Souza Pires da. <b>Aprendizagem musical no canto coral: interações entre jovens em uma comunidade de prática. Dissertação</b> (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (UDESC), 2011.</li> <li>4. D'ASSUNÇÃO JUNIOR, José Teixeira. <b>A pedagogia crítica de Paulo Freire e as práticas do regente-educador de corais escolares. Dissertação</b> (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2011.</li> <li>5. DIAS, Leila M. M. <b>Interação nos processos pedagógico-musicais da prática coral: dois estudos de caso. Dissertação</b> (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, (UFRGS), 2011.</li> <li>6. FARIA, Marcio Antonio. <b>Canto Coral: um estudo sobre a prática do canto na escola. Dissertação</b> (Mestrado em Educação, arte e história da cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasília (UPM), 2011.</li> <li>7. GRINGS, Bernardo. <b>O ensino de regência na formação do professor de música: um estudo com três cursos de licenciatura em música na região sul do Brasil. Dissertação</b> (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (UDESC), 2011.</li> <li>8. MENDES, Helida Lisboa. <b>A influência do Canto Coral Infantil no padrão técnico-vocal do cantor lírico profissional. Dissertação</b> (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2011.</li> <li>9. OLIVEIRA, Fernando Martins Mourão. <b>Construindo o Canto Coral – A construção dos conhecimentos musicais no ensaio coral à luz da teoria sócio histórica de Vygotsky. Dissertação</b> (Mestrado e, Educação, arte e história da cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasília (UPM), 2011.</li> <li>10. SILVA, Bianca Almeida e. <b>Aprendizado musical e referenciais doutrinários: a construção da performance em um coro religioso. Dissertação</b> (Mestrado em Música). Universidade Federal de Goiás, Goiânia (UFG), 2011.</li> <li>11. SOUSA, Simone Santos. <b>Corpo-voz em contexto coletivo: ações vocais formativas no canto coral. Dissertação</b> (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (UFC), 2011.</li> <li>12. UTSUNOMIYA, Mirian Megumi. <b>O regente de coro infantil de projetos sociais e as demandas por novas competências e habilidades. Dissertação</b> (Mestrado em Música). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 2011.</li> </ol>
------	--



2010	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. BRANCO, Heloiza de Castello. <b>Empatia no ensaio coral</b>: aspectos dessa interação não-verbal dos cantores com o regente durante a execução musical. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2010.</li> <li>2. CAMARGO, Cristina Moura Emboaba da Costa Julião. <b>Criação e arranjo</b>: modelos para o repertório de canto coral no Brasil.</li> <li>3. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 2010.</li> <li>4. GUARIENTE, Liane Cristina. <b>Comunidade de prática musical: um estudo sobre um grupo coral em Curitiba</b>. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba (UFPR), 2010.</li> <li>5. LOPES, Paulo. <b>Estudo do desenvolvimento da escuta melódica de adultos integrados a coros vocacionais</b>. (Mestrado em Música). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 2010.</li> <li>6. PRAZERES, Maria Márcia Viana. <b>Coral na terceira idade</b>: o canto como sopro da vida. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília (UCB), 2010.</li> <li>7. PRUETER, Priscilla Battini. <b>O ensaio coral sob a perspectiva da performance musical</b>: abordagens metodológicas, planejamento e aplicação de técnicas e estratégias de ensaio junto a corais amadores. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Paraná, Curitiba (UFPR), 2010.</li> <li>8. ROSA, Lília de Oliveira. <b>Música erudita brasileira para criança (1960/2010)</b>: o repertório coral como ferramenta pedagógica na musicalização e a criação do Museu Virtual. Tese (Doutorado em Música). Universidade de São Paulo, São Paulo, (USP), 2010.</li> <li>9. SANTOS, Artemisa de Andrade. <b>Corporeidade e a melodia da experiência estática na formação humanescente de cantores-educadores</b>. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2009.</li> </ol>
2009	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. ASSUNÇÃO, Eduardo Lakschevitz Xavier. <b>Um canto comum</b>: olhando o coro como um mundo artístico. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2009.</li> <li>2. BRAGA, Simone Marques. <b>“Um por todos ou todos por um?”</b>: Processos avaliativos no canto coral em escola profissionalizante de música. (Mestrado em Música). Universidade Federal da Bahia, Salvador (UFBA), 2009.</li> <li>3. CARVALHO, Rogerio Lacerda. <b>O arranjo vocal de canção popular brasileira</b>: Villa-Lobos, Os Cariocas e Marcos Leite. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2009.</li> <li>4. COELHO, Willsterman Sottani. <b>Técnicas de ensaio coral</b>: reflexões sobre o ferramental do Maestro Carlos Alberto Pinto Fonseca. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (UFMG), 2009.</li> <li>5. COSTA, Patrícia Soares Santos. <b>Coro juvenil</b>: por uma abordagem diferenciada. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2009.</li> <li>6. FERNANDES, Ângelo José. <b>O regente e a construção da sonoridade coral</b>: uma metodologia de preparo vocal para coros. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2009.</li> <li>7. FIGUERÊDO, Michal Siviero. <b>Coral “Canto que Encanta”</b>: um estudo do processo da educação musical. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal da Bahia, Salvador (UFBA), 2009.</li> <li>8. KOMOSINSKI, João Luis. <b>Canto coral e cognição musical: as práticas brasileiras e suas articulações com a memória</b>. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Paraná, Curitiba (UFPR), 2009.</li> <li>9. Loiola, Camila Miranda. <b>Coral amador</b>: efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (PUC/SP), 2009.</li> <li>10. SANTOS JUNIOR, Celso Luiz Gonçalves. <b>Intervenção fonoaudiológica em grupo de vivência de voz junto a coralistas de 50 a 90 anos</b>. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba (UTP), 2009.</li> <li>11. SILVA, Adma Aparecida da. <b>A relação entre a produção vocal para coro infantil e o sistema de produção vocal da fala</b> – um estudo interdisciplinar das aplicações em fonética e fonologia para o canto. Dissertação (Mestrado em Distúrbios em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (UFMG), 2009.</li> </ol>

2008	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. BALLESTEROS, Natalia Decotelli da Silva. <b>Orquestra de Vozes Meninos do Rio</b>: uma proposta de trabalho. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UNIRIO), 2008.</li> <li>2. FEDERIZZI, Roberta Bassani. <b>Processos educativos estéticos não formais e a memória étnica</b>: o caso do coral municipal Alegria Franciscana. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo (UPF), 2008.</li> <li>3. KOHN, Suani Sontag. <b>Nas teias da musicalidade</b>: práticas coralísticas e a constituição de identidades. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas (ULBRA), 2008.</li> <li>4. OLIVEIRA Sérgio Alberto de. <b>Café Ópera Coral de Mário de Andrade</b>: uma proposta para a poética do Coro-Cênico. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2008.</li> <li>5. SALOMÃO, Glaucia Lais. <b>Registros vocais no canto</b>: aspectos perceptivos, acústicos, aerodinâmicos e fisiológicos da voz modal e da voz de falsete. Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada e estudos da linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (PUC), 2008.</li> </ol>
2007	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. CARVALHO, Vivian de Assis. <b>Coral Cariúnas</b>: identidade, significado e performance. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, (UFMG), 2007.</li> <li>2. DRAHAN, Snizhana. <b>Ouvir a voz</b>: a percepção da produção vocal pelo Regente Coral – método e formação. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 2007.</li> <li>3. GONÇALVES, Tatiana de Abreu Castro. <b>Correlação entre sintomas vocais e suas possíveis causas em um grupo de coralistas da cidade de São Paulo</b>. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (PUC), 2007.</li> <li>4. LIMA, Maria José Chevitarese de Souza. <b>O Canto Coral como agente de transformação sociocultural nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho</b>: educação para liberdade e autonomia. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e ecologia social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2007.</li> <li>5. MARDINI, Bruno Silva. <b>Coral Mãe de Deus – Tupanciretã/RS</b>: É metade da minha vida, só quem canta sabe o que é, né? Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (UFSM), 2007.</li> <li>6. OLIVEIRA, Rogério Rodrigues de. <b>Arturo Toscanini e performance da música coral-sinfônica</b>: uma reflexão à luz da teoria estética de Eduard Hanslick. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Goiás, Goiânia (UFG), 2007.</li> <li>7. PELA, Sandra Maria. <b>Processamento temporal de afásicos coralistas de um espaço de convivência</b>. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo (USP), 2007.</li> <li>8. RASSLAN, Manoel Câmara. <b>Coral da UFSM</b>: de um 'Canto' a outro a observação das práticas e sentidos da música na instituição. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2007.</li> </ol>
2006	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. PINHEIRO, Rodrigo Falson. <b>Coletânea de exercícios para o desenvolvimento da leitura e da redução ao piano de partituras corais</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2006.</li> <li>2. SCHLEIFER, Tatiane Guimarães. <b>Regentes de corais evangélicos</b>: formação e educação vocal coralistas. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba (UNIMEP), 2006.</li> <li>3. VERTAMATTI, Leila Rosa. <b>Ampliando o repertório do coro infanto-juvenil</b>: um estudo de repertório inserido numa nova estética. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto (UNESP), 2006.</li> </ol>

2005	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. BÜNDCHEN, Denise Blanco Sant'Anna. <b>A relação ritmo-movimento no fazer musical criativo</b>: uma abordagem construtivista na prática de canto coral. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (UFRGS), 2005.</li> <li>2. COSTA, Paulo Rubens Moraes. <b>Diagnose em canto coral</b>: parâmetros de análise e ferramentas para a avaliação. Dissertação. (Mestrado em Artes). Universidade De São Paulo, São Paulo (USP), 2005.</li> <li>3. MALUF, Júlio César Giudice. <b>Afinando diferenças</b>: o processo de construção artística do Coral Cênico Cidadãos Cantantes. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual Paulista de Mesquita Filho, São José do rio Preto (UNESP), 2005.</li> <li>4. ROSA, Lília de Oliveira. <b>Música brasileira para coros infantis (1960-2003)</b>: catálogo on-line com obras à capella. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2005.</li> <li>5. SOARES, Ana Yara de Campos Pereira. <b>A história do Coral Universitário na PUC-Campinas (1965-2004), a partir da voz de seus egressos</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas (PUC/Campinas), 2005.</li> <li>6. SOUZA, José Ferreira de. <b>Canto, encanto e desencanto</b>: um estudo da tensão entre a prática do canto coral frente às novas tendências musicais nas Igrejas Batistas na cidade de Campinas. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo (UMESP), 2005.</li> <li>7. SZPILMAN, Ricardo Goldfeld. <b>Repertório pra corais iniciantes</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2005.</li> <li>8. TEIXEIRA, Lúcia. H. P. <b>Coros de empresa como desafio para a formação e a atuação de regentes corais: dois estudos de caso</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (UFRGS), 2005.</li> </ol>
2004	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. ALFONZO, Neila Ruiz. <b>Prática coral: um plano de composição</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UFRJ), 2004.</li> <li>2. CASOL, Mauricéia. <b>Benefícios do canto coral para indivíduo idosos</b>. Tese (Doutorado em Clínicas Médicas e Ciência da Saúde). Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (PUC), 2004.</li> <li>3. PRESTES, Zobeida Maria Folgearini. <b>Apoio respiratório na voza cantada</b>: técnicas e contextos. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal da Bahia, Salvador (UFBA), 2004.</li> </ol>
2003	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. ASSUMPTÃO, Solange Roseli Martinelli de. <b>O canto coral sob a perspectiva da educação musical formal</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto. (UNESP), 2003.</li> <li>2. AZEVEDO, Joana Christina Brito de. <b>Coro cênico</b>: estudo de um processo criador. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Goiás, Goiânia (UFG), 2003.</li> <li>3. DARÓZ, Irandi Fernando. <b>Canto nos recantos do estado de São Paulo</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto (UNESP), 2003.</li> <li>4. JARRUS, Marta Essuane. <b>Análise clínica fonoaudiológica do comportamento vocal e laringológico de um coral infanto-juvenil</b>. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba (UTP), 2003.</li> <li>5. RAMOS, Marco Antônio da Silva. <b>Ensino da Regência Coral</b>. Tese (Livre-docência). Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo, 2003.</li> <li>6. SANTOS, Jane Borges de Oliveira. <b>Biografia documentada de José Vieira Brandão (1911-2002)</b>: Pianista, educador, regente coral e compositor. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo (USP), 2003.</li> <li>7. SOARES, Gina Denise Barreto. <b>Coro infantil</b>: educação musical e ecologia social a partir das ideias de Koellreutter e Guattari. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do estado do rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UNIRIO), 2003.</li> <li>8. SOUZA, Sandra Mendes Sampaio de. <b>O arranjo coral de música popular brasileira e sua utilização como elemento de educação musical</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, São José do Rio Preto (UNESP), 2002.</li> </ol>

2002	<p>1. HERNANDES, Edlainy Oliveira Cavalcanti. <b>Desenvolvimento emocional através do canto coral na terceira idade</b>. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (PUC), 2002.</p> <p>2. REHDER, Maria Inês B. Cornacchione. <b>Análise perceptivo-auditiva e acústica da emissão de vogal sustentada falada e cantada de regentes de coral</b>. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo (UNIFESP), 2002.</p> <p>3. SHRADER, Erwin. <b>O canto coral na cidade de Fortaleza/CE: 60 anos (1950-1999) na perspectiva dos regentes</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Bahia, Salvador (UFBA), 2002.</p> <p>4. SENA, Maria Alice da Silva Ramos. <b>Construindo a identidade coral: a formação do pensamento musical a partir da teoria dos complexos de Vygotsky – um estudo de caso</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UNIRIO), 2002.</p>
2001	<p>1. ANDRADE, Margaret Amaral de. <b>Avaliação em execução musical: estudo sobre critérios utilizados por regentes de grupos corais escolares</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba (UFPR), 2001.</p> <p>2. LICHTLER, André Daniel. <b>O canto coral na comunidade cristã: reflexões e conclusões a partir de uma pesquisa social</b>. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo (EST), 2001.</p>
2000	<p>1. ESTEVES, Cláudio Antônio. <b>A obra vocal “de capella” de Padre José Maurício Nunes Garcia: seis edições e seus elementos de escrita</b>. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2000.</p> <p>2. KERR, Samuel Moraes. <b>A história da atividade musical na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo: uma fisionomia possível</b>. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto (UNESP), 2000.</p> <p>3. SIQUEIRA, Déborah Rossi de. <b>Camargo Guarnieri e sua obra para coro: catálogo, discussão e análise</b>. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2000.</p>
1999	<p>1. CAMPELO, Regina Celia Lopes. <b>O coro como fator musicalizador na Igreja Presbiteriana do Brasil</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1999.</p> <p>2. MORELENBAUM, Eduardo. <b>Coral de Empresa: um valioso componente para o projeto de qualidade total</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1999.</p> <p>3. OLIVEIRA, Sérgio Alberto de. <b>O coro Cênico: uma renovação da linguagem coral no Brasil</b>. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 1999.</p> <p>4. REHDER, Maria Inês B. Cornacchione. <b>Perfil vocal de regente de corais do estado de São Paulo</b>. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo (UNIFESP), 1999.</p> <p>5. SILVA, Vladimir Alexandro Pereira. <b>O repertório coral na literatura contemporânea: aspectos teóricos, gestuais, e vocais das coleções Música Nova do Brasil para coro à capela e arranjos corais de música popular brasileira</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Bahia, Salvador (UFBA), 1999.</p>
1997	<p>1. CURI, Lilian Zamorano. <b>Ensinando habilidades musicais básicas ao cantor de coral: avaliação de um programa de ensino</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (UFSCar), 1997.</p>
1996	<p>1. CHEVITARESE, Maria José. <b>A questão da afinação no coro infantil discutida a partir do Guia Prático de Villa-Lobos e das 20 rondas infantis de Edino Krieger</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UNIRIO), 1996.</p> <p>2. RAMOS, Marco Antônio da Silva. <b>Três discursos sobre composição musical: Missa Guaiami</b>. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo (USP), 1996.</p>
1994	<p>1. BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. <b>O canto coral como mediação ao desenvolvimento sócio cognitivo da criança em idade escolar</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (UFSM), 1995.</p>
1993	<p>1. TUPINAMBA, Irene Zagari. <b>Dois momentos, dois coros: por uma análise da evolução da linguagem coral no rio de Janeiro do séc. XX</b>. Dissertação (Mestrado em Música). Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1993.</p>
1992	<p>1. ZILLI, REGINA Maria. <b>O canto coral: trajetória histórica e importância na educação integral</b>. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba (UFPR), 1992.</p>

1990	1. FIGUEREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. <b>O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical.</b> Dissertação. (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (UFRGS), 1990.
1989	1. MARCO, Antônio da Silva. <b>Canto Coral: do repertório temático a construção do programa.</b> Dissertação. (Mestrado em Artes). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo (USP), 1989.